



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANGELA CAROLINE GIACOMITTI CARDOSO MIOLA

ASPECTOS HISTÓRICO-SOCIAIS DO FISCULTURISMO DE MULHERES NO BRASIL  
(1978-2015)

CURITIBA

2024

ANGELA CAROLINE GIACOMITTI CARDOSO MIOLA

ASPECTOS HISTÓRICO-SOCIAIS DO FISCULTURISMO DE MULHERES NO BRASIL  
(1978-2015)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, no Setor de Ciências Biológicas, na Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. André Mendes Capraro.

CURITIBA

2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Miola, Angela Caroline Giacomitti Cardoso.

Aspectos histórico-sociais do fisiculturismo de mulheres no Brasil (1978-2015). / Angela Caroline Giacomitti Cardoso Miola. – Curitiba, 2024.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. André Mendes Capraro.

1.Fisiculturistas. 2. Esportes para mulheres. 3. Esportes – Aspectos sociológicos.4. Esportes – História – Brasil. 5. Fontes de informação. 6. Esteroides anabólicos. 7. Prostituição. I. Capraro, André Mendes. II.Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. III. Título.



MINISTÉRIO DA  
EDUCAÇÃO SETOR DE  
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO FÍSICA-  
40001016047P0

### TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO FÍSICA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **ANGELA CAROLINE GIACOMITTI CARDOSO MIOLA** intitulada: **ASPECTOS HISTÓRICO-SOCIAIS DO FISCULTURISMO DE MULHERES NO BRASIL (1978-2015)**, sob orientação do Prof. Dr. **ANDRÉ MENDES CAPRARO**, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 13 de Novembro de 2023.

Assinatura Eletrônica

13/11/2023 23:05:41.0

ANDRÉ MENDES

CAPRARO

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

14/11/2023 13:14:08.0

JANICE

ZARPELLON MAZO

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL)

Assinatura Eletrônica

09/01/2024 11:30:35.0

TÁCITO PESSOA DE SOUZA JUNIOR

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

## RESUMO

A presente dissertação objetivou contextualizar histórica e socialmente o fisiculturismo de mulheres no Brasil entre os anos de 1978 e 2015, para tal o trabalho se dividiu em cinco artigos, sendo que cada um respondeu a um dos seguintes objetivos específicos da pesquisa: Elaborar um panorama da produção científica de artigos referente às Ciências Humanas ligados ao fisiculturismo, apresentar os acontecimentos iniciais relacionados ao fisiculturismo de mulheres no Brasil (1978-1999), compreender as modificações ocorridas no fisiculturismo de mulheres no Brasil (2000-2015), analisar as conseqüências da prática do fisiculturismo e evidenciar a hipersexualização que envolve a modalidade. Para o primeiro artigo adotou-se os percursos metodológicos da bibliometria, possibilitando acesso a artigos relacionados à temática. O segundo artigo utilizou de fontes jornalísticas para atingir o objetivo traçado. Os três últimos artigos utilizaram de entrevistas realizadas seguindo as recomendações da História Oral que forneceram as informações necessárias. Os resultados apontaram que a maior parte dos artigos acadêmicos encontrados se concentra em estudar as questões de gênero envolvendo a modalidade, havendo até então carência de estudos que se aprofundassem nos temas tratados pela dissertação no contexto brasileiro. Houve divergência no marco inicial encontrado pelas fontes jornalísticas com os artigos acadêmicos em relação ao início da participação de mulheres em campeonatos de fisiculturismo, sendo encontrado no ano de 1978 o primeiro registro. Evidenciou-se que o Brasil conseguiu criar uma identidade no fisiculturismo pela criação da categoria *Wellness Fitness*, os exageros cometidos pelos praticantes em prol da modalidade que acabam comprometendo a saúde e o convívio social e também a hipersexualização presente. Ressalta-se que o último tema foi incorporado devido à quantidade de relatos relacionados ao assunto nas entrevistas realizadas.

Palavras-chave: Fisiculturismo; História do Esporte; Sociologia do Esporte.

## ABSTRACT

This dissertation aimed to historically and socially contextualize women's bodybuilding in Brazil between the years of 1978 and 2015. To this end, the work was divided into five articles, each of which responded to one of the following specific research objectives: Develop an overview of scientific production of articles referring to Human Sciences linked to bodybuilding, present the initial events related to women's bodybuilding in Brazil (1978-1999), understand the changes that occurred in women's bodybuilding in Brazil (2000-2015), analyzes the consequences of the practice of bodybuilding and highlight the hypersexualization that involves the sport. For the first article, the methodological paths of bibliometrics were adopted, enabling access to articles related to the topic. The second article used journalistic sources to achieve the objective set. The last three articles used interviews carried out following the recommendations of Oral History, which provided the necessary information. The results showed that most of the academic articles found focus on studying gender issues involving the modality, there was until then, a lack of studies that delved deeper into the themes covered by the dissertation in the Brazilian context. There was divergence in the initial milestone found by journalistic sources with academic articles in relation to the beginning of women's participation in bodybuilding championships, with the first record being found in 1978. It was evident that Brazil managed to create an identity in bodybuilding through the creation of the Wellness Fitness category, the exaggerations committed by practitioners in favor of the sport that ended up compromising health and social life and also the present hypersexualization. It is noteworthy that the last theme was incorporated due to the number of reports related to the subject in the interviews carried out.

Keywords: Bodybuilding; Sports History; Sociology of Sport.

## SUMÁRIO

1 PROLOGO.....	08
2 INTRODUÇÃO .....	12
3 PERCURSOS METODOLÓGICOS.....	19
3.1 HISTÓRIA ORAL.....	21
4 ARTIGO 1- PERFIL DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE FISCULTURISMO NAS CIÊNCIAS HUMANAS .....	24
5 ARTIGO 2- O FISCULTURISMO DE MULHERES NO BRASIL DA PERSPECTIVA JORNALÍSTICA (1978- 1999).....	38
6 ARTIGO 3- PERDENDO MÚSCULOS E GANHANDO FORÇA: AS MODIFICAÇÕES OCORRIDAS NO FISCULTURISMO DE MULHERES NO BRASIL (2000-2015).....	56
7 ARTIGO 4-"CADA UM RESPONDE POR SI": AS CONSEQUÊNCIAS DA PRÁTICA DO FISCULTURISMO.....	78
8 ARTIGO 5- CORPOS EXPOSTOS: A HIPERSEXUALIZAÇÃO E PROSTITUIÇÃO NA ESFERA DO FISCULTURISMO BRASILEIRO DE MULHERES.....	93
9 CONCLUSÕES.....	107
10 EPÍLOGO.....	113
REFERÊNCIAS.....	114

## 1- PRÓLOGO

Eu iniciei no fisiculturismo aos 14 anos quando decidi começar a me preparar para uma competição, a partir daquele dia dediquei toda a adolescência para um único fim, ver meus músculos destacados. Até então, sem usar medicamentos intensificadores de estética, seguindo uma alimentação bastante restritiva e treinando todos os dias da semana, eu consegui aos 17 anos, estrear nos palcos do fisiculturismo. Entretanto, almejando apresentar meus músculos de forma mais evidente eu optei seguir pelo caminho da hipertrofia muscular e atingir níveis mais altos.

Naquele período o fisiculturismo era minha vida, ele estava em meu pensamento 24 horas por dia, sete dias por semana. Eu era envolta por um sentimento de amor que não sei explicar, nem o quanto nem o porquê, mas era capaz de fazer qualquer coisa para atingir meu objetivo - ser uma competidora profissional. Não para menos, eu fiz! Aos 18 anos, sem pensar duas vezes, me expus a todo e qualquer artifício que encontrasse que fosse capaz (ou ao menos promettesse) de me levar onde eu queria.

Hormônios, estimulantes, diuréticos, medicamentos veterinários, dietas mirabolantes, são alguns dos exemplos dos artifícios aos quais me expus. O exagero de minha parte foi tanto que poderia ter custado minha vida. Me lembro perfeitamente de uma de minhas desidratações a qual, ao passar do limite, não possuía mais forças se quer para me locomover. Mesmo assim eu não parava, eu segui fissurada no meu objetivo. Lembro-me também das pessoas falando “essas mulheres que você admira se parecem com homens”. Para mim tais comentários soavam como um elogio, eu mal podia esperar a hora que alguém falasse aquilo para mim, não porque gostaria de ser tida como masculina, mas sim porque teria certeza de que realmente meus músculos estariam como eu queria.

Ao total participei de sete competições, cheguei a ser campeã paranaense da categoria *Women's Physique*, até ali, a maior categoria do período (Figura 1). Os percursos para se tornar uma fisiculturista profissional até o ano de 2018 eram bastante complicados, não existiam competições qualificatórias no Brasil, era necessário ganhar dois campeonatos internacionais para poder solicitar um cartão profissional<sup>1</sup>, e para chegar ao nível de competir

---

<sup>1</sup> Quando um fisiculturista atinge o cartão profissional ele passa a ter vaga em campeonatos internacionais que contam pontos para o Mister Olympia, campeonato mais expressivo da modalidade.

tais campeonatos o caminho era árduo, eu estava bem longe disso, e ali estava meu fascínio, o desafio.

Figura 1



Angela Giacomitti. Acervo pessoal.

Não demorou muito para atingir uma musculatura desenvolvida e não demorou também para me deparar com problemas de saúde e efeitos colaterais. Eu passava mal constantemente, tive casos de compulsão alimentar, lesões de treinamento, alterações de humor, amenorreia, alteração na voz e outros efeitos virilizantes. Estava quase chegando à conclusão de que o fisiculturismo estava me deixando doente, mas eu jamais poderia admitir isso para mim mesma.

Em 2018, com a chegada dos campeonatos internacionais no Brasil, e a distribuição facilitada de cartões profissionais me vi desanimada, qual seria a graça de seguir por um caminho que agora não se apresentava mais como um desafio? Mesmo assim eu continuei, até porque eu me sentia muito bem vendo meus músculos, eu sentia uma admiração própria, quase um fascínio pelo próprio eu. Minha surpresa quando começaram, como eu queria, a me julgarem com uma aparência masculina, mais do que nunca, esse era o sinal de que eu estava atingindo níveis satisfatórios. Motivo de felicidade, não? Não! Ao contrário do imaginado por mim, o sentimento ao ouvir tais comentários não soavam mais como elogios, e sim como verdadeiros insultos, descobri que eu não queria me parecer como um homem, e sim como uma mulher forte.

Com os comentários cada vez mais constantes, os efeitos da prática mais intensos, os desafios menos instigantes e mudanças acontecendo em minha vida, o fisiculturismo foi

ficando mais longe, ele já não ocupava mais 100% do meu tempo. Em 2019, com 21 anos, tive um ano intenso, com muitas mudanças que somadas, me afastaram da modalidade.

Naquele ano eu também concluí minha graduação em Educação Física, mas até ali, durante minha formação uma dúvida pairava sobre minha cabeça. Decidida a não parar de estudar eu sentia uma vontade muito grande de seguir para o mestrado, mas ao mesmo tempo, sabia que não seria fácil conciliá-lo com o fisiculturismo e eu não queria dividir minha atenção. Sempre tive uma admiração muito grande por meus professores e desde o primeiro ano da faculdade essa questão estava em meus pensamentos, lembro-me de inclusive tratar dela com a psicóloga esportiva que me acompanhava “eu quero muito, mas não posso correr o risco de me desviar do fisiculturismo”.

Após me afastar da modalidade em 2019, no ano seguinte eu tentei voltar. Envergonhada por ter parado, por desistir do que mais amava, mas me sentindo bem por estar melhor, melhor psicologicamente, melhor fisicamente, mais bonita e mais saudável, as críticas que ouvia foram substituídas por elogios e aquilo me fez bem, me fazendo questionar mais uma vez se deveria mesmo voltar. Acredito que tive uma crise de identidade, como eu poderia não gostar mais de fazer o que até então eu mais amava fazer? Como eu iria explicar a situação para as pessoas? Essa fase perdurou por alguns meses e foi um tormento, mas no fim eu decidi que realmente havia encerrado como fisiculturista, e com isso deveria buscar meu outro desejo.

Comecei então a pesquisar muito, por pessoas que poderiam me ajudar, por temas que poderia estudar, por formas de vincular meus estudos com o fisiculturismo, de uma maneira que a meu ver pudesse agregar para a modalidade. Nesse processo encontrei o Prof. Dr. André Mendes Capraro, que me ajudou a desenvolver a ideia, o projeto, as leituras e tudo o que foi necessário para esse fim. Com isso o fisiculturismo já não era mais uma paixão, mas sim um objeto de estudo, o qual tentei ao máximo me afastar como pessoa e me aproximar como pesquisadora.

Distante do meio pude perceber uma situação que me instigou muito: dentro do fisiculturismo só se fala em fisiculturismo! Quando me vi livre de tal fanatismo, pude desenvolver outras áreas da minha vida, cresci como mulher e espiritualmente, foquei no meu lado profissional e nos estudos. Vi a paixão que sentia pela modalidade, “morrer aos poucos”. Não venho aqui falar apenas de situações ruins, o fisiculturismo me formou, ele me acompanhou a adolescência toda, e sei que meus esforços não foram em vão. Graças a ele aprendi a ter controle sobre meu próprio corpo, ser disciplinada, focar no que eu queria. Da

mesma forma, o fisiculturismo me ensinou a trabalhar, me fez criativa e desenvolta, hoje não tenho vergonha de me expor graças aos palcos que me apresentei. Certamente me arrependo de coisas que fiz, mas tenho certeza de que não seria eu se não as tivesse feito.

Para mim, estudar o fisiculturismo e poder agregar conhecimento na modalidade soa como forma de agradecimento. Não quero que outros cometam os mesmos erros que eu. Também não quero abandonar algo que em minha vida foi tão importante sem deixar-lhes uma contribuição, afinal fui muito feliz enquanto fisiculturista, mas também senti seu lado amargo, já estive dentro e hoje estou fora da bolha. Creio que há coisas que precisam ser ditas, e por isso, dediquei parte de meu desenvolvimento profissional e intelectual a elas, essa dissertação de mestrado. Aqui está minha contribuição ao fisiculturismo de mulheres.

## 2- INTRODUÇÃO

O século XX marcou o início da valorização de corpos musculosos pelo mundo, a arte de mostrar o corpo, a chamada cultura física, que hoje conhecemos por musculação. Não restrito aos homens, a partir da década de 1930 os músculos foram valorizados nas mulheres, a preocupação feminina com a musculatura foi evidenciada principalmente pela atenção que foi dada às celulites, consideradas no período como um grande problema estético, fazendo reforçar também a afeição das mulheres pelos regimes alimentares e a prática de exercícios (VIGARELLO, 2006).

Com o apressado pela musculatura, surgiu em meados da década de 1940 o fisiculturismo, a modalidade de exibição dos músculos (SCHWARZENEGGER, 2001). Inicialmente praticado apenas por homens o fisiculturismo se espalhou da Europa para o mundo (SCHWARZENEGGER, 2001; NEVES, 2012). Entretanto, somente ganhou reconhecimento na década de 1970 pelo chamado *boom* do *fitness* (MILLINGTON, 2016), quando a modalidade passou por uma revolução marcada pela entrada de homens fortes no cinema e a valorização mais acentuada das práticas de ginástica (SCHWARZENEGGER, 2001). Foi na década de 1970 também que as competições de fisiculturismo passaram a contar com a participação de mulheres, Lisa Lyon (Figura 02) foi a primeira fisiculturista mulher a se destacar, seguida por Rachel McLish (Figura 03), primeira ganhadora do Mister Olympia, considerado o campeonato mais importante de fisiculturismo do mundo (SCHWARZENEGGER, 2001).

Figura 2



Figura 2 disponível em: <https://gregorytaper.com/2010/03/15/physical-culture-lisa-lyon/>

Figura 3



Figura 3 disponível em: <https://biographypedia.org/where-is-bodybuilder-rachel-mclish-now-wiki-spouse-family/?amp>

Inicialmente as mulheres se apresentavam seguindo um único padrão muscular, nomeado como a categoria *Bodybuilder* feminino (LEÃO, 2015. b). Com a participação de um maior número de competidoras e o desenvolvimento da modalidade, a categoria passou por modificações e as mulheres começaram a se apresentar nas competições com músculos extremamente hipertrofiados. Segundo Schwarzenegger (2001), a competidora Kim

Chizevsky (Figura 4) foi a primeira mulher fisiculturista famosa que teve sua estética questionada pelo excesso de músculos aparentes, durante a década de 1990.

Figura 4

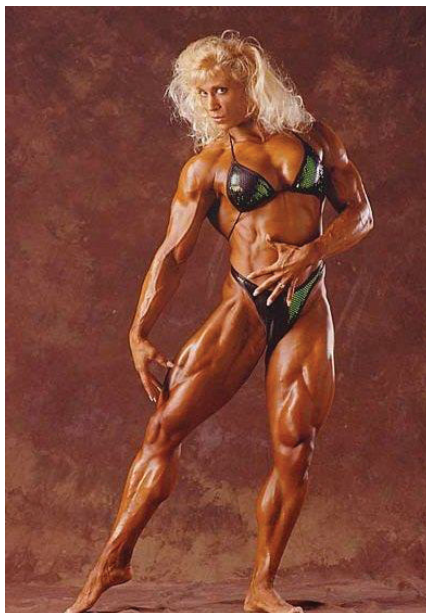


Figura 4 disponível em: <https://www.evolutionofbodybuilding.net/kim-chizevsky/>

Com a chegada dos anos 2000 as categorias de mulheres começaram a ser divididas e foram criados padrões estéticos menos hipertrofiados do que o *Bodybuilder* feminino, que veio a ser excluído das competições no ano de 2015 (LEÃO, 2015. b). Ao estudar o desenvolvimento dos padrões considerados como belos em um longo período histórico, pode-se perceber a frequência de alterações destes padrões de tempos em tempos, como bem demonstrado por Vigarello (2003) e Eco (2004). No fisiculturismo não é diferente: a modalidade sofreu alterações de padrões no decorrer de seu desenvolvimento.

Ao tratar-se de mulheres no fisiculturismo brasileiro, Leão (2015. b) considera que as primeiras participações aconteceram na década de 1980, mais precisamente em 1984, no Rio de Janeiro. Entretanto, ao realizar uma busca na Hemeroteca Digital Nacional encontraram-se relatos de mulheres competindo no fisiculturismo no Brasil no ano de 1978. Sendo assim, a questão norteou a presente dissertação: Qual é o contexto histórico do fisiculturismo de mulheres no Brasil? Para responder à questão optou-se por adotar o seguinte recorte temporal: 1978-2015, marcado pela primeira ocorrência encontrada sobre a participação de mulheres brasileiras em campeonatos e o ano de exclusão da primeira categoria de fisiculturismo de mulheres (LEÃO, 2015. a). Inicia-se, para tanto, compreendendo as bases do fisiculturismo.

Para que os competidores de fisiculturismo consigam se enquadrar nos padrões musculares eles precisam passar por um complexo processo de preparação. Este processo combina treinamento variado de musculação, aliado a exercícios de cunho aeróbico (ALVES; *et al*, 2020), alimentação restritiva e, na maior parte dos casos, uso de recursos ergogênicos<sup>2</sup>, como por exemplo, esteróides anabolizantes e outros hormônios (HALUCH 2017; 2018). A rotina de preparação dos competidores, por ser muito vigorosa, pode desencadear diferentes problemas que impactam nos envolvidos, como distúrbios alimentares, lesões de treinamento, efeitos colaterais do uso de medicamentos (ESTEVÃO, 2005) e comportamentos agressivos (SANTOS; MACIEL; MENEGETTI, 2011). Estes “efeitos colaterais” impactam na qualidade de vida dos competidores (GIACOMITTI CARDOSO; OSIECKI, 2022).

Segundo Michels Lucht *et al.* (2011) o uso de recursos ergogênicos hormonais no fisiculturismo encontra-se presente em todas as fases competitivas da modalidade, e se justifica pelo padrão comportamental dos praticantes: fatores motivacionais radicais, a preocupação com a performance, a autoestima elevada acima de padrões de normalidade e comportamentos narcisistas. Smith e Stewart (2012) defendem que não há pudor ao se tratar da utilização de drogas hormonais por parte dos fisiculturistas e, em muitos casos, os competidores não se preocupam com a procedência dos produtos e nem com as validações científicas dos seus respectivos usos, demonstrando certo descaso com a própria integridade física. Probert e Leberman (2009) revelaram a existência de um lado obscuro no fisiculturismo, no qual os competidores se motivam ao se colocarem em situações perigosas. De acordo com Monaghan *et al.* (2000), além do uso naturalizado de hormônios no meio, alguns competidores se sujeitam também ao uso de outras substâncias perigosas, como a efedrina, que pode gerar dependência química, afetar a saúde e, também, as relações sociais.

Quando se trata de mulheres, a situação tende a ser mais grave, tendo em vista que a exposição destas a determinados recursos ergogênicos, como por exemplo, a testosterona em doses supra fisiológicas, leva o desenvolvimento de músculos para além de sua natureza. Características virilizantes podem ser adquiridas, tais quais: nascimento de pelos em locais de prevalência sobretudo em homens, engrossamento da voz, aumento de clitóris, amenorréia, etc. Estes efeitos colaterais tendem a deixar as praticantes com perfis que socialmente não são bem-vistos, desencadeando outra série de complicações no convívio cotidiano, problemas descritos por Shilling e Bunsell (2009). Considerando que as mulheres estão tão expostas aos problemas de saúde quanto os homens, mas sofrem mais efeitos colaterais, pode-se concluir

---

<sup>2</sup> Qualquer recurso, medicamentoso ou não, usado com propósito de melhorar o desempenho (MINUZZI, 2021).

que elas são mais fortemente afetadas pelo uso de hormônios do que os competidores do sexo masculino, sendo essa uma compreensão importante para entender o fisiculturismo de mulheres.

Assim como a compreensão dos efeitos de intensificadores de estética nas competidoras, outras questões que precisam ser entendidas para atingir o objetivo de contextualizar histórica e socialmente o fisiculturismo de mulheres no Brasil entre os anos de 178 e 2015, como compreender as dinâmicas federativas da modalidade, o desenvolvimento das categorias femininas e a hipersexualização presente na modalidade, uma vez que o fisiculturismo se baseia na exibição do corpo. Consequentemente surgiu à necessidade de investigar o conhecimento acadêmico prévio sobre o tema, sendo que o levantamento dos estudos de dissertação e teses publicados seguem abaixo, enquanto a revisão bibliométrica de artigos relacionados representa o primeiro artigo da dissertação.

### 3- PRODUÇÃO EM DISSERTAÇÃO E TESES

Com fim investigativo, seguiu-se para o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em busca de trabalhos de mestrado e doutorado produzidos no Brasil referentes à temática, considerando todos os trabalhos encontrados independentemente do período ou da área de conhecimento. Para tal fim utilizou-se o buscador “fisiculturismo” possibilitando acesso a 21 trabalhos, sendo cinco teses e 16 dissertações, como apresentadas no (Quadro 1) teses e (Quadro 2) dissertações. Os quadros seguem a ordem de apresentação oferecida pela plataforma.

Quadro 1- Teses sobre fisiculturismo

Ano	Título da pesquisa	Autor	Orientador	Universidade	Área de concentração
2019	Evidências de validade da escala “shape” de imagem corporal em fisiculturistas	Patrícia Oliveira Carbone	Maria Regina Ferreira Brandão	Universidade São Judas Tadeu	Escola, esporte, atividade física e saúde
2019	Sem dor sem ganho: uma análise da prática discursiva “motivacional” do fisiculturismo	Tatiana Jardim Gonçalves	Décio Orlando Soares da Rocha	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	Estudo de língua
2009	Mulheres atletas da potencialização muscular e a construção de arquiteturas corporais no fisiculturismo	Angelita Alice Jaeger	Silvana Vilodre Goellner	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Ciências do movimento humano

2005	A política no corpo: mulheres fisiculturistas, corpos hiperbólicos	Adriana Estevão	Edson Passetti	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Ciências Sociais
2005	Dieta e anabolizantes: intercorrência sobre parâmetros bioquímicos, espermograma e PSA em fisiculturistas das diferentes fases do treinamento	Thérbia Maria de Medeiros Guerra	Francisca Martins Bion	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Ciências da Saúde
Total: Cinco Teses publicadas.					

Fonte: Os autores- adaptado do catálogo da CAPES (2022)

### Quadro 2- Dissertações sobre fisiculturismo

Ano	Título da pesquisa	Autor	Orientador	Universidade	Área de concentração
2021	Cinética e eixo GH/IGF-I em fisiculturistas do sexo feminino ao longo de sua preparação para competição	Diana Paula Pandochi Fernandes Monteiro	Hugo Tourinho Filho	Universidade de São Paulo (Ribeirão Preto)	Atividade física e esporte
2021	Corpo e excelência: uma etnografia sobre práticas de self-enhancement e intensidade no bodybuilding	Gabriel Salgado Ribeiro	Cristina Dias da Silva	Universidade Federal de Juiz de Fora	Cultura, poder e instituições
2021	Um estudo sobre o processo de esportivização do fisiculturismo feminino brasileiro	Iasmim Leguissano dos Santos	Luiz Carlos Rigo	Universidade Federal de Pelotas	Movimento humano, educação e sociedade
2020	Análise das estratégias nutricionais, composição corporal e nível de hidratação em fisiculturistas da peakweek	Thiago Sousa Reinaldo	Nelo EidyZanchi	Universidade Federal do Maranhão	Biodinâmica do movimento humano
2020	Os sentidos da construção estética de atletas de fisiculturismo	Caio Tavares Arraes	Roberta Souza Melo	Universidade Federal do Vale do São Francisco	Atividade física, saúde e educação
2020	Polimorfismo e víveis solúveis de HLA-G em fisiculturistas	Talita Morais Ferandes	Enrico FuiniPuggina	Universidade de São Paulo (Ribeirão Preto)	Atividade física e esporte
2019	Sobrevivendo ao estigma da hipertrofia: notas etnográficas	Elaine de Queiroz	Rafael Silva	Universidade do Estado do	Aspectos Biopsicossociais

	sobre o fisiculturismo feminino no Rio de Janeiro	Grivet	Matos	Rio de Janeiro	do exercício Físico
2018	Aspectos morfológicos e nutricionais de fisiculturistas amadores em diferentes fases de treinamento	Natalia Bonicotro Fonsati	Henrique Luiz Monteiro	Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho	Avaliação e intervenção em fisioterapia
2018	Avaliação de aspectos da saúde e características do treinamento de atletas ativos de fisiculturismo em diferentes modalidades	Bruno Corauci Neto	Nereida Kilza da Costa Lima	Universidade de São Paulo (Ribeirão Preto)	Medicina (Clínica Médica)
2018	Body Building Music: sistema interativo para criação musical controlado por performance	João Paulo Silva Monnazzi	Regis Rossi Alves Faria	Universidade de São Paulo	Aplicações musicais aumentadas e música reativa
2018	Efeito agudo da suplementação de carboidrato e proteína sobre o comportamento do eixo GH-IGF-I em fisiculturistas	Marilia Roque Mansur	Eurico FuiniPuggina	Universidade de São Paulo (Ribeirão Preto)	Atividade Física e esporte
2017	“Foco, força e fé”: uma etnografia sobre o fisiculturismo feminino em Salvador- Ba	Marilia da Silva Lima	Nubia Bento Rodrigues	Universidade Federal da Bahia	Antropologia social e cultural
2017	Hardcore ladies: o fisiculturismo de mulheres	Gabriela Cassia Grimm	Laura Perez Gil	Universidade Federal do Paraná	Antropologia
2017	Yukio Mishima e Nathalie Gassel: conexões entre fisiculturismo e arte	Camila Riberio Almeida Rezende	Ricardo de Cristofaro	Universidade Federal de Juiz de Fora	Teorias e processos poéticos interdisciplinares
2013	Cinema e culto ao corpo: Rambo e Capitão América como PersonalTrainers	Alexandre de Medeiros Jordão	Mauricio Reinaldo Gonçalves	Universidade de Sorocaba	Mídias
2010	O corpo representado por mulheres atletas de bodybuildig	Daniela Fantoni de Lima Alexndrino	Maria Elisa Caputo Ferreira	Universidade Federal de Viçosa	Educação Física
<b>Total: 16 dissertação publicadas</b>					

Fonte: Os autores- adaptado do catálogo da CAPES (2022)

Do material encontrado, referente a dissertações e teses, oito trabalhos trataram especificamente do fisiculturismo de mulheres, e do total dez trabalhos foram elaborados com base nas Ciências Humanas. Na busca não foi encontrado nenhum trabalho que investigasse o fisiculturismo pela perspectiva histórica, também não foi possível identificar nenhum pesquisador que tenha estudado a modalidade em ambas as formações (mestrado e doutorado).

#### 4-PERCURSOS METODOLÓGICOS

A presente dissertação seguirá o formato de apresentação *multipaper* (BADLEY, 2009) que subdivide a pesquisa em estudos (artigos) independentes. Em síntese, cada artigo apresenta parte dos resultados de acordo com o tema por ele proposto, centrando-se nos objetivos específicos e, ao final, a união dos artigos possibilita responder o problema de pesquisa (COSTA, 2014). O formato se torna vantajoso, pois aumenta a velocidade de publicação dos estudos, permite que um maior número de leitores seja atingido quando comparado ao método tradicional de apresentação de teses e dissertações (BADLEY, 2009) e vem, portanto, ganhando força no meio acadêmico (MUTTI; KLUBER, 2018).

Para tal, tendo como objetivo geral contextualizar histórica e socialmente o fisiculturismo de mulheres no Brasil entre os anos de 1978 e 2015, tornou-se necessário formular os seguintes objetivos específicos, sendo cada um deles atingido por um artigo: a) Elaborar um panorama da produção científica de artigos referente às Ciências Humanas ligados ao fisiculturismo, b) Apresentar os acontecimentos iniciais relacionados ao fisiculturismo de mulheres no Brasil (1978-1999), c) Compreender as modificações ocorridas no fisiculturismo de mulheres no Brasil (2000-2015), d) Analisar as conseqüências da prática do fisiculturismo, por fim, o objetivo e) Evidenciar a hipersexualização que envolve a modalidade. Em sequência se descreve em mais detalhes o conteúdo e a metodologia adotada em cada artigo.

O primeiro artigo, intitulado de “Perfil de produção científica sobre fisiculturismo nas ciências humanas”, teve por objetivo elaborar um panorama da produção científica de artigos referente às Ciências Humanas ligados ao fisiculturismo. Para tal utilizou-se dos procedimentos metodológicos da bibliometria, que se baseia em levantar informações quantitativas sobre as publicações relacionadas a um determinado tema (FERREIRA, 2010). Foram realizadas buscas em duas plataformas compatíveis ao tipo de estudo procurado que

apresentassem artigos de alto fator de impacto, a *Scopus* e a *Web of Science*. Para realização das buscas se utilizou o termo “*bodybuilding*”, aplicado aos títulos, resumos e palavras-chave. A escolha do termo como buscador se deu pelo fato de ambas as plataformas apresentarem a versão dos artigos em inglês, possibilitando assim o acesso a materiais escritos em todas as línguas. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, um total 159 estudos compuseram a amostra e foram enquadrados e analisados.

O segundo artigo desta dissertação, intitulado de “O fisiculturismo de mulheres no Brasil na perspectiva jornalística (1978-1999)”, se concentrou em apresentar os acontecimentos iniciais relacionados ao fisiculturismo de mulheres no Brasil entre os anos descritos. Para atingir tal objetivo optou-se pela utilização de fontes jornalísticas (BARROS, 2021), sendo realizada uma busca no acervo da Hemeroteca Nacional Digital, que tem por objetivo a preservação e o fácil acesso de conteúdo de jornais brasileiros (GIORDANO, 2016). Como ferramenta chave de busca se utilizou o termo “fisiculturismo”. Optou-se pela não utilização de termo que restringisse a busca à participação de mulheres na modalidade, para que não se perdesse informações importantes relacionadas à modalidade no período estudado. A busca apresentou 407 ocorrências que foram todas lidas integralmente. Destas, 68 foram consideradas, pois se relacionavam diretamente com a participação de mulheres ou traziam informações pertinentes. O recorte temporal se deu pela primeira ocorrência encontrada sobre uma mulher no fisiculturismo (1978) e seguiu até o ano de (1999), sendo que a partir do ano 2000 ocorreram modificações nas dinâmicas das competições e as temáticas foram tratadas pelos demais artigos. Os temas mais relevantes encontrados foram: as categorias de fisiculturismo, o uso de esteróides anabolizantes por parte das competidoras, os incentivos financeiros e a mídia formada ao redor da modalidade.

Os artigos três, quatro e cinco, de natureza qualitativa (GOELLNER, *et al*, 2010), basearam-se em fontes orais, coletadas por meio da metodologia da História Oral. Meihy (p. 17, 1996) considera a História Oral como “[...] um recurso moderno usado para a elaboração de documentos e estudos referentes à vida social das pessoas [...]”, ou seja, entrevistas são gravadas com agentes que vivenciaram o tema a ser estudado e posteriormente são transcritas para formar um documento, que será utilizado como uma fonte histórica. Para melhor compreensão, na sequência a apresentação dos artigos encontram-se as explicações metodológicas referentes a História Oral.

O artigo de número três, intitulado de “Perdendo músculos e ganhando força: as modificações ocorridas no fisiculturismo de mulheres no Brasil (2000-2015)”, foi o primeiro

a adotar metodologicamente a História Oral, teve como objetivo compreender as modificações ocorridas no fisiculturismo de mulheres no Brasil entre os anos de 2000-2015. O artigo tratou das mudanças ocorridas na modalidade de mulheres no período correspondente ao recorte temporal, incluindo a criação da categoria brasileira.

O artigo quatro, intitulado de: “‘Cada um responde por si’: as consequências da prática do fisiculturismo” formou-se pelos relatos recorrentes de atitudes comprometedoras à saúde e do uso de recursos ergogênicos considerados, pelos entrevistados, essenciais para o fisiculturismo, tendo por objetivo analisar as consequências da prática do fisiculturismo, carregado por um papel fundamental para compreensão da modalidade.

Por fim, o artigo cinco, intitulado de “Corpos expostos: A hipersexualização e a prostituição na esfera do fisiculturismo brasileiro de mulheres” foi escrito com o objetivo de investigar a ligação do fisiculturismo de mulheres com a prostituição presente na modalidade. Mesmo considerando que a modalidade se vincula diretamente com a exposição corporal dos competidores, surpreendeu a quantidade de relatos obtidos nas entrevistas envolvendo propostas sexuais. Portanto, o artigo de número seis foi incorporado a dissertação pela relevância do tema<sup>3</sup>.

Para melhor compreensão metodológica dos três últimos artigos citados anteriormente segue abaixo as explicações referentes à História Oral.

### **3.1- HISTÓRIA ORAL**

A História Oral busca, a partir da oralidade, narrar fatos ocorridos em determinado período, utilizando uma série entrevistas planejadas de acordo com os fatos históricos (ALBERTI, 2005). A oralidade de um fato é expressa pela memória que aquele fato trás no momento presente, portanto encontra-se constantemente em transformação (DELGADO, 2017). Para Catroga (2015) a memória se forma a partir de como o indivíduo guarda um determinado acontecimento e a relação que tem com essa lembrança no presente, e pode vir a se modificar no decorrer do tempo pelas experiências adquiridas ou os sentimentos que se modificaram, pois se trata de um acontecimento percebido em dois tempos, o passado e o presente, da forma como o indivíduo percebeu a situação quando estava acontecendo e

---

<sup>3</sup> Para aprimorar ainda mais a qualidade dos artigos todos foram avaliados por um grupo focal de estudantes de pós-graduação, mestrandos e doutorandos na área de estudo compatível à dissertação. A interação possibilitou a abertura de um leque de conhecimento, agregando valor por meio de discussões que enriqueceram a pesquisa, e se tornou muito importante para a elaboração e o desenvolvimento do projeto, cabendo aqui um agradecimento especial aos envolvidos.

atualmente, podendo haver distorções dos fatos. A memória é seletiva e possui uma estreita ligação com a identidade (POLLAK, 1992). A identidade por sua vez é a percepção que uma pessoa adquire em relação a si própria ou ao grupo ao qual se insere, sendo tal percepção um elemento fundamental para a construção das memórias (POLLAK, 1992). Candau (2011) considera a identidade como a ideia que um indivíduo tem sobre quem ele é, e acredita que a memória permite unir o indivíduo em quem já foi a quem se é, portanto, a perda da memória também é a perda de identidade. Com isso pode-se perceber a importante relação entre os dois conceitos e o quão impactante isso pode ser em estudos que se baseiam na História Oral.

Quando se trata de narrar fatos históricos a partir de memórias é preciso tomar alguns cuidados, pois, como explica Portelli (1997b), as memórias de duas pessoas jamais serão as mesmas, portanto um fato presenciado por mais pessoas terá várias versões, alteradas pela memória de cada um. Com isso, torna-se importante coletar entrevistas variadas de pessoas com experiências relevantes em um tempo/assunto/fato.

Seguindo as recomendações de Alberti (2005) foi criada uma lista contendo nomes de possíveis entrevistados, levando em consideração o envolvimento e a participação destes em relação ao tema no período estudado. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília- CEP/CHS 2020, mediante ao parecer de número 6.028.755. Em segundo momento os integrantes da lista foram convidados a contribuir com o estudo, sendo-lhes explicado como a pesquisa aconteceria, tendo acesso também ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O TCLE é um documento que tem como função garantir o compromisso de resguarda e a integridade dos participantes do estudo, minimizando desconfortos, discriminações e garantindo a privacidade, sendo que, se fosse conveniente para si, o entrevistado poderia solicitar seu anonimato (GOLDIM; et al., 2003). Após a leitura do TCLE uma das participantes optou por não participar do estudo, pois considerou traumático falar sobre o assunto, tendo sua entrevista cancelada. Os outros cinco participantes concordaram com o TCLE e permitiram ter seus nomes divulgados. Com isso as entrevistas foram marcadas, todas de forma presencial, individual e em locais escolhidos pelos entrevistados, se estendendo a quatro estados brasileiros (Goiás, Minas Gerais, Paraná e Rio de Janeiro) <sup>4</sup>.

De acordo com os parâmetros de Alberti (2005), as entrevistas da pesquisa podem ser classificadas como temáticas (a qual se trata de um assunto específico da vida do

---

<sup>4</sup> Todos os custos das viagens foram financiados por recursos pessoais da pesquisadora, que até a data em questão não possuía financiamento. Entretanto na sequência da formação a pesquisadora contou com o auxílio da bolsa de estudos da CAPES.

entrevistado) e qualitativas (pois a qualidade das entrevistas importa mais do que o número de entrevistados). O quadro de entrevistados foi composto por duas mulheres e um homem que foram competidores de fisiculturismo no período estudado (2000-2015) e dois representantes de federações que contribuíram de forma direta para o desenvolvimento da modalidade no Brasil.

As entrevistas se nortearam por um roteiro pré-estabelecido, sendo que o formulado para os competidores foi diferente daquele dos representantes de federações. Cada entrevista também conteve um roteiro individual, elaborado a partir do conhecimento prévio em relação às vivências de cada entrevistado. Entretanto, é importante salientar que, mesmo com a elaboração do roteiro, as entrevistas não se ativeram somente a ele e nem seguiram sua ordem de forma restrita. Todas as entrevistas aconteceram em formato presencial e tiveram o TCLE assinado pelos participantes. A primeira entrevista aconteceu em Goiânia-GO, a segunda em Uberlândia-MG, a terceira no Rio de Janeiro-RJ, seguido por duas entrevistas em Curitiba-PR.

Ainda seguindo as instruções de Alberti (2005), as entrevistas foram gravadas em dois gravadores de voz de forma duplicada, para garantir a segurança das fontes. Posteriormente, elas foram transcritas em formato literal, para que formassem documentos. Estes, por sua vez, foram enviados aos participantes para possíveis esclarecimentos. Todos os participantes tiveram acesso às transcrições de seus depoimentos. Logo após, os documentos passaram por uma análise de fontes e pautaram a redação de quatro artigos. Entretanto, para a elaboração da tais artigos, o estudo não se baseou em responder hipóteses, uma vez aplicada a metodologia de História Oral. Portelli (1997a), por exemplo, defende que o uso de hipóteses se torna inadequado na realização de estudos deste tipo, pois o conteúdo das fontes orais depende de fatores que nem sempre podem ser controlados pelo pesquisador, podendo, assim, não corresponder às hipóteses traçadas inicialmente.

A escolha dos entrevistados se deu partindo da importância em obter relatos vindos de diferentes pontos de vista, logo se optou por entrevistar representantes de federações distintas, sendo Paulo Veloso escolhido por ser o responsável por trazer ao Brasil a federação a qual atualmente preside, e Gustavo Costa por ser o idealizador de um dos padrões de categoria criados no período estudado, a *Wellness Fitness*, única categoria criada fora dos Estados Unidos América, conhecida como a categoria brasileira. Para a escolha dos competidores foram considerados aqueles que já haviam encerrado suas carreiras competitivas e haviam competido nos anos pertencentes ao recorte temporal. Tiago Celli foi convidado por falar

abertamente sobre a modalidade, considerando também a importância em obter informações de um competidor do sexo masculino, Pamela Prost por falar abertamente sobre o tema, e ter atingido níveis satisfatórios na modalidade durante o recorte temporal, e por fim a Dayane Oliveira por ter atingido níveis satisfatórios e ter competido em categorias variadas. Seguem listadas as informações sobre cada uma das entrevistas no Quadro3.

Quadro3 – Informação sobre as entrevistas

Entrevistado	Data da entrevista	Local de entrevista	Tempo de duração	Envolvimento do participante com o tema
Tiago Celli	21/04/2022	Goiânia-GO	08:49:56	Ex-competidor
Dayane Oliveira	22/04/2022	Uberlândia-MG	01:40:13	Ex-competidora
Gustavo Costa	24/04/2022	Rio de Janeiro-RJ	01:58:27	Presidente de federação de fisiculturismo.
Paulo Veloso	03/05/2022	Curitiba-PR	49:04	Presidente de federação de fisiculturismo.
Pamela Propst	30/05/2022	Curitiba-PR	55:56	Ex-competidora

#### 4- ARTIGO 1

### PERFIL DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE FISCULTURISMO NAS CIÊNCIAS HUMANAS

#### RESUMO

O fisiculturismo é uma modalidade da musculação a qual o competidor busca se enquadrar em um determinado padrão muscular, dessa forma passando por uma preparação que impacta diretamente os padrões de vida, sociais e comportamentais, ainda assim a modalidade apresenta-se pouco estudada pelas Ciências Humanas. Com esse fim, objetivou-se mapear as publicações que se referem à modalidade nas Ciências Humanas, a predominância de autores, revistas, áreas de pesquisa, anos e países de publicação dos artigos ligados à temática. Para atingir o objetivo se adotou a metodologia da bibliometria, realizando um levantamento quantitativo das publicações em duas bases de dados, a *Scopus* e a *Web of Science*, plataformas escolhidas por apresentarem vastidão de artigos ligados à temática com alto fator de impacto. A análise contou com 159 artigos, que foram divididos nas seguintes áreas: Arte, História, Psicologia e Sociologia.

Palavras-chave: Fisiculturismo; Bibliometria; Produção Acadêmica.

## INTRODUÇÃO

O fisiculturismo é uma modalidade competitiva da musculação em que o praticante busca se enquadrar em um determinado padrão estético que envolve a aparência de sua musculatura, simetria entre seus grupos musculares e o percentual de gordura corporal aparentemente baixo. O fisiculturismo se divide em categorias diversas que variam entre as proporções do padrão, podendo o competidor escolher o padrão muscular que melhor se enquadra perante sua genética ou preferência pessoal. Para que o competidor atinja o objetivo proposto ele necessita passar por uma preparação que se baseia na prática de musculação, dieta programada de acordo com a necessidade e em na maior parte dos casos a utilização de recursos ergogênicos (GIACOMITTI CARDOSO; OSIEKI, 2022; PROBERT; LEBERMAN, 2009; SCHWARZENEGGER, 2001).

Dentro da área acadêmica o fisiculturismo vem crescendo, tornando-se um tema mais estudado com o passar dos anos, porém, ao analisar a linha de pesquisa dos estudos publicados é possível perceber que a maior parte dos trabalhos se encontra nas Ciências Biológicas. Segundo Monaco (2016), o tema é pouco abordado pelos estudos das Ciências Humanas, sendo está uma informação visível quando comparado ao todo de publicações envolvendo a modalidade.

As Ciências Humanas têm o papel entender a sociedade e os indivíduos, facilitando a compreensão dos fatos que os envolvem, extraindo assim benefícios. Quando aplicados aos estudos das modalidades esportivas ocorre à contribuição do entendimento da realidade da modalidade, podendo inclusive agregar aos novos estudos acadêmicos, como explica Souza e Marchi Junior (2017. p.39) “Explicar a realidade esportiva em suas múltiplas e complexas dimensões, proporcionando assim novos alcances e desdobramentos teóricos”.

O fisiculturismo em particular enfrenta socialmente dificuldades, pois por muitas vezes ultrapassa o que é dado como ideal dentro dos parâmetros sociais (SHILLING; BUNSELL, 2009). As próprias dinâmicas pela modalidade adotadas tendem a levá-lo para tal caminho, dificultando seu desenvolvimento (ARAUJO; VAZ; BASSINI, 2018). Portanto, estudar o fisiculturismo nesta perspectiva faz com que a modalidade, os competidores e suas tendências sejam melhores entendidas, tanto no passado como no presente, contribuindo com seu desenvolvimento.

“O *bodybuilding* é uma prática de modificação corporal que visa à hipertrofia muscular obtida por meio de intenso treinamento e estrita dieta. É comum que praticantes dessa modalidade, para alcançarem a forma corporal almejada, rompam

as barreiras daquilo que, histórica e culturalmente, consideramos como “saudável” e “normal” nos termos dos modelos corporais socialmente aceitos.” (ARAÚJO; VAZ; BASSINI, 2018. p.2).

Com isso os fisiculturistas se colocam em situações constrangedoras socialmente, seja pela aparência física (GERMANO, 2018; SHILLING; BUNSELL, 2009), pelos comportamentos ou pelo excesso de uso de medicamentos que agridem a saúde, mostrando descaso com a integridade física (PROBERT; LEBERMAN, 2009). Entre essas razões surge a necessidade de estudar a modalidade pelas lentes das Ciências Humanas, para tal, o presente artigo teve por objetivo mapear o que há publicado referente à modalidade nas Ciências Humanas, identificar os países, autores e revistas que mais publicam sobre a temática, identificar também as predominâncias e lacunas de áreas de pesquisa e o número de publicações por ano, para que seja possível compreender e realizar análises que possam contribuir para o desenvolvimento de futuros estudos, e dessa forma contribuir com a modalidade.

## **METODOLOGIA**

O estudo foi elaborado pela metodologia da bibliometria. A bibliometria, para Ferreira (2010), busca mapear o perfil da produção científica sobre um determinado assunto, a fim de compreender a atividade de produção e identificar possíveis lacunas. As bibliometrias são de grande riqueza para o meio acadêmico, pois apresentam análises mais detalhadas.

“[...] possível verificar que os estudos bibliométricos são mais complexos do que apenas um levantamento estatístico puro e simples, ampliando-se para análises mais complexas e também diversificadas, tornando-se uma ferramenta de grande utilidade para a ciência.” (FERREIRA, 2010. p3).

McBurney e Novak (2002) afirmam que dentre os poderes deste tipo de estudo estão, observar quantos artigos uma organização publicou sobre determinado assunto, a frequência de publicações, ditar quais países possui predominância sobre o assunto e até mesmo expor quais os países mostram-se mais interessados em determinada temática. Os autores consideram a bibliometria como uma “ferramenta valiosa” para a produtividade científica. Machado Junior, *et al.* (2016) acredita que a bibliometria é o estudo dos aspectos quantitativos das pesquisas acadêmicas.

Para o levantamento dos artigos foram escolhidas as plataformas *Scopus e Web of Science*, por apresentarem maior diversidade de material publicado nas áreas em questão. As

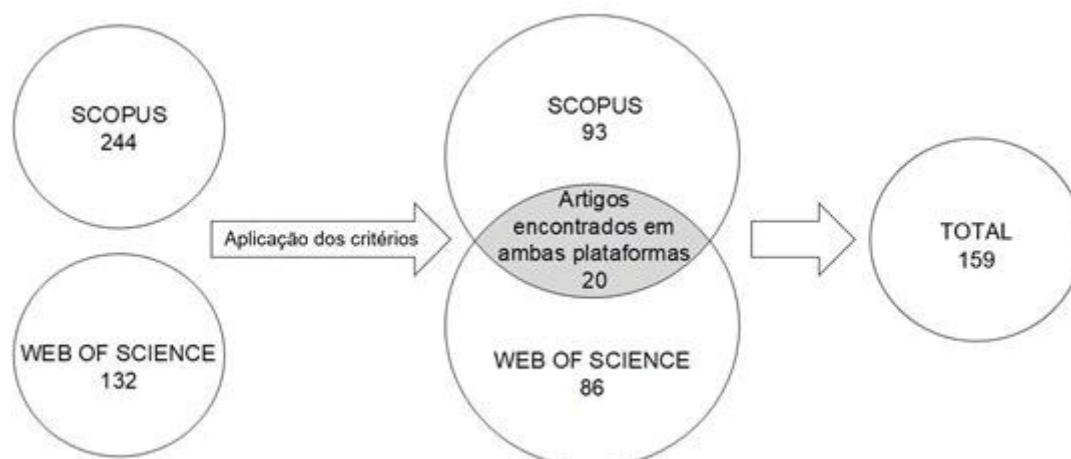
buscas foram realizadas utilizando o termo “*bodybuilding*”, referindo-se ao fisiculturismo na língua inglesa (ARRAES; MÉLO, 2020), isso se deu devido o fato de que os materiais publicados em ambas as plataformas apresentam a versão do artigo em inglês, o que possibilitou localizar artigos das mais diversas línguas utilizando apenas um termo aplicado ao idioma. As buscas foram realizadas até dezembro de 2021 (sendo o primeiro achado datado no ano de 1985) e se restringiram a artigos científicos, tendo a palavra de busca aplicada a títulos, resumos e palavras-chave. Para que a seleção dos artigos se desse de maneira precisa, quanto ao assunto tratado, foram utilizados os filtros disponibilizados pelas próprias plataformas, que se referiam aos assuntos relacionados ao tema da busca (Sociologia, História, Psicologia e Arte).

Na busca pela base de dados *Scopus*, os filtros aplicados foram “Ciências Sociais”, “Psicologia” e “Arte e Humanidade”, totalizando 244 artigos. Já na base de dados da *Web of Science*, sendo composta por filtros mais amplos, foram selecionados os seguintes: “Sociologia”, “Ciências Sociais Interdisciplinares”, “Filosofia”, “Psicologia Multidisciplinar”, “Psicologia”, “Psicologia Aplicada”, “Psicologia Clínica”, “Psicologia Social”, “Psicologia Experimental”, “História”, “História das Ciências Sociais”, “História e Filosofia da Ciência”, “Problemas Sociais” e “Arte”, totalizando 132 artigos.

Foram lidos os títulos e resumos de todos os artigos para a aplicação dos seguintes critérios de inclusão e exclusão. O critério de inclusão foi: (a) estar relacionado às Ciências Humanas referente ao fisiculturismo. Foram excluídas: (a) publicações que não se referiam a artigos científicos, (b) artigos científicos que não se relacionavam diretamente ao fisiculturismo, (c) artigos científicos que não se enquadravam nos estudos de Ciências Humanas.

Após a aplicação do critério de inclusão (a) e dos critérios de exclusão (a), (b) e (c), e a análise minuciosa dos materiais encontrados, foram selecionados 93 artigos da *Scopus* e 86 artigos da *Web of Science*, sendo que 20 destes artigos estavam presentes em ambas as plataformas, formando um total de 159 artigos (FIGURA1).

Figura 1. Aplicação de critérios de inclusão e exclusão



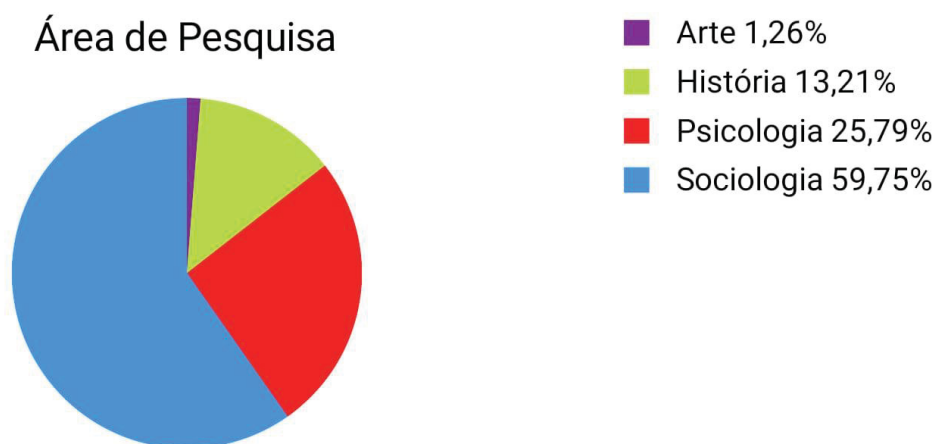
Fonte: Os autores.

Por fim, os artigos foram analisados e apresentaram os resultados. O material passou também por análise em grupo focal (ASCHIDAMINI; SAUPE, 2004), composto por mestrandos e doutorandos da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Vale ressaltar que o estudo faz parte de um projeto maior, uma dissertação de mestrado referente a temática, sendo ele fundamental para elaboração do restante do projeto.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Partindo para a segunda leitura dos 159 resumos que compuseram o estudo, estes foram enquadrados em uma tabela contendo o nome do artigo, os autores, o país, a plataforma encontrada, a revista de publicação, o ano e a classificação de cada artigo por área de pesquisa, seguindo a criação de categorias proposta por Bardin (2011), a fim de extrair os percentis de interesse. Os estudos encontrados puderam ser divididos entre as seguintes áreas: Arte, História, Psicologia e Sociologia. Os materiais foram classificados pelos conceitos de cada uma das áreas, considerando também a revista de publicação do documento, como mostrado no (GRÁFICO1).

Gráfico 1. Áreas de Pesquisas dos artigos



Fonte: Os autores.

A Sociologia é conhecida por ser a ciência que estuda a sociedade recente ou no presente, enquanto a História trata da ciência relacionada às sociedades anteriores. Braudel (1965) defende que a História e a Sociologia possuem tão forte ligação que se faz inexequível prender-se a apenas uma, sendo ambas importantes para a compreensão das dinâmicas sociais, formando entre si um conjunto, representando os acontecimentos passados e os recentes. Portanto o que foi de conteúdo encontrado referente aos estudos sociais atuais foi classificado como “Sociologia” e aqueles que abordavam acontecimentos históricos como “História”.

De acordo com Lane (2017) a Psicologia é a área da ciência que estuda os comportamentos do ser humano, sejam eles conscientes ou inconscientes, assim sendo, foram enquadrados neste quesito os artigos que, possuíam ligações com comportamentos individuais, ou haviam sido publicados em revistas específicas da temática.

A Arte, para Barroso (2004), é uma forma de expressão social diretamente ligada a ciências socioculturais, sendo uma ferramenta importante para a coesão social. Oliveira (2011) defende que expressões artísticas podem ser percebidas em modalidades esportivas, considerando o esporte também como um elemento artístico. O fisiculturismo em particular se vincula a Arte por sua própria essência, sejam por suas apresentações, coreografias, poses ou pelos padrões exigidos. Os artigos encontrados que se referiam a tal foram enquadrados nesta temática.

Dentre o material observou-se que dos 159 artigos, apenas 35 diziam respeito ao fisiculturismo de mulheres, representando 22% dos estudos. Sugere-se que dentro dos estudos

de Sociologia existe predominância naqueles que tratam de discussões de gênero. Esse interesse pelo assunto acerca da modalidade se dá tanto nas modalidades femininas quanto nas masculinas, no fisiculturismo masculino os estudos giram em torno na busca pelo corpo ideal como uma ferramenta de reforço da masculinidade (WIEGERS, 1998), enquanto os estudos de gênero relacionados às modalidades femininas, em sua maioria, circundam o fato da baixa aceitação social pelo padrão estético apresentado por mulheres musculosas, como é o caso do estudo de Shilling e Bunsell (2009), onde as competidoras são tratadas como “foras da lei de gênero” nos parâmetros sociais. Como representação desses estudos exemplifica-se: (GONÇALVES; COSTA, 2021; ANDREASSON; JOHANSSON, 2021; HOCKIN-BOYERS; JAMIE; POPE, 2020; KOTZÉ; RICHARDSON; ANTONOPOULOS, 2020; MARSHALL; CHAMBERLAIN; HODGETTS, 2020.). Além disso, alguns outros temas também são explorados pela área, como o uso de medicações intensificadoras de estética, que apesar de ser um tema relevante, apresentou apenas 09 artigos, como por exemplo:(ANDREASSON; HENNING, 2019; OLIVEIRA; CAVALCANTE, 2018; NOGUEIRA; *et al*, 2014). Para mais também foram encontrados dentre os artigos de Sociologia temas referentes aos comportamentos dos competidores em seus grupos e nas mídias sociais (WELLMAN, 2020; ARRAES; MÉLO, 2020; RAHBARI, 2019.).

Aos assuntos abordados pelos artigos enquadrados como História estão os acontecimentos relacionados à modalidade e seu surgimento, como por exemplo: (CONRAD, 2021; CHOW, 2019; DEVIENNE, 2015; REICH, 2010; TOON; GOLDEN, 2000; DALEY, 2002; ROUSSEL; GRIFFET; DURET, 2003). Referente a Psicologia os temas mais frequentes dizem respeito a motivações ao uso de medicações intensificadoras de estética, desordens alimentares, distorções de imagem e ansiedade (SAATI; *et al*. 2018; DEVRIM; BILGIC; HONGU, 2018; ARAUJO; VAZ; BASSANI, 2018; TAZEGÜL, 2018; FABRIS; *et al.*, 2018; LAURI; *et al.*, 2017; GONZÁLEZ-MARTÍ; *et al.*, 2014; BOARDLEY; GRIX, 2014; MICHELS-LUCHT, *et al.*, 2011; IBARZABAL, 2011.). Apenas dois artigos encontrados relacionaram de alguma forma o fisiculturismo com expressões artísticas (LINDER, 2007; VALDEZ, 2000.).

Dentre os resultados encontrados os Estados Unidos da América obtiveram destaque quanto o número de publicações, com 43 artigos publicados, representando 27,04% dos artigos. Na sequência, o Reino Unido com 23 artigos, contribuindo para 14,45% dos artigos, o Canadá, a França, o Brasil e a Suécia apresentaram dez artigos cada, representando individualmente 6,28%. Além disso, foram encontradas publicações em outros 21 países, aos

quais possuíam menos de dez artigos cada, como mostrado no (GRÁFICO 2). Os resultados não surpreendem, visto que de acordo com a pesquisa de Marques (2004), que avaliou o ranking de produção científica relevante mundial contendo os primeiros 31 países. Os Estados Unidos da América lideram de forma expressiva, seguido pelo Reino Unido, além disso, os outros países que apresentaram dez artigos também se encontram listados entre os primeiros.

Gráfico 2. Número de publicação por país.



Fonte: Os autores.

Quanto ao ano de publicação foram encontrados materiais a partir do ano de 1985, sendo possível perceber um aumento na quantidade de publicações partindo de 2014, representando maior interesse pelo assunto no período, sendo que o ano de 2018 contou com o maior número de publicações, 11,32% dos artigos, como é representado pelo (GRÁFICO 3).

Gráfico 3. Número de publicações por ano.



Fonte: Os autores.

Relacionando-se as revistas onde os materiais foram publicados, a revista que mais recebeu artigos foi a “*Journal of Gender Studies*” com um total de nove publicações, seguida

pela “*Sociology of Sport Journal*” com seis artigos publicados. As revistas “*Play & Culture*”, “*International Review for the Sociology of Sport*” e “*Staps*” possuem um total de cinco artigos cada. “*Deviant Behavior*” e “*Sport in Society*” possuem quatro materiais publicados sobre o assunto em suas revistas. Enquanto a “*Revista de Psicologia del Deporte*”, “*Movimento*”, “*Qualitative Inquiry*”, “*Substance Use and Misuse*”, “*Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*” e “*Performance Enhancement and Health*” estiveram presentes em três artigos cada. As demais revistas que compuseram a amostra apareceram em duas ou menos publicações. O quadro a seguir apresenta o *Journal Citation Reports (JCR)* das revistas que apresentaram três artigos ou mais. O *JCR* mede o fator de impacto perante citações de cada revista.

Journal Citation Reports (JCR) 2021 on Clarivate

<b>Revista</b>	<b>JCR</b>	<b>Artigos encontrados</b>
Deviant Behavior	0.72	04
International Review For The Sociology Of Sport	1.18	05
Journal Of Gender Studies	1.13	09
Movimento	0.25	03
Performance Enhancement And Health	Não encontrado	03
Play & Culture	Não encontrado	05
Qualitative Inquiry	1.09	03
Qualitative Research In Sport, Exercise And Health	1.50	03
Revista De Psicologia Dele Desporto	0.52	03
Sociology Of Sport Journal	0.78	06
Sport In Society	0.56	04
Staps	0.10	05
Substance Use & Misuse	0.58	03

Quanto aos autores, o pesquisador que mais se destacou foi Jasper Andersson, do Reino Unido, com nove publicações, fazendo parceria com Thomas Johansson em cinco delas, estudando questões de gênero no fisiculturismo. Outro pesquisador que se destacou foi o Francês Guillaume Vallet, que também se dedica aos estudos relacionados a gênero, com quatro publicações encontradas. Dean Garratt, do Reino Unido, possui três artigos

encontrados sobre estudos sociológicos. O Irlandês, Conor Heffernan, foi encontrado em três artigos tratando sobre a História do fisiculturismo. Félix Arbinaga Ibarzábal se fez presente em três artigos relacionados à Psicologia do Esporte. Os demais autores encontrados apresentaram uma ou duas publicações, informação que confere com Machado Junior; *et al.* (2016) que defende que em determinada área de conhecimento um restrito número de pesquisadores produz muito, enquanto muitos produzem pouco.

Analisando os autores brasileiros, dos dez artigos encontrados (MACHADO; FRAGA, 2021; GONÇALVES; COSTA, 2021; ARRAES; MELO, 2020; MENDES; FRANG; OHL, 2019; ARAUJO; VAZ; BASSINI, 2018; OLIVEIRA; CAVALCATE, 2018; SABINO; LUZ, 2014; NOGUEIRA; *et al.*, 2014; SEVERO; SANTANA; MENEGETTE, 2012; SANTOS; ROCHA; SILVA 2011.) nenhum autor apresentou mais de uma publicação, portanto não foi possível identificar um pesquisador brasileiro que se destaca por estudar o fisiculturismo pela perspectiva das Ciências Humanas, além disso o primeiro artigo encontrado publicado por brasileiros é do ano de 2011, 26 anos após a primeira publicação localizada, demonstrando ser recente o interesse por estudar o tema no Brasil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da presente análise pode-se concluir que o fisiculturismo se encontra em processo de expansão de interesse acadêmico, mostrando-se mais presente em estudos científicos desde 2014. Os Estados Unidos da América foi reconhecido como o país que mais produziu conteúdo sobre fisiculturismo no mundo, seguido do Reino Unido, entretanto a informação condiz com a tendência de superioridade de publicação de tais países, visto que perante o ranking são os mais produtivos academicamente.

Quando se refere às temáticas abordadas pelas Ciências Humanas, a Sociologia se fez presente em mais da metade do material encontrado, e dentro dela se destacou os assuntos relacionados a gênero, promovidos pela própria relação do esporte com a sociedade, se caracterizando como um assunto bastante estudado pelos interessados na modalidade, as demais temáticas que apareceram nos estudos da Sociologia, como o uso de medicamentos podem ser fortalecidos nessa perspectiva. Os estudos de Psicologia representaram  $\frac{1}{4}$  do total de artigos, enquanto a História e a Arte parecem ser pouco exploradas, 13% e 1% respectivamente. Do total, apenas 35 artigos se concentraram no fisiculturismo de mulheres.

Em relação aos pesquisadores, apenas seis foram identificados em três publicações ou mais. No Brasil não foi identificado nenhum pesquisador com mais de uma publicação, portanto nenhum nome brasileiro se destacou pelos resultados. A revista que mais conteve publicações foi Journal Of Gender Studies, especialista em assuntos de gênero. A revista que apresentou o maior fator de impacto foi International Review For The Sociology Of Sport, de Sociologia do Esporte.

Portanto sugere-se que estudos futuros explorem a relação do fisiculturismo com a Arte e com a História, também correlacione melhor os impactos sociais do uso de medicamentos intensificadores de estética, bem como se aprofunde na modalidade de mulheres.

## REFERÊNCIAS

ANDREASSON, J; HENNING, A. Global fitness doping: Policy, practice and prevention in the United States and Sweden. **Performance Enhancement and Health**. v.6. n.3. p.103-10. 2019.

ANDREASSON, J; JOHANSSON, T. Negotiating female fitness doping: gender, identity and transgressions. **Sport in Society**. v.24. n.3. p. 323-39. 2021.

ARAÚJO, A. M. A; VAZ, Alexandre Fernandez; BASSANI, Jaison José. Corpo e identidade: Um olhar sobre mulheres praticantes de bodybuilding. Porto Alegre-RS. **Movimento**. v.24. n.3. p.961-972. 2018.

ARRAES, C. T; MÉLO, R. S. Negociando limites, manejando excessos: vivências cotidianas e um grupo de fisiculturistas. Petrolina-PE. **Movimento**. v.26. 18p. 2020.

ASCHIDAMINI, I. M; SAUPE, R. Grupo focal estratégia metodológica qualitativa: um ensaio teórico. **Cogitare Enfermagem**. v.9. n.1. p. 09-14. 2004.

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. São Paulo: **Ed. Revista Ampliada**. 229p. 2011.

BARROSO, P. **Arte e sociedade: comunicação com processo**. Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia. 8p. 2004.

BOARDLEY, I; GRIX, J. Doping in bodybuilders: A qualitative investigation of facilitative psychosocial processes. **Qualitative Researching Sport, Exercise and Health**. v.6. n.3. p.422-39. 2014.

BRAUDEL, F. História e Sociologia. França. **Revista de História**. v.3. n.61. 21p. 1965.

CHOW, B. Sculpting Masculinities in 19th-and 20th-Century Physical Culture: The Practiced Life of Stanley Rothwell. **TDR - The Drama Review - A Journal of Performance Studies**.v.6. n.2. p. 34-56. 2019.

- CONRAD, S. Globalizing the Beautiful Body: Eugen Sandow, Bodybuilding, and the Ideal of Muscular Manliness at the Turn of the Twentieth Century. Alemanha. **Journal of World History**. v.32. n.1. 2021.
- DALEY, C. The strongman of eugenics, Eugen Sandow (Australia, bodybuilding, health). **Australian Historical Studies**.v.33. n.120. p. 233-48. 2002.
- DEVIENNE, E. Bathing beauties, bodybuilders et surfeurs: L'émergence de cultures corporelles originales sur les plages de Los Angeles (années 1920-1930). **Revue Française d'Etudes Américaines**.v.142. n.1. p.24-39. 2015.
- DEVIRIM, A; BILGIC, P; HONGU, N. Is There Any Relationship Between Body Image Perception, Eating Disorders, and Muscle Dysmorphic Disorders in Male Bodybuilders? **American Journal of Men's Health**.v.12. n.5. p.1746-58. 2018.
- FABRIS, M. A; *et al.* Attachment style and risk of muscle dysmorphia in a sample of male bodybuilders. **Psychology of Men and Masculinity**.v.19. n.2.2018.
- FERREIRA, A. G. C. Bibliometria na avaliação de periódicos científicos. **Revista da Ciência da Informação**. v.2. n.3. 2010.
- GERMANO, I. So Cute, So Creepy: Children undoing the human in Het Hamilton complex. **Performance Research**.v.23. n.1. p.44-51. 2018.
- GIACOMITTI CARDOSO, A. C; OSIECKI, A. C.V. Verificação da qualidade de vida em atletas de fisiculturismo de alto rendimento. **Revista Inspirar**. v.22. n.1. 2022.
- GONÇALVES, M. C; COSTA, A. T. V. Corpo e laboratório: experimentos de mulheres fisiculturistas. **Revista Estudos Feministas**. v.29. n.2. 13p. 2021.
- GONZÁLEZ-MARTÍ, B; *et al.* Physical perceptions and self-concept in athletes with muscle dysmorphia symptoms. **Spanish Journal of Psychology**. v.17. n.43. 2014.
- HOCKIN-BOYERS, H; JAMIE, K; POPE, S. Moving beyond the image: Theoring “extreme” female bodies. **Women's Studies International Forum**. v.83. 2020.
- IBARZABAL, F. A. Bodybuilders Who Consume Anabolic Steroids and its Relationship with Their Physical Self Description and Their Physical Social Anxiety. **Universitas Psychologica**.v.10. n.1. p.137-47. 2011.
- KAROJLIJA, A. L; *et al.* Social physique anxiety among bodybuilders. **Collegium Antropologicum**.v.41. n.3. p. 247-254. 2017.
- KOTZÉ, J; RICHARDSON, A; ANTONOPOULOS, G. Looking ‘acceptably’ feminine: A single case study of a female bodybuilder's use of Performance Enhancement and Health. **Performance Enhancement & Health**. v.8. n.2. 2020.
- LANE, S. T. M. O que é psicologia social. Brasil. **Editora Brasiliense**. 87p. 2017.

- LINDER, F. Life as art, and seeing the promise of big bodies. **American Ethnologist**. v.34. n.3. p.451-72 2007.
- MACHADO, E. P; FRAGA, A. B. Anabolics steroids in a physical education under graduate program: Anethical-sanitary dilemma among bodybuilder students. **Journal of Physical Education**. v.31. n.1. 2021.
- MACHADO JUNIOR, C; *et al.* As leis da bibliometria em diferentes bases de dados científicos. **Revista de Ciências da Administração**. v.18. n.44. p. 111-123. 2016.
- MARQUES, F. Uma Prova de Qualidade: Estudo inclui o Brasil no Ranking dos países que mais fazem pesquisas relevantes. **Pesquisa FAPESP**.v.102. n.1. p.24-27. 2004.
- MARSHALL, K; CHAMBERLAIN, K; HODGETTS, D. Male bodybuilders on Instagram: negotiating inclusive masculinities through hegemonic masculine bodies. **Feminism & Psychology**. v.29. n.1. p. 96-119. 2019.
- MCBURNEY, M. K; NOVAK, P. L. **What Is Bibliometrics and Why Should You Care?** Conference: Professional Communication Conference. p.108-114. 2002.
- MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza; FRANCO, Marcel Alves; OHL, Fabian. The construction of the body by bodybuilding in Brazil. **Movimento**.v.25. n.1. 16p. 2019.
- MICHELS-LUCHT, F; *et al.* Steroid Use in Free Time Bodybuilders. **Psychotherapie Psychosomatik Medizinische Psychologie**.v.61. n.12. p.512-17. 2011.
- MONACO, H. M. **Toda desenhada à mão: Etnografia do fisiculturismo feminino em Santa Catarina**. Florianópolis- SC. Universidade Federal de Santa Catarina. 119p. 2016.
- NOGUEIRA; F. R. S; *et al.* Anabolic-androgenic steroid use among brazilian bodybuilders. **Substance Use and Misuse**.v.49. n.9. 2014.
- OLIVEIRA, L. L; CAVALCANTE NETO; J. L. Fatores sociodemográficos, perfil dos usuários e motivação para o uso de esteróides anabolizantes entre jovens adultos. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**. v.40. n.3. 2018.
- OLIVEIRA, J. E. C. O esporte e a arte na sociedade. **EF Desporte.com, Revista Digital**. Buenos Aires. v.16. n.162. 2011.
- OLIVEIRA, V. A; SILVA, A. M; ALMEIDA, D. F. Entre um ideal ético e estético: As atletas em campeonatos de musculação Fitness e fisiculturismo. Goiânia- GO. **Pensar a Prática**. v.22. 11p. 2019
- PROBERT, A; LEBERMAN, S. The Value of The Dark Side: An Insight Into The Risks And Benefits Of Engaging In Health-Compromising Practices From The Perspective Of Competitive Bodybuilders. **European Sport Management Quarterly**. v.9. n.4. p.353-73. 2009.
- RAHBARI, L. Pushing gender to its limits: Iranian women bodybuilders on instagram. **Journal of Gender Studies**. v.28. n.5. p. 591-602. 2019.

- REICH, J. "The world's most perfectly developed man": Charles Atlas, physical culture, and the inscription of American masculinity. Estados Unidos. **Men and Masculinities**. v.12. n.4. 2010.
- ROCHA, A. L. C. Etnografia: Saberes e práticas. Porto Alegre-RS. **Editor da Universidade**. 23p. 2008.
- ROUSSEL, P; GRIFFET, J; DURET, P. The decline of female bodybuilding in France. **Sociology of Sport Journal**.v.20. n.1. 2003.
- SAATI, M. H; *et al.* Personal and psychosocial factors associated with anabolic-androgenic steroid use among Iranian male bodybuilders. **Journal of Substance Use**.v.3. n.4. p.390-95. 2018.
- SABINO, C; LUZ, M. Forma da dor e dor da forma: Significado e função da dor física entre praticantes de bodybuilding em academias de musculação do Rio de Janeiro. **Physis: Revista Da Saúde Coletiva**. v.24. n.2. p.467-90. 2014.
- SANTOS, A. M; ROCHA, M. S. P; SILVA, M. F. Illicit use and abuse of anabolic-androgenic steroids among Brazilian bodybuilders. **Substance Use and Misuse**.v.47. n.6. p.742-8. 2011.
- SCHWARZENEGGER, A. **Enciclopédia de fisiculturismo e musculação**. Ed.1. 834p. 2001.
- SEVERO SANTOS, J. F; SANTANA MACIEL, F. H, MENEGETTI, D. Consumo de suplementos proteicos e Expressão da raiva em praticantes de Musculação. **Revista da Educação Física**.v.22. n.4. p. 623-35. 2012.
- SHILLING, C; BUNSELL, T. The female bodybuilding as a gender outlaw. Reino Unido. **Qualitative Research in Sport and Exercise**. v.1 n.1. p. 141-159. 2009.
- SOUZA, J; MARCHI JÚNIOR, W. Bourdieu e a sociologia do esporte. **Tempo Social**. v.29. n.2. p.243-286. 2017.
- TOON, E; GOLDEN, J. Rethinking Charles Atlas. **Rethinking History**.v.4. n.1. p.80-84.2000.
- TAZEGÜL, U. Comparison of the narcissism level of the bodybuilders before and after the application of anabolic steroid cure. **Universal Journal of Educational Research**.v.6. n.6. p.149-52. 2018.
- TRICKER, R; O'NIELL, M. R; COOK, D. The incidence of anabolic steroid use among competitive bodybuilders. Estados Unidos. **Journal of Drug Education**. v.19. n.4. p.313-325. 1989.
- VALDEZ. The brawn of a new era: "Picturing the Modern Amazon", the New Museum's recent show devoted to female bodybuilding. **Art In America**. 2000.

WELLMAN, M. What it means to be a bodybuilder: social media influencer labor and the construction of identity in the bodybuilding subculture. **The Communication Review**. v.23. n.4. p. 273-289. 2020.

WIEGERS, Y. Male bodybuilding: The social construction of a masculine identity. Canadá. **Journal of popular culture**. v. 32. n.4. p.147-161. 1998.

## 5- ARTIGO 2

### O FISCULTURISMO DE MULHERES NO BRASIL NA PERSPECTIVA JORNALÍSTICA (1978 - 1999)

#### RESUMO

O presente artigo teve por objetivo apresentar, por meio de jornais brasileiros, os acontecimentos relacionados ao fisiculturismo de mulheres entre os anos de 1978 e 1999. Para tal, foi utilizado do acervo da Hemeroteca Nacional Digital, possibilitando o acesso a 68 periódicos pertinentes que foram incorporados ao estudo. O exposto possibilitou o entendimento das dinâmicas que vieram a surgir no período inicial da participação de mulheres na modalidade no Brasil, concluindo-se que alguns assuntos se sobressaíram, sendo eles: as categorias de fisiculturismo, o uso de esteróides anabolizantes por parte das competidoras, os incentivos financeiros e a mídia formada entorno da modalidade.

Palavras-chave: História do fisiculturismo; Mulheres no esporte; Fontes jornalísticas.

#### INTRODUÇÃO

Nascido em 1867 na Prússia, Eugene Sandow ficou conhecido como o “pai do fisiculturismo moderno”, por tomar a decisão de, partindo de sua admiração pelas estatuas greco-romanas, desenvolver seus músculos a fim de torná-los “perfeitos” (CLEVELAND, 2018). Teria sido ele, então, o primeiro homem a ficar famoso pela hipertrofia muscular, seguido pelo italiano Ângelo Siciliano, nascido em 1892, também conhecido como Charles Atlas (REICH, 2010). Pela fama conquistada, estes dois homens hoje são tratados como os pioneiros do fisiculturismo. Ao se deparar com relatos históricos deve se levar em consideração que alguns casos são movidos pelo chamado “mito fundador” que, segundo Cerri (2001), trata-se da história de origem de determinado grupo criada na busca por uma identidade, passada de forma oral entre gerações que muitas vezes não corresponde com a fidedignidade dos fatos. Nesse caso em específico, mesmo com destaque para estes dois homens, ressalta-se que não necessariamente foram os únicos percussores da modalidade.

Simultaneamente as apresentações destes homens, a exibição da musculatura passou a ser incorporada às artes circenses, assim como o levantamento de pesos, dando força ao que viria a ser o fisiculturismo (exibição do físico) e também do halterofilismo (levantamento de pesos) (SCHWARZENEGGER, 2001). Conhecidos como “*sportsman*” (LOPES; EHRENBURG, 2020), os atletas circenses foram desenvolvendo suas apresentações na Europa até se espalhar pelo mundo. No Brasil, o responsável mais conhecido por esse feito foi Zeca Floriano – nascido em 1887, filho do Marechal Floriano Peixoto, Presidente da República entre 1891 e 1894. Floriano consolidou a sua carreira como atleta circense, desenvolvendo seus músculos e participando de diversas modalidades esportivas, chamando atenção no início do século XX (LOPES; EHRENBURG, 2020). Foi considerado um dos percussores do fisiculturismo e halterofilismo no Brasil, porém, as aparições das modalidades possuíam caráter de entretenimento e não competitivo, embora não cause estranhamento se iniciativas semelhantes estivessem ocorrendo na mesma época de forma sistêmica pelo país.

Voltando ao contexto europeu, ainda no século XIX, a prática de levantamento de peso passou a ganhar força e se tornar competitiva, criando-se assim o halterofilismo (PINHO, 2020). Este fenômeno, posteriormente, também começou a crescer no cenário americano. Somente em 1904, o halterofilismo propriamente dito chegou ao Brasil, trazido por jovens que ao viajarem ao continente europeu resolveram replicar as práticas halterofilistas em sua terra natal (NEVES, 2012).

Nos campeonatos de halterofilismo passou a ser empregada a premiação de “melhor físico”, valorizando a musculatura construída pelos halterofilistas, como forma de apresentação, assemelhando-se ao fisiculturismo como é conhecido hoje, porém, ainda dentro dos campeonatos de levantamento de peso. Segundo Pinho (2020), em 1930 alguns atletas de halterofilismo passaram a se preocupar mais com a estética de seus físicos se desvinculando do levantamento de pesos e criando o fisiculturismo moderno. O primeiro campeonato ocorreu em 1940, nomeado como “Mister América”, em Chicago, nos Estados Unidos da América (SCHWARZENEGGER, 2001).

Foi, então, a partir de 1940, que o fisiculturismo se tornou uma modalidade independente e em fase de crescimento, porém somente em 1960 veio de fato a criar força e se popularizar (SCHWARZENEGGER, 2001; PINHO, 2020). Segundo Stern (2008), na década de 1960 ocorreu uma revolução *fitness* marcada pela expansão nas academias de ginástica nos Estados Unidos da América, possivelmente contribuindo com o avanço da modalidade.

Ao analisar o contexto brasileiro por meio da Hemeroteca Digital, é possível encontrar artigos de jornais da década de 1970 em diante utilizando o termo “fisculturismo”, relacionando-se ao fisiculturismo no formato que segue atualmente. No período anterior, os materiais encontrados na mesma plataforma se deram quando associados aos campeonatos de halterofilismo, podendo-se, assim, considerar que a dissociação das modalidades no Brasil se deu pouco antes à chegada dos anos 1970, sendo que o primeiro relato sobre a participação de mulheres nos eventos se deu no ano de 1978. Levando em consideração tal premissa, o objetivo da presente pesquisa consistiu em apresentar os acontecimentos iniciais relacionados ao fisiculturismo de mulheres no Brasil (1978-1999), para tal adotou-se os percursos metodológicos descritos a seguir.

## **METODOLOGIA**

De acordo com Luca (2005), os periódicos que já foram considerados inadequados para estudos históricos por carregarem em si muitas das opiniões de quem os escreveu, hoje são vistos como importantes fontes de interpretação para historiadores. Barros (2021) acredita que os periódicos são “meios de comunicação” importantes que podem ser fontes riquíssimas para historiadores e sociólogos que buscam compreender sobre determinados temas, devido a abrangência de assuntos abordados. Assim, considerando os jornais como uma poderosa fonte de acesso às informações, de grande abrangência de assuntos e de fácil disponibilidade, estes foram adotados como fontes da presente pesquisa.

Para tanto, realizou-se uma pesquisa junto ao acervo da Hemeroteca Nacional Digital. A Hemeroteca Nacional Digital tem o objetivo de preservar cerca de 10 milhões de periódicos brasileiros presentes na Biblioteca Nacional (BETTENCOURT; PINTO, 2013). A plataforma foi lançada oficialmente em 2006 disponibilizando versões digitais de documentos originais, evitando manuseios desnecessários e facilitando o acesso as fontes, simplificando também o acesso aos pesquisadores devido a facilidade de localização de temas por meio da ferramenta de busca (GIORDANO, 2016; BRASIL; NASCIMENTO, 2020).

Para a realização da busca foi utilizado apenas o termo referindo-se à modalidade, sem agregar outro termo que fizesse referência exclusivamente a participação das mulheres, para evitar que informações interessantes ao estudo se perdessem. Em pesquisa inicial ao acervo foi observado que termos como “cultura física” e “culturismo”, em maior parte, estavam relacionados aos concursos de estética muscular que aconteciam dentro de campeonatos de

halterofilismo, e o termo “fisculturismo” passou a ser empregado após a dissociação das modalidades. Portanto, “fisculturismo” foi escolhido como termo de busca de periódicos para que as fontes trouxessem informação mais diretas em relação à modalidade. A data de início do recorte temporal foi dada a partir da primeira ocorrência encontrada pelo uso de termo referindo-se à participação de mulheres na modalidade, o ano de 1978.

Dentre as três décadas estudadas (1970, 1980 e 1990), a primeira apresentou 11 ocorrências, a segunda 178 e a terceira 218. Todas as ocorrências foram lidas na íntegra e separadas por ano, para que fosse realizada a correlação do material (SILVA; MAIA, 2011). Entraram na análise as ocorrências que, de alguma forma, relacionaram-se a participação de mulheres nos eventos de fisculturismo, ou traziam alguma informação relevante referente aos assuntos levantados, totalizando 68 periódicos incorporados.

## ANÁLISE DE FONTES

Ao tratar da modalidade como um todo, o fisculturismo passou a ser empregado no Brasil, assim como no restante do mundo, principalmente pela influência dos eventos de levantamento de pesos, sejam eles esportivos (NEVES, 2012) ou circenses (LOPES; EHRENBERG, 2020). Na década de 1940, gradativamente, ocorreram dissociações à modalidade com o levantamento de peso e, posteriormente, vieram a se tornar modalidade independentes (PINHO, 2020; SCHWARZENEGGER, 2001). Ao realizar uma busca pela Hemeroteca Nacional Digital, utilizando o termo “fisculturismo” na busca por períodos de décadas, ocorrências são encontradas seguindo a década de 1970. Em período anterior, com a utilização de termos como “cultura física” e “culturismo”, foram encontradas fontes as quais a modalidade aparece vinculada ao levantamento de pesos, o que leva a crer que no Brasil a dissociação das modalidades teve início pouco antes da chegada dos anos 1970.

A fonte<sup>5</sup> encontrada na revista Manchete defende a ideia de que o fisculturismo chegou ao Brasil em 1942, porém só veio a criar força em 1980, informação que corresponde com as explicações encontradas na literatura (PINHO, 2020; LEÃO, 2015). Entretanto, ao analisar as referências sobre o início da participação de mulheres na modalidade uma controversa entre as notícias e a literatura foi encontrada.

De acordo com Leão (2015), a presença de mulheres nos campeonatos de fisculturismo no Brasil se deu a partir da década de 1980, sendo que em 1984 aconteceu o primeiro

---

<sup>5</sup>MANCHETE. ed 1857. 1987, p.60.

campeonato de fisiculturismo de mulheres no país. Porém, no ano de 1978, o Jornal do Comércio<sup>6</sup> publicou sobre a participação da competidora pernambucana Maria de Lourdes em campeonatos de fisiculturismo. Assim, o Diário de Pernambuco<sup>7</sup> registrou, a participação de competidoras mulheres no “Campeonato Brasileiro” daquele ano, expondo inclusive o resultado das competições entre as competidoras. Confrontando as informações entende-se que anterior ao período citado pela autora já existia a presença de competidoras femininas se apresentando em campeonatos de fisiculturismo e, inclusive, concorrendo a títulos a nível nacional.

Mesmo com o relato da participação das mulheres desde a década de 1970, ao observar as ocorrências encontradas, entende-se que nem todos os campeonatos de fisiculturismo contavam com a participação de mulheres, pelo menos até a metade da década de 1980, provavelmente pelo baixo número de adeptas. A exemplo<sup>8</sup> disso, o “16º Campeonato Brasileiro de fisiculturismo” de 1985, que foi realizado em Porto Alegre- RS, mesmo se tratando de um campeonato expressivo de nível nacional, não apresentou informações sobre a participação de mulheres no evento.

Ainda nos primeiros anos da crescente da modalidade, pareceu comum encontrar em meio às ocorrências confusões entre as diferenças do halterofilismo (levantamento de pesos) para o fisiculturismo (exibição da musculatura). Exemplo disso, o Diário de Pernambuco<sup>9</sup> trouxe como informação principal em uma notícia que 50 meninas estavam inscritas para participar do concurso de “Garota Verão” de fisiculturismo feminino, porém, no título, encontrava-se anunciado o concurso em parceria com um campeonato de halterofilismo. Nota-se ao ler a ocorrência que não foram avaliados competidores de levantamento de peso e sim de fisiculturismo, o que leva a crer que houve um equívoco quanto à nomenclatura por parte do jornal, equívoco que se repete<sup>10</sup> em outras ocasiões do mesmo jornal.

Ao chegar o ano de 1986 foi bastante expressivo o número de ocorrências encontradas a respeito da participação de mulheres nos eventos de fisiculturismo, o que leva a crer que foi um ano importante nesse sentido. Iniciando pela notícia da Tribuna Bis<sup>11</sup> que mostrou o cronograma de atividades ao ar livre em um evento que ocorreu no dia 01 de março de 1986, no Rio de Janeiro, o qual constava entre as atrações apresentações de fisiculturismo feminino

---

<sup>6</sup>JORNAL DO COMERCIO, 02 de novembro de 1978, p. 5.

<sup>7</sup>DIARIO DE PERNAMBUCO, 31 de outubro de 1978, p. 6.

<sup>8</sup>DIÁRIO DE NATAL. 01 de novembro. 1985, p.11.

<sup>9</sup>DIARIO DE PERNAMBUCO. 10 de dezembro. 1983, p.16.

<sup>10</sup>DIARIO DE PERNAMBUCO. 14 de dezembro. 1983, p.14.

<sup>11</sup>TRIBUNA BIS. 01/02 de março. 1986, p.13.

e masculino, usadas para chamar atenção do público para o evento poliesportivo. Nesse sentido, o periódico *Jornal do Commercio* também enfatizou as mulheres nos eventos para chamar atenção dos leitores ao trazer informação que os campeonatos regionais, segundo informações, contariam com a presença de mulheres fisiculturistas. Para atrair para a leitura, o jornal<sup>12</sup> expõe uma foto das mulheres no palco.



**Imagem 1-** Fisiculturistas no palco, 1987. Fonte: Acervo do Arquivo Nacional.

Alguns campeonatos também passaram a considerar o fisiculturismo de mulheres como a atração principal dos eventos, provavelmente porque ainda se tratava de uma novidade. A exemplo disso<sup>13</sup>, um campeonato em São Conrado-RJ teve como atração principal a apresentação das competidoras, em categoria única, que se mostravam maquiadas, com acessórios e pouco volume muscular. Entre elas, a competidora Maria Eugenia, que defendia a feminilidade das praticantes em campeonatos de fisiculturismo.

A *Tribuna da Imprensa*<sup>14</sup> destacou que 97 competidores, entre homens e mulheres, inscreveram-se para participar do “XII Campeonato Company de Musculação” no Rio de Janeiro, colocando como expectativa de público cerca de três mil pessoas pelo terceiro ano consecutivo. A expectativa de lotação máxima neste campeonato tinha como maior atrativo a

---

<sup>12</sup>JORNAL DO COMMERCIO. 01 de janeiro. 1987, p.18.

<sup>13</sup>JORNAL DO BRASIL. 29 de setembro. 1986, p.34.

<sup>14</sup>TRIBUNA DA IMPRENSA. 26/27 de setembro. 1987, p.11.

competição de mulheres. A competidora favorita ao título seria Maria Eugenia, que havia sido campeã brasileira de 1985.

Já o “Campeonato de Musculação do Rio de Janeiro”<sup>15</sup>, contou com a participação de 75 competidores, entre eles 16 mulheres, e bateu recorde de público com cerca de dois mil espectadores. O campeonato foi seletivo para o “Campeonato Brasileiro” que foi realizado no dia 18 de outubro de 1986, em Manaus. Neste campeonato, Marlene Faria tornou-se campeã brasileira, competindo com 15 competidoras para um público de mais de seis mil pessoas<sup>16</sup>.

Devido ao destaque em vários campeonatos, Marlene Faria era considerada<sup>17</sup> como a única competidora, entre homens e mulheres, capaz de competir com norte-americanas amadoras, em campeonatos de nível mundial. Essa informação leva a crer que o padrão físico apresentado pelas competidoras brasileiras no período era bastante satisfatório, ainda mais se tratando de uma modalidade em crescimento.

Internacionalmente, o fisiculturismo de mulheres também parecia gerar ruídos aos arredores do mundo. O jornal A Tribuna<sup>18</sup> expôs que na Ásia o “4º Campeonato Chinês” foi o primeiro do continente a permitir o uso de biquínis por competidoras de fisiculturismo feminino. Dúvidas foram geradas a partir da ocorrência citada, sobretudo quanto à existência (ou não) da apresentação de mulheres em campeonatos na região com uso de outras vestimentas. Enquanto isso, a Indonésia se pronunciava proibindo<sup>19</sup> a participação de competidoras mulheres em campeonatos de fisiculturismo, pois acreditava que a prática fazia mal a elas.

O posicionamento da Indonésia, entre outros motivos, fora motivado pelos efeitos gerados pela prática no corpo da mulher, muitas vezes em decorrência do uso de hormônios, como a testosterona, com objetivo de intensificar a estética física das competidoras (HARTGENS; KUIPERS. 2004; BARBOSA. 2021). Tal preocupação também passou a crescer no Brasil. Percebeu-se entre as ocorrências encontradas que existia um receio por parte dos adoradores da modalidade quanto à preservação da feminilidade das competidoras naquele período. Fonte<sup>20</sup> encontrada na Tribuna da Imprensa falou sobre a representatividade de mulheres em

---

<sup>15</sup>TRIBUNA DA IMPRENSA. 29 de setembro. 1986, p.11.

<sup>16</sup> Vale ressaltar que os números apresentados pelos jornais podem ser superestimados, uma vez que as manchetes buscam chamar atenção dos leitores, portanto o público no evento pode ter sido inferior ao informado.

<sup>17</sup>JORNAL DO BRASIL. 23 de Outubro. 1986, p.35.

<sup>18</sup>A TRIBUNA. 13 de dezembro. 1986, p.13.

<sup>19</sup>JORNAL DO BRASIL. 20 de dezembro. 1989, p.20.

<sup>20</sup>TRIBUNA DA IMPRENSA. 04/05 de outubro. 1986, p.18.

campeonatos, por meio de uma entrevista com um professor de Educação Física, que deixou um alerta às mulheres sobre ficarem masculinizadas pelo uso de hormônios anabolizantes.

De maneira geral, não só na modalidade feminina, mas também na masculina, o aumento do uso de hormônios anabolizantes na modalidade passou em 1987 a gerar mais desconforto. Naquele ano, um congresso de medicina esportiva, nomeado como o II Simpósio Internacional de Medicina Desportiva<sup>21</sup>, teve como uma das temáticas de discussão a preocupação com o uso excessivo de esteróides anabolizantes por meio de praticantes de fisiculturismo.

A matéria do *Jornal do Sports*<sup>22</sup> que levou o título de “Musculação: a mania que leva à morte” disse que o uso de anabolizantes estava se tornando corriqueiro no fisiculturismo, apesar de proibido em campeonatos oficiais. Os competidores tinham acesso aos medicamentos sem nenhuma restrição em farmácias e o uso chegava a ser 15 vezes maior do que as doses recomendadas, causando diversos problemas de saúde.

Reforçando a preocupação, a matéria do *Jornal do Brasil*<sup>23</sup>, “Os incontroláveis anabolizantes”, mostrava preocupação pelo uso excessivo de esteróides anabolizantes em comunidades de fisiculturistas. Segundo a matéria, os medicamentos eram comprados em farmácias sem a necessidade de apresentação de receitas. No periódico, os competidores entrevistados disseram que todos os competidores usavam, porém nem todos os praticantes de musculação assumiam o uso. Em entrevista<sup>24</sup>, o competidor José Inácio Werneck, disse que aconteceu um escândalo de casos de doping nos Jogos Olímpicos de 1988 e que, ao contrário do que se faz pensar, fez aumentar ainda mais o uso de esteróides anabolizantes e hormônio de crescimento no fisiculturismo.

O aumento do uso de hormônios passou a interferir também na participação das mulheres, que começaram a apresentar-se de forma virilizada e com traços masculinos. A revista *Manchete*<sup>25</sup> comentou sobre os paradigmas sociais impostos na presença de competidoras femininas em palcos de fisiculturismo, levantando os preconceitos sociais pelo qual as competidoras passavam ao serem julgadas como “masculinas”. O periódico *Jornal do Brasil*<sup>26</sup> também publicou um texto relatando que as competidoras mulheres sofriam preconceitos por possuírem músculos fortes, ao serem confundidas com travestis, a entrevistada, a competidora

---

<sup>21</sup>DIÁRIO DE NATAL. 15 de maio. 1987, p.12.

<sup>22</sup>JORNAL DOS SPORTS. 29 de abril. 1987, p.10.

<sup>23</sup>JORNAL DO BRASIL. 28 de setembro. 1988, p.26.

<sup>24</sup>JORNAL DOS SPORTS. 23 de dezembro. 1988, p.2.

<sup>25</sup>MANCHETE. ed 1910. s/a, p.57.

<sup>26</sup>JORNAL DO BRASIL. 15 de maio. 1988, p.19.

Viviane Werneck Neves, disse que “[...] quem se dedica ao fisiculturismo não pode ter muita vaidade. O número de remédios que se toma para completar a alimentação é enorme, prejudicando seriamente a beleza [...]” e demonstrou interesse em interromper a trajetória esportiva por se sentir mal com sua aparência e com o julgamento social. Em contrapartida, outra competidora entrevistada, Maria Eugenia, falou que se considerava bastante vaidosa e estava satisfeita com sua aparência.

Em outra fonte<sup>27</sup> a competidora Viviane Werneck Neves disse que, mesmo se incomodando com os julgamentos sociais, não sentia arrependimento da prática. Quanto à competidora Maria Eugenia, que era favorita ao título do “8º Campeonato Carioca”<sup>28</sup>, devido a feminilidade que acreditava ter, demonstrou indignação ao competir com outras duas mulheres (Simone Fonseca e Denise Lourdes) e ficar em pior colocação, pois as outras competidoras entraram com maior volume muscular e foram privilegiadas por este motivo, fato que incentivava ainda mais o consumo de substâncias.

Apesar dos comentários encontrados acerca do assunto, a virilização em mulheres, ao que foi possível compreender na leitura das fontes citadas, não era um fator prejudicial à competidora em quesito de nota e nem era levado em consideração ao consagrar à campeã do campeonato. Aproximadamente a partir de 1989, percebeu-se uma sutil mudança de discurso relacionado ao uso de esteróides anabolizantes. Muitas vezes competidores negando o uso, possivelmente tentando amenizar a ênfase dada ao assunto e aos escândalos ocorridos em 1988, marcados pelo caso de doping do atleta de atletismo Ben Johnson nos Jogos Olímpicos daquele ano (FUCHS, 1999).

A exemplo disso<sup>29</sup>, o competidor Nelson José Marques, do Pará, contou para o Jornal O Liberal como era sua preparação para os campeonatos de fisiculturismo. Ele disse que passava seis horas diárias em treinamento e se opunha ao uso de hormônios anabolizantes, pois teria visto pessoas morrerem por complicação do uso indiscriminado desses fármacos. Na mesma fonte, a competidora de fisiculturismo Marilena Corrêa disse que se sentia incomodada ao sair de casa, pois sofria preconceitos por ser musculosa e que as pessoas a julgavam como se ela fosse homossexual.

Já na década de 1990, seguindo pelas polêmicas geradas no final dos anos 1980 referentes ao uso de medicações intensificadoras de desempenho, o Correio Braziliense<sup>30</sup> enfatizava em

---

<sup>27</sup>JORNAL DOS SPORTS. 16 de outubro. 1988, p.16.

<sup>28</sup>JORNAL DO BRASIL. 19 de outubro. 1988, p.22.

<sup>29</sup>O LIBERAL. 23 de maio. 1989, p.41.

<sup>30</sup>O CORREIO BRAZILIENSE. 25 de fevereiro. 1990, p.15.

periódico que, mesmo com as políticas antidoping, o uso de esteróides anabolizantes continuava a crescer no meio esportivo. O texto usou da fala de um competidor de fisiculturismo que disse não ser possível competir sem o uso das substâncias, pois deixaria a competição injusta, visto que no meio o uso era generalizado. Essa polêmica prosseguiu por toda a década.

O Comitê Olímpico Internacional apontou<sup>31</sup> em 1991 a diminuição de 23% dos casos de doping e dizia que o fisiculturismo foi a modalidade em que houve o maior número de detecções, sendo 13,74% em competições e 17,37 % fora delas. Surgiram também denúncias<sup>32</sup> por meio dos médicos contra supostos “falsos treinadores” que estimulavam competidores de fisiculturismo ao uso indiscriminado de substâncias veterinárias. A discussão chegou ao conselho de medicina<sup>33</sup>, que discutiu o aumento exacerbado no uso de esteróides anabolizantes e medicamentos veterinários por parte de competidores, principalmente fisiculturistas.

Devido a ênfase dada ao uso de fármacos eventos passaram a ser promovidos no intuito de conscientizar os praticantes de modalidades esportivas quanto ao uso de drogas. No Rio de Janeiro, um evento deste tipo contou com apresentações de fisiculturismo, intitulado de “Não as drogas, sim ao esporte”<sup>34</sup>.

No final da década de 1990, a tricampeã brasileira de fisiculturismo, Lúcia Helena<sup>35</sup>, foi a óbito aos 33 anos por complicações no fígado vindas do uso de esteróides anabolizantes. Os anabolizantes permaneciam sendo comprados com facilidade nas farmácias sem a exigência de receitas<sup>36</sup> e o seu uso indiscriminado era feito principalmente por parte dos fisiculturistas<sup>37</sup>. Segundo a notícia, isso havia virado moda pela facilidade de compra e estava afetando a saúde dos usuários. A revista Manchete apresentou denúncias sobre o “mercado negro” de hormônios dentro das academias por parte dos colaboradores, falando sobre os efeitos colaterais, os riscos à saúde, assim como os efeitos do uso de medicação veterinária. Foi também colocado em pauta o falecimento da competidora Lúcia Helena: “[...] ela estava irreconhecível quando morreu: além de barba, estava mais inchada e pesada”, segundos as

---

<sup>31</sup>JORNAL DO BRASIL. 12 de Junho. 1991, p.16.

<sup>32</sup>JORNAL DO COMMERCIO. 27 de março. 1991, p.35.

<sup>33</sup>A TRIBUNA. 27 de abril. 1991, p.32.

<sup>34</sup>JORNAL DO BRASIL. 19 de Dezembro. 1991, p.79.

<sup>35</sup>JORNAL DO BRASIL. 08 de Setembro. 1999, p.21.

<sup>36</sup>JORNAL DO BRASIL. 16 de Maio. 1999, p.105.

<sup>37</sup>JORNAL DO BRASIL. 08 de Setembro. 1999, p.18.

informações ela teria sido suspensa de campeonatos após se recusar a fazer o exame antidoping<sup>38</sup>.

Os periódicos em geral alertavam que havia um “pacto de silêncio” entre os usuários, que comumente negavam o uso. O Jornal do Brasil<sup>39</sup> informou que o campeão sul-americano Enzo Perondini “quebrou o pacto” falando sobre câncer de fígado adquirido por ele devido à exposição aos medicamentos. O tabu era tão grande que, após a morte de Lúcia Helena, quando a polêmica caiu na mídia, os jornalistas que haviam comentado sobre o assunto passaram a receber ameaças de morte por parte de outros usuários e pessoas próximas à falecida<sup>40</sup>.

Poucos meses após, com o assunto ainda em pauta, o brasileiro José Carlos Souza, que ganhou “Mister Universo” na Eslováquia<sup>41</sup>, disse em entrevista que nunca havia feito o uso de esteróides anabolizantes<sup>42</sup>. Possivelmente a fala do competidor condiz com o tabu gerado no período, marcado pelo falecimento de Lúcia Helena.

Em relação aos padrões estéticos aos quais os competidores se apresentavam, também conhecidos como categorias, as divisões de fisiculturismo até então se davam por peso e altura, porém o padrão de desenho muscular era o mesmo para todas as divisões. Geralmente, as categorias eram: leve, média e pesada, podendo também haver a categoria juvenil ou júnior, para competidores de pouca idade (menores de 21 anos)<sup>43</sup>. As ocorrências encontradas levam a crer que as subdivisões de categorias não seguiam uma regra e aconteciam conforme a demanda, pois nem todos os campeonatos possuíam divisão entre categorias femininas, por exemplo, que, em alguns casos, apareciam como sendo categoria única<sup>44</sup>, e em outros sendo divididas por pesos. A exemplo disso, A Manchete<sup>45</sup> apresentou os resultados do campeonato “Ibero-Americano” com fotos dos competidores, dentre elas, de uma mulher, Viviane Werneck Neves, competidora da categoria pesada (ou seja, categoria que englobava mulheres mais musculosas).

---

<sup>38</sup>MANCHETE. 18 de setembro. 1999, p.18-21.

<sup>39</sup>JORNAL DO BRASIL. 08 de Setembro. 1999, p.18.

<sup>40</sup>JORNAL DO BRASIL. 09 de setembro. 1999, p.20.

<sup>41</sup>JORNAL DO BRASIL. 29 de novembro. 1999, p.21.

<sup>42</sup>JORNAL DO BRASIL. 29 de novembro. 1999, p.25.

<sup>43</sup>JORNAL DO COMMERCIO. 08 de março. 1988, p.14.

<sup>44</sup>DIÁRIO DO PARÁ. 26 de agosto. 1989, p.21.

<sup>45</sup>MANCHETE. ed 1910. s/a, p.53.



**Imagem 2-** Competidora Viviane Werneck Neves entre os competidores homens. Fonte: Acervo do Arquivo Nacional.

A “Academia *Spartakus*” do Rio Grande do Sul, conhecida por incentivar as mulheres a praticarem o fisiculturismo, dizia lutar para acabar com os preconceitos que ainda existiam<sup>46</sup>. Os preconceitos aconteciam principalmente pela exposição das competidoras ao uso de substâncias intensificadora de estética e por se tratar de poucas, ou inexistentes, divisões nas categorias femininas. A falta de categorias fazia com que as competidoras tendessem a estar cada vez mais fortes e definidas nos palcos, levando-as muitas vezes a perder as formas características da mulher. Foi então que nas dinâmicas do fisiculturismo de mulheres, nos anos de 1992 e 1993, foram encontradas informações relevantes sobre o surgimento de uma nova categoria, que teria o objetivo de proporcionar as competidoras se apresentarem de forma mais feminina e delicada do que as fisiculturistas estavam se apresentando anteriormente.

Iniciando pelo concurso de beleza “Garoto e garota verão 93”<sup>47</sup>, que contou com a participação de competidoras de fisiculturismo, dessa vez considerando as demais características das competidoras que não somente o corpo. Surgiram também competidoras apresentando silhuetas mais delicadas, como Cátia Nogueira que havia vencido um campeonato de estreantes. Observando as fotos anexadas da competidora na revista *Manchete*, percebe-se a participação de competidoras mais delicadas quando comparado aos padrões representados pelo *Bodybuilding* feminino, categoria em vigor na época, visto que Cátia apareceu nas fotos<sup>48</sup> com pouca marcação e pouco volume muscular.

---

<sup>46</sup>O PIONEIRO. 25/ 26 de novembro. 1989, p.69.

<sup>47</sup>O FLUMINENSE. 27 de março. 1993, p.12.

<sup>48</sup> MANCHETE. 10 de julho. 1993, p.69.



**Imagem 3-** Cátia Nogueira, 1993. Fonte: Acervo do Arquivo Nacional.

Fato que pode ser explicado pelo surgimento da categoria “miss Fitness”<sup>49</sup> em 1992, colocado como categoria extra<sup>50</sup>, além das categorias femininas, Baixo e Alto. Acredita-se que se tratava de uma categoria mais delicada, dedicada a mulheres que gostariam de exibir a boa forma sem apresentar muscularidade evidenciada.

Em 1995, um evento sobre estética corporal feminina incentivou as competidoras com premiação em dinheiro. O “Concurso Fitness de Beleza Feminina”<sup>51</sup>, realizado no Rio de Janeiro, dizia não se tratar de fisiculturismo, pois levaria em conta a beleza e a sensualidade das participantes. A vencedora do concurso receberia uma premiação em dinheiro de R\$ 500,00 e teria sua foto publicada na revista “Músculo e Força”. Fato interessante da informação foi a necessidade que surgiu de avaliar o físico junto com a beleza geral, o que não acontecia nos campeonatos de fisiculturismo.

No período também ocorria aumento na aparição de homens musculosos em filmes, o que chamava atenção dos telespectadores para a modalidade (PINHO, 2020). Posteriormente ao crescimento da indústria *fitness* na década de 1980 (MILLINGTON, 2016), o corpo hipertrofiado era exibido nos cinemas, com isso, especialmente na década de 1990, algumas mulheres competidoras ganharam destaque pela mídia. Apesar de a brasileira Rita Amaral ter ganhado o título de vice-campeã do “Mister Universo” em 1989 e, conseqüentemente, ter sido a primeira brasileira a se destacar no exterior<sup>52</sup>, e também ser considerada em 1994 pela Federação de São Paulo como a melhor competidora de fisiculturismo feminino<sup>53</sup>, quem

<sup>49</sup> JORNAL DO BRASIL. 25 de Julho. 1992, p.74.

<sup>50</sup> JORNAL DO BRASIL. 16 de Outubro. 1997, p.67.

<sup>51</sup> JORNAL DOS SPORTS. 20 de março. 1995, p.8.

<sup>52</sup> JORNAL DOS SPORTS. 12 de dezembro. 1989, p.10.

<sup>53</sup> A TRIBUNA. 19 de novembro. 1995, p.24.

realmente recebia os holofotes, tanto pela indústria televisiva<sup>54</sup> como por meio de jornais e revistas, era a competidora Betty Tessuto. A mídia criada em torno da competidora ia desde sua carreira competitiva até assuntos íntimos, como sua vida sexual<sup>55</sup>, ficando claro que, de fato, existia um interesse midiático por trás da figura da competidora, que chegou a ser banida das competições por 30 dias por “falsa identidade”, após dizer ter sido tricampeã brasileira<sup>56</sup>.

Os títulos ao qual a competidora se referiu pertenciam a Danusa Marques, que se manifestou dizendo que a mídia criou a situação para promover Betty Tessuto e proporcioná-la patrocínios<sup>57</sup>. Em defesa, Betty Tessuto alegou que houve um equívoco por parte da matéria quanto a suas titulações: “Havia dito que fui tricampeã paulista” e julgou Danusa Marques dizendo ter inveja de sua “genética privilegiada”, apontando que a competidora caiu em exame antidoping internacional no ano de 1989, porém o caso foi abafado pela federação carioca<sup>58</sup>.

O interesse da mídia pela modalidade começou a incomodar pessoas que não sentiam apreço pelo padrão estético. A escritora Shua considerava o fisiculturismo, principalmente o de mulheres, um dos “mitos impostos pelos meios de comunicação” pois a modalidade era bastante explorada pelas emissoras de televisão<sup>59</sup>. Explicação que pode surgir em notícia do *Jornal do Commercio*<sup>60</sup>, que fez referência ao ideal muscular grego, como defendido por Eugene Sandow (CLEVELAND, 2018), falando também da influência dos atores musculosos dos filmes lançados no período para aumento da procura por salas de musculação. Como explicado por (PINHO, 2020), a notícia expõe o incômodo de pessoas que não são envolvidas com o excesso de cuidado com o corpo e vaidade por parte dos praticantes de fisiculturismo.

Quanto a especulação referente ao acesso dos patrocinadores pela mídia, até o ano de 1995, dentre as ocorrências encontradas quando se referiam a patrocinadores, estes em nada se vinculavam com a modalidade, ou seja, sem que houvesse ligação dos patrocinadores com os produtos utilizados pelos competidores nas preparações, como por exemplo o patrocínio de uma autopeça<sup>61</sup>. A falta de vínculo entre as empresas e as modalidades explica boa parte da falta de incentivos financeiros do período, o que, de acordo com Leão (2015) era o principal

---

<sup>54</sup> FLUMINENSE. 26 de julho. 1995, p.14.

<sup>55</sup> MANCHETE. 20 de novembro. 1994, p.57.

<sup>56</sup> JORNAL DO BRASIL. Ed 00149. 1993, p.82.

<sup>57</sup> JORNAL DO BRASIL. Ed 00170. 1993, p.118.

<sup>58</sup> JORNAL DO BRASIL. Ed 00184. 1993, p.123.

<sup>59</sup>FOLHA DE HOJE. 03 de fevereiro. 1992, p.10.

<sup>60</sup>JORNAL DO COMMERCIO. 05 de julho. 1993, p.16.

<sup>61</sup> A TRIBUNA. 01 de outubro. 1991, p.15.

motivo que levava as competidoras à desistência. Apesar de encontrada em algumas ocorrências campeonatos com premiações em dinheiro<sup>62</sup>, não era comum a extensão dos prêmios às categorias femininas<sup>63</sup>.

A exemplo disso, entre 1991 e 1994, a competidora Mirian Neves apareceu em diversas ocorrências<sup>64</sup> pedindo ajuda de patrocinadores<sup>65</sup> para competir em campeonatos internacionais<sup>66</sup>, porém não obteve sucesso na busca. Segundo a competidora, a falta de incentivo a impedia de competir em níveis mais avançados da modalidade. Entretanto, mesmo sem patrocínio, ela seguiu competindo e ganhando títulos, por exemplo, vencendo a categoria pesada do “Campeonato Brasileiro” de 1998<sup>67</sup>, repetindo o título de campeã paulista em 1999<sup>68</sup>.

Por outro lado, a competidora Mônica Martins, em 1994, foi classificada para o “Campeonato Mundial” na Suécia e o “Campeonato Ibero-Americano” na Colômbia e disse que não poderia participar dos eventos por falta de patrocinadores<sup>69</sup>. Posteriormente, a competidora apareceu vinculada a uma marca de suplementos vitamínicos chamada “*Mega-Pro International*”<sup>70</sup>, provavelmente empresa que veio a ajudá-la devido o pedido anterior. Logo após, ela ganhou dois campeonatos internacionais, o “Campeonato Sul-Americano” e o “Campeonato Ibero-Americano”<sup>71</sup> e foi considerada pela Federação nacional, em 1996, como a melhor competidora mulher de fisiculturismo do Brasil. Naquele ano a competidora participou do “Campeonato Mundial” na Itália<sup>72</sup>, o qual ficou em quarto lugar, sendo a primeira fisiculturista brasileira a ficar em boa colocação neste campeonato<sup>73</sup>.

Em 1995, o jornal A Tribuna colocou a modalidade como carente de patrocinadores<sup>74</sup>, porém, foi encontrado nesse ano fontes dessa primeira vinculação de uma competidora da modalidade com uma empresa de suplementação alimentar. Em 1999, o “Mister Santos” teve

---

<sup>62</sup> O PIONEIRO. 09 de junho. 1995, p.38.

<sup>63</sup> A TRIBUNA. 15 de dezembro. 1990, p.14.

<sup>64</sup> A TRIBUNA. 01 de março. 1991, p.12.

<sup>65</sup> A TRIBUNA. 27 de setembro. 1993, p.16.

<sup>66</sup> A TRIBUNA. 11 de julho. 1994, p.23.

<sup>67</sup> A TRIBUNA. 11 de outubro. 1998, p.21.

<sup>68</sup> A TRIBUNA. 26 de novembro. 1999, p.19.

<sup>69</sup> A TRIBUNA. 28 de abril. 1995, p.17.

<sup>70</sup> A TRIBUNA. 01 de agosto. 1995, p.16.

<sup>71</sup> A TRIBUNA. 19 de novembro. 1995, p.24.

<sup>72</sup> A TRIBUNA. 01 de setembro. 1996, p.23.

<sup>73</sup> A TRIBUNA. 04 de novembro. 1996, p.20.

<sup>74</sup> A TRIBUNA. 13 de setembro. 1995, p.18.

o apoio da empresa de suplementos “Integral Médica”<sup>75</sup>. Essa foi a única ocorrência encontrada que vinculou uma empresa de suplementos a um campeonato de fisiculturismo.

## CONCLUSÃO

Ao analisar as fontes encontradas pode-se perceber uma pequena discordância com a literatura quanto ao primórdio da participação de mulheres nos campeonatos de fisiculturismo, sendo possível concluir que na década de 1970 já haviam mulheres participando dos campeonatos no Brasil. Além disso, o período estudado foi marcado pela formação identitária da modalidade e o processo de desvinculação com as organizações de halterofilismo, sendo comum encontrar ocorrências as quais os nomes das duas modalidades estivessem sendo tratados como sinônimos, ou sendo confundidos.

Outro assunto que se sobressaiu foi o incomodo sentindo por algumas competidoras por terem adquirido traços masculinizados, devido a utilização de substâncias intensificadoras de estética. Substâncias essas que se popularizaram no meio após o episódio de doping nos Jogos Olímpicos de 1988, que fez com que o assunto entrasse em ascensão, passando a ser conhecido, procurado e discutido.

Além do aumento gerado pelo escândalo olímpico, as fontes apontaram que a popularização também ocorreu devido a facilidade de acesso à compra em farmácias, de forma legal e sem receituário médico. Entretanto, alguns competidores passaram a negar o uso, criando um “pacto de silêncio”, após episódios de óbitos entre competidores usuários serem noticiados pela mídia. As polêmicas que perduraram pela década de 1990 vieram a cogitar a hipótese de mudanças nas categorias do fisiculturismo de mulheres. Alguns eventos incorporaram uma categoria alternativa no ano de 1992, nomeada de “Miss Fitness”. A categoria era dedicada a mulheres que pretendiam exibir boa forma sem apresentar musculatura evidente, similar ao que viria a ser oficializado posteriormente. Além disso, ocorreu a aparição de concursos de beleza para mulheres bem treinadas, que além de avaliar o físico também julgavam a beleza forma geral, o que não acontecia nos campeonatos da modalidade. Entretanto, a diferenciação de padrões conhecidos hoje só veio a ocorrer após a virada do século XX para XXI, mais precisamente no ano 2002, com a chegada de novas divisões de categorias femininas, explorando também a diferenciação de formato estético entre as categorias e avaliando a beleza facial das competidoras (LEÃO, 2015), o que fez crescer a aceitação da modalidade pelo público geral.

---

<sup>75</sup> A TRIBUNA. 13 de setembro. 1995, p.18.

O período estudado (1978- 1999) também foi marcado pela evidência midiática sobre a modalidade, devido a aparição de atores musculosos, principalmente no cinema. Entretanto, a modalidade não contava com vastos patrocinadores. Raras foram as ocorrências encontradas as quais os competidores possuíam algum vínculo de patrocínio, sendo que, até o ano de 1995, quando havia patrocinadores envolvidos, essas empresas em nada se aproximavam do segmento fitness. De acordo com as fontes encontradas a agregação das empresas de suplementos alimentares só vieram acontecer ao final do século XX. Tais empresas incorporaram a modalidade no século XXI, e passaram a ser as principais responsáveis por financiar eventos e competidores (JESUS, 2017; ROBERT; FILHA, 2016).

Com isso pode-se concluir que o período estudado foi marcado pela formação identitária da modalidade, desde a sua desvinculação com o halterofilismo até a necessidade de se expandir criando categorias femininas e vinculando-se a marcas patrocinadoras. Além disso o período foi taxado por polêmicas, principalmente sobre o uso de substâncias medicamentosas por parte das competidoras. Relacionando-se a participação de mulheres, por até então se tratar de uma novidade, muitas vezes era usada como chamariz pela mídia e pelos próprios eventos.

## REFERÊNCIAS

- ALMENIDA, M. B; GUTIERREZ, D. M; GUTIERREZ, G. L. O doping e os Jogos Olímpicos: Diferentes dimensões do fenômeno. **Revista USP**. n.108, p.77-86. 2016.
- BARBOSA, O. J. P. **Efeitos prejudiciais provocados pela utilização de anabolizantes esteróides androgênicos (EAAs) em mulheres de fisiculturismo**. São Luiz- MA. Centro Universitário UNDB. 45p. 2021.
- BARROS, J. D'A. Sobre o uso de jornais como fontes históricas- uma síntese metodológica. **Revista Portuguesa de História**. v. 52. p. 397-419. 2021.
- BETTENCOURT, A. M. M; PINTO, M. Z.R. A hemeroteca digital brasileira. **XXV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, documentação e ciência da Informação**. Florianópolis- SC. 07-10/jul. 2013.
- BRASIL, E; NASCIMENTO, L. F. História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. **Estudos Históricos**. v.33. n.69. p.196-219. 2020.
- CANDAU, J. Memória e identidade. Tradução: Maria Leticia Ferreira. **Editora Contexto**. São Paulo. 219p. 2011.
- CERRI, L. F. Os conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da História. **Revista de História Regional**. v.6, n.2, p. 93-112. 2001.

- CLEVELAND, K. Eugene Sandow's "Grecian Ideal" and the Birth of Modern Body-Building. **Philomathes**. 13p. 2017.
- FUCHS, P. M. Diagnosis in track and field performances past the 1988 Ben Johnson doping scandal. **Mathematical methods in the Applied sciences**. v.22, n.15, p. 1351-73. 1999.
- GIORDANO, R. B. Hemeroteca Digital Brasileira como fonte de informação para pesquisa científica. **Jornal da Ciência**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2016.
- HARTGENS, F; KUIPERS, H. Effects of androgenic- anabolic steroids em athletes. **Sport Med**. v. 34. n. 8. p. 513-554. 2004.
- JESUS, D. S. V. "Vem monstro!": suplementação alimentar e masculinidade hegemônica em perfis de homens fitness no Instagram". **Recorde**. v.10, n.2, p. 1-14. 2017.
- LEÃO, C. V. **A exclusão da categoria bodybuilding feminina nos campeonatos de fisiculturismo: uma análise inicial**. Porto Alegre- RS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 48p. 2015.
- LEÃO, C. V. **Pioneiras do fisiculturismo no Rio Grande do Sul: fatores motivacionais para a adesão ao treino e as competições**. Porto Alegre- RS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 56p. 2015.
- LOPES, D. C; EHRENBERG, M. C. Entre o pódio e o picadeiro: O *sportsman* circense Zeca Floriano. **Revista História da Educação**. v. 24. p.1-29. 2020.
- LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: Pinsky, C. B. (org.). Fontes históricas. **Editora Contexto**. São Paulo- SP. p. 111-153. 2005.
- MILLINGTON, B. Fit for presumption: interactivily and the second fitness boom. **Media, Culture & Society**. v. 38. n. 8. p. 1184-200. 2016.
- NEVES, T. G. **Primórdios do halterofilismo e do fisiculturismo no Brasil**. Porto Alegre- RS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 63p. 2012.
- PINHO, M. V. B. Origem e desenvolvimento do fisiculturismo: uma análise fílmica. Brasília-DF. **UNICEPLAC**. 26p. 2020.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. v.5. n.10. p. 200-21. 1992.
- REICH, J. The World's Most Perfectly Developed Man: Charles Atlas, Physical Culture, and the Inscription of American Masculinity. **Men and Masculinities**. v.12. n.4. p. 444-461. 2010.
- ROBERT, A. P; FILHA, E. A. O. Ativação de patrocínio: uma análise do evento Arnold Classic Brasil 2016. Curitiba- PR. **XVII Congresso de Ciência da Comunicação na Região Sul**. 15p. 2016.
- SCHWARZENEGGER, A. **Enciclopédia de fisiculturismo e musculação**. Ed.1. 834p. 2001.
- SILVA, G; MAIA, F. D. Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico. **Rumores**. v.5. n. 10. 19p. 2011.

STERN, M. The Fitness Movement and the Fitness Center Industry, 1960-2000. **Business and Economic History**. v.6. p.1-26. 2008.

## 6- ARTIGO 3

### PERDENDO MÚSCULOS E GANHANDO FORÇA: AS MODIFICAÇÕES OCORRIDAS NO FISCULTURISMO DE MULHERES NO BRASIL (2000-2015)

#### RESUMO

O objetivo do presente artigo foi compreender as modificações ocorridas no fisiculturismo de mulheres no Brasil entre os anos de 2000-2015, com ênfase na diversificação de categorias da modalidade. O método da História Oral foi adotado, baseando-se em dois dirigentes de federações e duas ex-competidoras que estavam ativas durante o período correspondente ao recorte temporal. Os achados possibilitaram a compreensão histórica do desenvolvimento das categorias para mulheres e os motivos de interesse que levaram à diversificação dos padrões.

Palavras-chave: História do Fisiculturismo; Mulheres no esporte; Fontes Oraís.

#### INTRODUÇÃO

Como explicado no capítulo anterior desta dissertação, o fisiculturismo, até o início do século XXI era pouco praticado pelas mulheres. Raro era ver uma mulher competindo, quanto mais delimitar padrões para julgamento. O fisiculturismo de mulheres se baseava em uma única categoria oficial, o *Bodybuilder* feminino. A categoria buscava pelo máximo desenvolvimento muscular, o que acabou fazendo com que as competidoras exagerassem no uso de recursos que possibilitassem tal feito, como por exemplo, os hormônios anabolizantes.

A situação chamou atenção das federações que buscaram corrigir o problema, criando em 2002 nos Estados Unidos da América um novo padrão, a categoria *Bodyfitness*, a qual a competidora precisaria se apresentar com músculos moderadamente destacados e o quadril estreito. Entretanto, no Brasil a nova categoria teve baixa aderência, permanecendo uma escassez de competidores. Como solução, criou-se no Brasil em 2005 a categoria *Wellness Fitness Fitness*, que evidenciava os glúteos, parte do corpo feminino valorizado pela cultura brasileira (GONÇALVES; COSTA, 2021).

Os padrões continuam se diversificando. Surgiu a categoria *Bikini Fitness*, criada em 2010 prezando pela magreza e a *Women's Physique* em 2012 como uma versão menor das

competidores de *Bodybuilder* feminino, gerando a exclusão desta categoria em 2015 (LEÃO, 2015b). As modificações mudaram o fisiculturismo de mulheres e trouxeram mais adeptas, marcando uma nova fase da modalidade.

Em meio a tantas mudanças o objetivo do estudo foi compreender as modificações ocorridas no fisiculturismo de mulheres no Brasil entre os anos de 2000-2015, com ênfase na diversificação de categorias da modalidade. A compreensão se torna importante para o entendimento da modalidade e os padrões de julgamento. Para o desenvolvimento do estudo adotou-se o uso de fontes orais (ALBERTI, 2005) de agentes envolvidos no processo estudando em período correspondente ao recorte temporal (2000-20015).

## **METODOLOGIA**

O artigo se baseou na História Oral permitindo narrar fatos históricos por meio da oralidade de agentes envolvidos aos ocorridos (ALBERTI, 2005). A oralidade de um acontecimento se baseia na memória pertencente ao orador no momento presente, portanto sujeita a modificações com o passar do tempo (DELGADO, 2017). As memórias se formam pela maneira que o indivíduo guarda determinado acontecimento partindo de suas emoções, que também são influenciadas pelos sentimentos presentes, podendo haver distorções (CATROGA, 2015). A seletividade da memória possui uma estreita ligação com a identidade, que é a percepção que uma pessoa adquire em relação a si própria (POLLAK, 1992). Para Candau (2011) a ligação entre a memória e a identidade é tão forte que a perda da memória também significaria a perda de identidade. Portanto, a História Oral se baseia não apenas nas memórias, mas também a identidade dos oradores.

Os materiais foram coletados com forma de entrevistas temáticas e qualitativas (ALBERTI, 2005) com a participação de duas mulheres que foram competidoras de fisiculturismo no período a ser estudado (2000-2015) e dois representantes de federações envolvidos nas dinâmicas ocorridas na modalidade no Brasil no mesmo período. Todas as entrevistas foram realizadas de forma presencial e foram norteadas por um roteiro de perguntas pré-estabelecido. A primeira entrevista aconteceu em Uberlândia-MG (22/04/2022), a segunda no Rio de Janeiro- RJ (24/04/2022), seguido por duas entrevistas em Curitiba-PR (03/05/2022) e (30/05/2022).

Para garantir à segurança das fontes todas as entrevistas foram gravadas por dois gravadores e posteriormente documentadas por meio da transcrição literal de áudio, sendo que

todos os entrevistados tiveram acesso às transcrições de seus depoimentos. Todos renunciaram ao anonimato. Seguindo as recomendações de Alberti (2005), os documentos foram analisados e conjugados para que juntos formassem o presente artigo. Para que a análise se baseasse em diferentes pontos de vista, optou-se por entrevistar representantes de federações distintas, a saber, os senhores Paulo Veloso e Gustavo Costa. Paulo Veloso foi fundador da Federação Paranaense de Musculação, atual presidente da *World Fitness Federation* (WFF) Brasil e árbitro internacional de fisiculturismo. Segundo o próprio, ao perceber que o Paraná não possuía destaque em cenário nacional resolveu trazer a primeira federação de fisiculturismo para o estado, fundando a *National Amateur Bodybuilders Association* (NABBA) do Paraná, em 2005. Gustavo Costa, por sua vez, assumiu a presidência da federação carioca de fisiculturismo, IFBB Rio, também em 2005, e se mantém até então (2023) no mesmo posto, sendo o idealizador da categoria *Wellness Fitness*, igualmente criada em 2005 no Brasil, sendo a única categoria de fisiculturismo oficialmente reconhecida pelos Estados Unidos da América, mas criada fora, tanto que é informalmente conhecida como o padrão brasileiro.

Para a seleção das competidoras, consideraram-se aquelas que haviam competido durante o recorte temporal e encerrado suas carreiras competitivas, para que não houvesse influência externa e garantisse certo distanciamento da modalidade, portanto, as senhoras Dayane Oliveira e Pamela Propst contribuíram com o estudo.

Dayane Oliveira começou a se apresentar pela categoria *Bikini Fitness*, passou pelo *Figure*, *Women'sPhysique* e *Bodybuilder*, chegando a competir em nível nacional. Pamela Propst começou a competir com a estréia da categoria *Wellness Fitness* e foi a única categoria a qual se apresentou em mais e 15 campeonatos, incluindo campeonatos nacionais.

## **DISCUSSÃO**

Para contextualizar as informações pertinentes ao recorte temporal analisado (2000-2015), fez-se necessário delimitar as diferenças entre as entidades federativas envolvidas ao fisiculturismo.

Gustavo Costa (2022) explicou que a Confederação Brasileira de Culturismo e Musculação (CBCM) foi fundada em 1963 e foi primeira entidade federativa de fisiculturismo no Brasil, presidida por Eugenio Koprowski e tendo Alexandre Pagnani como vice-presidente. Segundo o entrevistado, a entidade era vinculada ‘a Federação Internacional de Fisiculturismo

& *Fitness* (IFBB), fundada em 1946, responsável por promover eventos mundiais, tanto em nível amador quanto em nível profissional, como o Arnold Ohio e o Mister Olympia. Estes eventos, segundo ele, são considerados os campeonatos de fisiculturismo mais expressivos do mundo. A CBCM foi importante no primórdio do fisiculturismo no Brasil, pois a partir da sua fundação foram surgindo as federações regionais.

Segundo Paulo Veloso (2022), além da IFBB, outras duas federações promovem eventos mundiais: a *National Amateur Bodybuilder's Association* (NABBA), fundada em 1949, promovendo o campeonato Mister Universo na Inglaterra, e a *World Fitness Federation* (WFF), fundada em 1968, promovendo o Mister Universo WFF e o Campeonato Mundial em países variados, sendo que essas adotam nomenclaturas diferentes para categorias similares às da IFBB, que podem ser equiparadas.

Com a CBCM sendo a única federação nacional no Brasil entre as décadas de 1960 e 2000, segundo Paulo Veloso (2022), em 2001 a NABBA Brasil teve sua fundação. Pelas informações dadas por Gustavo Costa (2022), ao receber uma proposta, Eugenio Koprowski largou a CBCM para presidir a NABBA Brasil. Devido a sua grande popularidade em São Paulo, a federação veio a se destacar no estado, com isso Alexandre Pagnani assumiu a presidência da CBCM. A popularidade do fisiculturismo nas terras paulistas no início dos anos 2000 foi evidenciada pelas falas de ambos os dirigentes, seguida pelo estado do Rio de Janeiro: “[...] São Paulo, sempre foi São Paulo e Rio, na época a Bahia também era muito forte, mas o Paraná não existia no cenário nacional.” (Paulo Veloso, 2022). Entretanto a força recebida pela NABBA em São Paulo não superou a CBCM (vinculada com a IFBB) no restante do Brasil.

Na papelada, só diz que o Alexandre Pagnani assumiu a CBCM e o Eugenio, a NABBA. E que foi uma explosão, porque ele era muito querido em São Paulo. Então assim, praticamente todo mundo da IFBB em São Paulo foi pra NABBA, e a IFBB de São Paulo ficou fraca, mas nos outros estados, ninguém acompanhou. (Gustavo Costa, 2022).

Portanto, até o início dos anos 2000, o Brasil contava com duas federações mundiais, a IFBB e a NABBA, sendo que a NABBA permanecia concentrada no estado de São Paulo, enquanto a IFBB se expandia entre os estados brasileiros por meio da CBCM. Até o período, os campeonatos da IFBB internacional seguiam um único padrão de físico para mulheres, o *Bodybuilding* Feminino, ao qual, quanto mais musculosa e definida a competidora estivesse, melhor seria sua avaliação (LEÃO, 2015b). A Figura 1 exemplifica a categoria por meio da imagem da competidora brasileira Anne Freitas.

Figura 1- Anne Freitas–*Bodybuilding*<sup>76</sup>



Conforme a competitividade entre as mulheres aumentou, os padrões de desenvolvimento muscular da categoria também cresceram, chegando ao ponto ao qual as competidoras se apresentavam com físicos muito musculosos. Consequentemente, na ausência de uma delimitação de padrão muscular, o uso de recursos intensificadores de desempenho (como os anabolizantes) aumentou, pois as competidoras queriam e apresentar cada vez mais musculosas. Com isso a IFBB internacional decidiu lançar um novo padrão de fisiculturismo para mulheres, o *Bodyfitness* em 2002 (LEÃO, 2015a), exemplificado pela fotografia da competidora brasileira Janaina Ferreira na Figura 2.

---

<sup>76</sup>Fonte: retirada de <https://www.muscleandfitness.com/flexonline/ifbb/anne-freitas-womensbodybuilding-2013-toronto-pro/> em 08 jan 2023

Figura 2- Janaina Ferreira –*Bodyfitness*<sup>77</sup>



A nova categoria buscava delimitar um limite de muscularidade para as competidoras do sexo feminino, a categoria foi definida como um padrão de silhueta em “Y” o qual os membros superiores necessitariam possuir maior desenvolvimento em proporção relacionado aos membros inferiores, além disso, a beleza facial passou a ser considerada para o julgamento (GONÇALVES; COSTA, 2021). Na ocasião inicial (2002), em tentativa de trazer características de concursos de *miss* os campeonatos contavam com uma apresentação diferenciada “Tinha uma entrada de modelo noite, né? Vestido longo; não sei o que lá. Tinha uma entrada com *Body*. E depois tinha a entrada com o biquíni.” (Gustavo Costa, 2022).

Apesar das características inovadoras da categoria, criada nos Estados Unidos da América, ela não recebeu destaque no Brasil devido à baixa aderência das competidoras nacionais nos anos iniciais: “[...] não vingou. Não vingou. Não tinham muitas competidoras, era fraco, Era fraco.” (Gustavo Costa, 2022).

Com a pouca procura do público pelo *Bodybuilding* Feminino e a baixa popularidade da categoria *Bodyfitness*, até 2004 havia evidente superioridade em participantes do sexo masculino nos campeonatos de fisiculturismo no Brasil. Em 2005, ao assumir a presidência da IFBB do Rio de Janeiro, Gustavo Costa (2022) sentindo a necessidade de elevar o número de competidores e espectadores, pois, segundo o próprio, no ano anterior os campeonatos não chegavam a 50 pessoas assistindo, por isso, criou a categoria *Wellness Fitness* na tentativa de

---

<sup>77</sup> Fonte: retirada de <https://m.facebook.com/pg/jana.bodyfitness/posts/> em 08 jan 2023.

popularizar o fisiculturismo ao gosto dos brasileiros. A Figura 3 estampa a competidora brasileira Pamela Propst na categoria *Wellnes Fitness*.

Figura 3- Pamela Propst *Wellness Fitness*<sup>78</sup>



Segundo Gustavo Costa (2022), a idéia surgiu após a insatisfação dele perante um campeonato que a federação por ele dirigida promoveu na praia de Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro.

Eu fiz um campeonato na Praia de Copacabana, aí tinha os *Bodybuilder*, as *Bodyfitness*... Mas sabe um campeonato chocho? Eu fiz o campeonato e falei: – “Caraca! Que merda esse campeonato, cara.” Durou 40 minutos. Tinha lá os *Bodybuilder*. Ah, que merda cara. (Gustavo Costa, 2022).

Ao final do evento, frustrado com o resultado, Gustavo Costa (2022) teve a idéia de criar uma categoria utilizando os padrões considerados bonitos nas praias no Brasil, tanto para homens quanto para mulheres e os nomeou de *Wellness Fitness*, pois a categoria traria sensação de bem-estar.

Eu falei: – “Cara, que merda cara!” Isso em janeiro, logo que eu assumi. Aí eu falei: – “Cara a estreante é em abril. Ah não! Vai se ferrar cara!” Eu puto, junto com a Érica (cônjuge), a gente saiu dali. Enquanto o pessoal estava desmontando o palco da praia eu fui com ela pro outro lado da rua, num restaurante da Avenida Atlântica. Estava lá comigo. Eu falei: – *Wellness Fitness*...Hã?! *Wellness Fitness* Érica. *Wellness Fitness*! A gente tava começando a namorar. Ela: – “O quê?” *Wellness Fitness*. A categoria *Wellness Fitness* masculino. *Wellness Fitness* feminino. Eu vou botar essa porra no estreante.” Aí segunda-feira na academia, eu aqui já bolando tudo. Eu ligando pros meus amigos: – “Cara, eu vou criar uma categoria... Assim, assado... Eu preciso que tu bote alguém aqui. Eu preciso que tu bote um atleta. Chama alguém.” Foi assim. Em abril, mais de 50 atletas de *Wellness Fitness*, masculino e feminino, no palco. (Gustavo Costa, 2022).

<sup>78</sup> Fonte: Retirada de: <https://m.facebook.com/344970832240775/> em 08 jan 2023.

Gustavo Costa (2022) acreditava que a criação seria bem-vista e necessária, uma vez que o fisiculturismo possuía poucos adeptos em decorrência da baixa diversificação de padrões: “Em 2005 não tinha nada. Em 2005 tinha o *Bodybuilding*. E já tinha *Bodyfitness*. O *Bodybuilding* feminino e o masculino. E o *Bodyfitness*, que era só feminino.” (Gustavo Costa, 2022). Para ele, a criação de um padrão acessível e agradável favoreceria a modalidade, fazendo com que o fisiculturismo crescesse no Brasil.

O padrão inicial criado por Gustavo Costa (2022) baseava-se em desenvolver o físico em um ponto considerado atlético, porém estilo praia. Segundo Paulo Veloso (2022), quando a *Wellness Fitness* foi criada o padrão seguia por “[...] coxas muito grandes, glúteos grandes, cintura fina, com pouca musculatura aparente, essa foi a *Wellness Fitness* da época [...]”. A ex-competidora da categoria, Pamela Propst (2022) comparou o padrão inicial da categoria com o físico das “dançarinas de funk”, justificando que o importante era ter volume de curvas bem arredondadas. Quanto à versão masculina da categoria, segundo Gustavo Costa (2022), carrega a idéia de um físico masculino para praia, se apresentando de sunga.

Gustavo Costa (2022) defendeu que ao assumir a federação carioca em 2005 seu principal objetivo era criar as categorias, pois, segundo ele, havia uma distância muito grande entre os frequentadores das academias e os competidores que participavam dos campeonatos de fisiculturismo. O entrevistado disse que acreditava muito na adesão do padrão principalmente no Rio de Janeiro, pois era comum encontrar pessoas nas academias treinando para ficarem mais atléticas para irem às praias, e que confirmou sua expectativa com a rápida aceitação do público nos eventos que promoviam as novas categorias, principalmente pela novidade de verem mulheres se apresentando com um padrão muscular diferenciado para o período, o que abriu margem para situações de assédio no início.

Então, assim, eles não estavam acostumados. Aí eles vêem aquele monte de mulher. Quando eles viam o fisiculturismo eles viam cinco, seis mulheres feias, com os traços masculinos, extremamente musculosos. E, de repente, tu bota um batalhão de mulher. eu tinha que parar, sem brincadeira, eu tinha que parar o campeonato e falar: – “Pessoal, olha só, é uma nova categoria. Aqui elas não tão se apresentando pra fazer programa. Então, por favor. Esse negócio de: – “Gostosa! Eu pago, quanto quiser.” Mas era assim, era baixaria. –“Vamos respeitar aqui. Poderia ser a mãe de vocês, a namorada, sua filha. Então olha só, vocês vão ter que acostumar. (Gustavo Costa, 2022).

Na ocasião da estréia da categoria a divulgação para a participação das competidoras aconteceu pela indicação das pessoas que sabiam que o campeonato aconteceria. A ex-competidora Pamela Propst (2022), que competiu no primeiro campeonato da *Wellness Fitness*, disse que mesmo treinando em Curitiba, soube por meio de um amigo que no Rio de

Janeiro aconteceria o lançamento de uma categoria compatível com seu físico, e foi convidada a competir.

A criação da categoria contribuiu para o crescimento do fisiculturismo no Rio de Janeiro e pelo aumento do número de competidores nos campeonatos. No mesmo período a NABBA também veio a crescer e ganhar maior representatividade, expandindo-se por vários estados brasileiros, como explicado por Paulo Veloso e Gustavo Costa (2022): “Em 2005 eu fundei a NABBA Paraná na época, né? 2005, foi a partir daí com o esporte começou a crescer, né [...]”. (Paulo Veloso, 2022).

Mais ou menos de 95 até 2004 foi quando... foi o período que a NABBA não tava conseguindo expandir. Ficaram travados ali em São Paulo, São Paulo, São Paulo. Em 2005, quando eu assumi a federação aqui do Rio, que aí explodiu. Porque no Rio... explodiu. (Gustavo Costa, 2022).

Ambos os dirigentes acreditam que o ano de 2005 marcou a crescente do fisiculturismo no Brasil, entretanto, há diferenciação na justificativa do motivo do acontecimento. Enquanto Paulo Veloso (2022) acredita que o fisiculturismo passou a crescer com a expansão da NABBA pelos estados brasileiros, em especial pela chegada da federação no Paraná (fundada por ele), Gustavo Costa (2022) defende que o motivo do crescimento se vínculos a criação da categoria *Wellness Fitness* (igualmente fundada por ele).

Na questão é importante compreender que, de acordo com Pollok (1992) as memórias (percepções da realidade) de um indivíduo são modificadas no decorrer dos anos de acordo com a identidade (imagem que uma pessoa adquire sobre ela mesma ao longo de sua vida), ou seja, a forma como o indivíduo se percebe no contexto modifica a memória que ele terá sobre o mesmo contexto, além disso, a memória é de característica seletiva construída a partir do sentimento trazido pela identidade. Sendo assim, cada dirigente acredita que sua contribuição à modalidade foi o fator determinante para justificar um possível aumento no número de adeptos do fisiculturismo no Brasil no ano de 2005, pois as memórias de cada um estão vinculadas a identidade construída por eles no contexto, por essa razão deve-se considerar que tanto a criação de uma nova categoria, quanto a facilidade de acesso a campeonatos promovidos pela expansão de federações entre os estados brasileiros, auxiliou no aumento do número de praticantes de fisiculturismo no Brasil.

Segundo Gustavo Costa (2022), em 2006 ele começou a tentar colocar a nova categoria para os campeonatos nacionais da CBCM e conseguiu, com a ajuda de Alexandre Pagnani, colocar em 2007. Porém a organização aceitou expandir ao restante do Brasil apenas a versão feminina da categoria, sendo que a masculina continuou apenas no estado do Rio de

Janeiro, e teve seu nome trocado para *Body Shape*. Segundo o criador, a categoria fez sucesso em 2007 no Campeonato Brasileiro e foi bem recebida em um congresso ao qual Gustavo Costa a apresentou em 2011, em Lima, no Peru, fazendo com que a categoria fosse aceita no Campeonato Sul-Americano da IFBB, em 2012, e no Arnold Brasil, em 2013, sendo oficialmente incorporada ao catálogo de categorias pela IFBB Brasil em 2014.

Enquanto o Brasil lançava um padrão para as brasileiras competirem, no cenário internacional também surgia à necessidade de diversificação, criando-se, então, nos Estados Unidos da América, em 2010, a categoria *Bikini Fitness*. A categoria consistia em apresentar a forma física magra e atlética, próxima ao padrão das modelos de passarela, evidenciando as curvaturas delicadas e femininas da competidora; a categoria levava em consideração também a beleza geral e a apresentação (LEÃO, 2015b). Segundo a ex-competidora Dayane Oliveira (2022), a categoria não foi bem-vista pelos demais competidores na ocasião:

Você acaba desmerecendo o novo que está chegando, um olhar meio que de desprezo mesmo, porque não... não chega a ser uma atleta. Atleta mesmo de fisiculturismo. É uma menina magra com percentual de gordura baixo. (Dayane Oliveira, 2022).

A Figura 4 exemplifica a categoria *Bikini Fitness* pela fotografia da competidora brasileira Elisa Pecini:

Figura 4- Elisa Pecini– *Bikini Fitness*<sup>79</sup>



Em sintonia, Paulo Veloso (2022), defendeu que “[...] se é uma competição de musculação o atleta tem que ter músculo, né? Porque você está no palco julgando definição e volume muscular, então o atleta tem que ter músculo”. Entretanto, Gustavo Costa (2022) explicou que no ano de 2004 o *Bodybuilding* feminino começou a “perder a força”, pois as

<sup>79</sup>Fonte: Retirada de: <https://fitnessvolt.com/elisa-pecini-profile/> em 08 jan 2023.

mulheres estavam se apresentando com características muito virilizadas, sendo que em 2012 em uma assembléia mundial, a qual ele participou, os representantes da IFBB internacional decidiram, na tentativa de colocar limites na situação, excluir a categoria *Bodybuilder* feminino dos principais campeonatos da federação no ano seguinte. Para isso foi criado mais um padrão, com semelhança na forma de apresentação, porém com controle de volume e definição muscular, considerando também as características de beleza facial das competidoras, a *Women's Physique*, exemplificado na Figura 5 pela competidora Juliana Malacarne:

Figura 5- Juliana Malacarne –*Women's Physique*<sup>80</sup>



Na categoria lançada as competidoras devem se apresentar realizando poses e coreografias, exibindo uma silhueta em “X”, ou seja, volume de membros superiores e interiores em proporções parecidas e definição superior as demais categorias, porém com traços musculares arredondados (GONÇALVES; COSTA, 2021). A categoria estreou em 2013 e resultou na exclusão do *Bodybuilding* feminino das competições da IFBB, em 2015. A idéia seria que as competidoras da categoria excluída migrassem para a categoria nova, porém considerando o nível de desenvolvimento muscular atingido por elas e as características adquiridas pela prática, a mudança tornava-se inviável, causando o fim da carreira de várias competidoras, como exposto por Leão (2015b).

Enquanto isso, a NABBA trabalhava com um padrão chamado *Figure*, compatível à *Women's Physique* na IFBB, porém aceitava competidoras um pouco maiores que a outra federação. De acordo com Paulo Veloso (2022), a categoria *Figure* da NABBA seguia um

---

<sup>80</sup> Fonte: Retirada de: <https://br.pinterest.com/pin/326018460503924562/> 08 jan 2023.

volume muscular menor do que a categoria *Bodybuilding* feminino da IFBB, que havia sido excluída, e por esse motivo não houve migração de competidoras com a exclusão do padrão. Segundo Gustavo Costa (2022) pouquíssimas competidoras migraram de federação, isso também porque o número de eventos promovidos pela NABBA era inferior ao número de eventos promovidos pela IFBB no Brasil em 2015. Além disso, devido ao baixo número de competidoras brasileiras na categoria, a exclusão pouco afetou o fisiculturismo nacional, tendo maior impacto fora do país.

Figura 6- Dayane Oliveira – *Figure*<sup>81</sup>

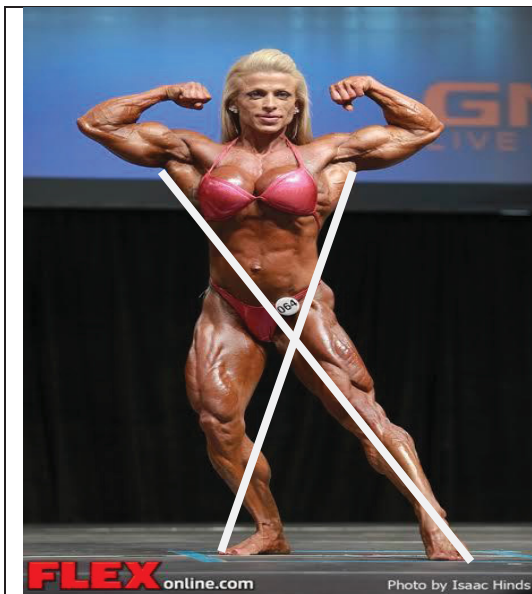


A fim de facilitar a leitura e a diferenciação entre as categorias apresentadas o QUADRO 1 expões o comparativo e as diferenças de apresentação, baseando-se nas informações dadas anteriormente:

---

<sup>81</sup> Fonte: Retirada de: <http://treinandoemdosedupla.blogspot.com/2012/07/dicas-de-day-oliveira.html?m=1> em 08 jan 2023.

## QUADRO 1- Categorias do fisiculturismo de mulheres



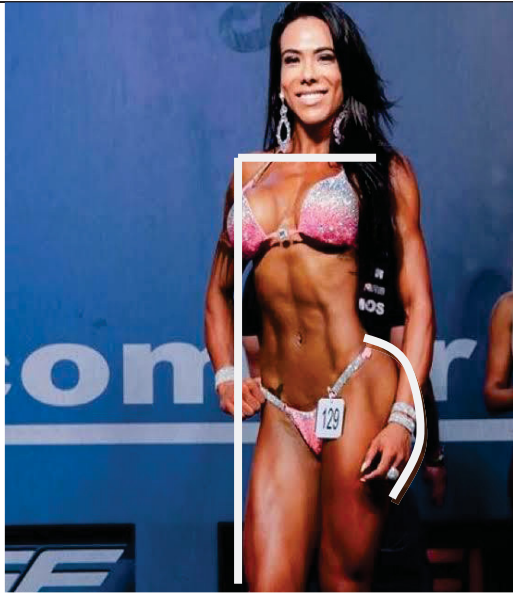
A categoria *Bodybuilder* feminino se caracteriza pelo desenvolvimento muscular máximo que a competidora é capaz de atingir. Os músculos são fortes e bem definidos, chegando a aparecer as fibras musculares. A proporção muscular deve formar um “X” entre membros superiores e inferiores e deve haver simetria entre os lados do corpo. As competidoras não usam sapatos, jóias e pedrarias nos biquínis. As poses são realizadas com as mãos fechadas e essa é a única categoria a qual a beleza facial é desconsiderada. A apresentação se dá por: quarto de voltas (perfil de frente, lados e costas), poses compulsórias e dança.

Na fotografia a competidora Anne Louise Freitas.



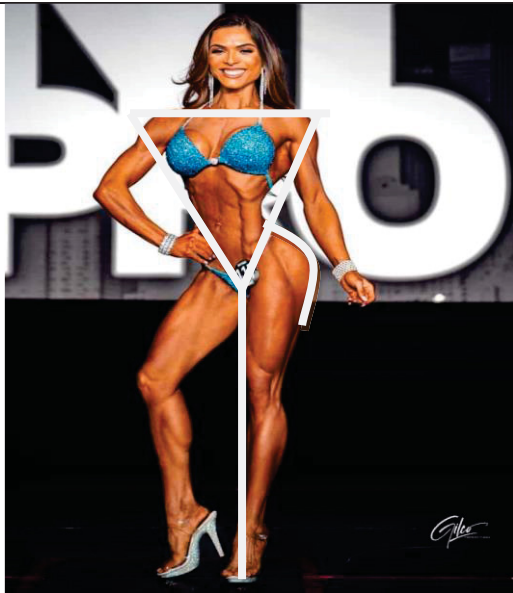
A categoria *Bodyfitness* apresenta desenvolvimento muscular menor do que o das competidoras de *Bodybuilder*, porém ainda com os membros superiores bastante desenvolvidos. A proporção muscular deve formar um “Y”, ou seja, musculatura superior larga e quadril e coxas estreitos. As competidoras se apresentam de salto alto, jóias e biquínis decorados. A apresentação se dá apenas por quarto de voltas.

Na fotografia a competidora Janaina Ferreira.



A categoria *Wellness Fitness* apresenta pouco desenvolvimento muscular, prezando pelo arredondamento do quadril e o baixo desenvolvimento da musculatura superior do corpo, havendo predominância dos membros inferiores. As competidoras se apresentam de salto alto, jóias e biquínis decorados. A apresentação se dá apenas por quarto de voltas.

Na fotografia a competidora Pamela Propst.



A categoria *Bikini Fitness* se caracteriza por ser a menor categoria de fisiculturismo, prezando pela magreza e por suaves marcações musculares. A proporção muscular deve formar um “V” na relação ombros e cintura, preservando as formas arredondadas. As competidoras se apresentam de salto alto, jóias e biquínis decorados. A apresentação se dá apenas por quarto de voltas.

Na fotografia a competidora Elisa Pecini.



A categoria *Women's Physique* surgiu com a proposta de substituir a categoria *Bodybuilder* feminino, prezando pela musculatura desenvolvida e bem definida, com poucas fibras aparecendo. A proporção muscular segue um “X” e deve haver simetria entre os lados do corpo, assim como no *Bodybuilder*. As competidoras não usam sapatos, mas usam jóias e pedrarias nos biquínis. As poses são realizadas com as mãos abertas e devem ser delicadas. A apresentação se dá por: quarto de voltas, poses compulsórias e dança.

Na fotografia a competidora Juliana Malacarne.



A categoria *Figure* da NABBA se caracteriza por grande desenvolvimento muscular mantendo formas arredondadas, a proporção muscular não é tão considerada como nas demais categorias, as competidoras apresentam-se entre os padrões da *Bodybuilder* e da *Women's Physique*. As competidoras usam salto alto, jóias e pedrarias nos biquínis. As poses são realizadas com as mãos abertas e devem ser delicadas. A apresentação se dá por: quarto de voltas, poses compulsórias e dança.

Na fotografia a competidora Dayane Oliveira.

O movimento de diversificação de padrões estéticos não foi surpreendente, uma vez que ao analisar o contexto histórico voltado aos padrões de físico e estética se notam grandes variações no decorrer dos séculos e até mesmo em décadas, como explicado por Vigarello (2003) e Vigarello (2006). Segundo o autor o apresso por silhuetas com a musculatura desenvolvida começou a surgir apenas no início do século XX, junto à moda do bronzamento e, posteriormente, pelos atores de cinema, o que veio a intensificar não só essa, mas também outras tendências estéticas (VIGARELLO, 2006). Fato é que os padrões estéticos se

encontram em constante transformação, dentro e fora do fisiculturismo, o que faz com que a criação de novas categorias, e até mesmo a modificação das existentes, seja um movimento esperado.

Paulo Veloso (2022) acredita que a diversificação aconteceu naturalmente, porém movimentada pelo interesse dos competidores em desenvolver físicos menos musculosos, ou no caso das mulheres, para tentar evitar efeitos virilizantes.

Então, a questão dos padrões foi atender a demanda de atletas que a gente estava tendo no Brasil né? Cresceu, o nosso esporte cresceu demais, então teve assim uma procura muito grande, e a demanda de categorias por pessoas que querem um corpo mais atlético e não tão musculoso, que se enquadre em uma categoria, cresceu também, por isso que entrou bem nas categorias *Bikini Fitness*, *Wellness Fitness*, mas nessa faixa assim que não tem tanto desenvolvimento muscular. (Paulo Veloso, 2022).

Um corpo muito musculoso pertencente a uma mulher passou a ser visto como virilizado e as discussões em torno da questão da virilização no fisiculturismo de mulheres tornou-se bastante frequente. Estudos apontam que as competidoras chegam a ser socialmente classificadas como “criminosas de gênero” por apresentarem características masculinizadas e chegam a despertar aversão em não adeptos da modalidade (SHILLIG; BUNSELL, 2009). Segundo Corbin, Courtine e Vigarello (2013) os “fora da lei de gênero” são aqueles que, de alguma forma, saem do esperado socialmente para os estereótipos de homem e mulher, nos quais a mulher é a figura delicada e o homem a figura viril, não se limitando a jogos corporais. Os autores acreditam que exposição das mulheres, mesmo que heterossexuais, a testosterona pode trazer a elas efeitos virilizantes, como por exemplo, o aumento da força, características físicas tidas como masculinas, como a estética corporal dos músculos desenvolvidos e a agressividade. Sendo assim, “A virilidade da mulher continua a causar medo. Ela desencadeia quase que automaticamente um julgamento estético e moral negativo.” (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, p. 151. 2013).

Por esse motivo a exclusão da categoria *Bodybuilding* feminino muitas vezes é justificada como uma tentativa de reduzir características virilizantes adquiridas por competidoras da modalidade, uma vez que a categoria exigia que as competidoras se expusessem a maior quantidade de testosterona e apresentassem físicos mais agressivos, perto do que socialmente é visto como masculinizado. Outra normativa que passou a ser implementada para conter a virilização nos novos padrões foi o julgamento estético facial, que fez com que competidoras que apresentassem característica virilizadas passassem a perder pontuação (GONÇALVES; COSTA, 2021). A justificativa empregada foi que o julgamento

poderia reduzir a exposição das competidoras ao uso de intensificadores de desempenho e tornar a modalidade socialmente mais agradável, e conseqüentemente mais vendável.

#### AS QUESTÕES FINANCEIRAS ENVOLVIDAS NA CRIAÇÃO DE CATEGORIAS:

Pamela Propst (2022) e Dayane Oliveira (2022) acreditam que o movimento de criação de categorias serviu para atrair mais competidores para os campeonatos, elevar o público e com isso tornar a modalidade mais rentável para atrair patrocinadores. Segundo Paulo Veloso (2022), a exclusão da categoria e a criação dos novos padrões foi um movimento natural da modalidade, uma vez que as competidoras se apresentavam muito desenvolvidas e causavam espanto no público e também nas marcas apoiadoras da modalidade. O mesmo entrevistado acentuou que a dificuldade enfrentada por essas mulheres para se manter na categoria era muito superior a dos homens que competiam em categoria compatível, o que tornava inviável a manutenção do padrão, pois o número de competidoras da categoria estava cada vez mais escasso nos campeonatos.

Paulo Veloso (2022) defendeu que a diversificação dos padrões para mulheres auxiliou na entrada de empresas patrocinadoras, facilitando a venda de suplementos, por exemplo. Porém, segundo ele, o que tornou ainda mais expressivo foi o crescimento da modalidade em mídias sociais, sendo de fato onde o comércio de produtos acontece. Veloso (2022) ainda defende que a internet foi a grande responsável pelo crescimento de patrocinadores para fisiculturistas. Jesus (2017) investigou o uso de redes sociais para expor produtos de patrocinadores de fisiculturistas, como suplementos alimentares, além de considerar as mídias sociais como um meio de reforçar estereótipos. O objetivo neste caso seria atrair o público que admira a beleza atlética dos competidores para vender produtos relacionados com a modalidade.

Simetria e proporção, marcadores de beleza que não precisam ser medidos milimetricamente, mas podem ser admirados pela visão (ECO, 2004) estão presentes no fisiculturismo por serem considerados no julgamento (QUADRO 1), formando a beleza atlética da modalidade. A beleza atlética, por sua vez, admirada por muitos, é definida por Gumbrecht (2007) e dividida em sete fascínios, entre eles os corpos esculpidos ao qual o fisiculturismo diz respeito.

Os fisiculturistas que adotam essa orientação (quando tudo dá certo) acabam assumindo a aparência de modelos anatômicos. Mas o melhor modelo anatômico não é necessariamente aquele com maiores músculos. É uma figura na qual o desenvolvimento de cada músculo não atrapalha, e sim

reforça uma impressão de harmonia e difícil definição. (GUMBRECHT, p.111. 2007.)

O autor descreve que a beleza atlética dos fisiculturistas não encanta por si só, mas pela simetria e harmonia adotada, que segundo ele pode se apresentar de várias formas, ao que é chamado de categorias, afastando os corpos femininos e masculinos dos modelos convencionais. Entretanto o autor ainda faz ligação da cultura do fisiculturismo com exposições sexualizadas, demonstrando a tênue linha entre a beleza atlética admirável pelos adoradores de esportes com a realização de desejos sexuais que transbordam pela estética do corpo (GUMBRECHT, 2007). Para usar o fisiculturismo para vender um produto, fazia-se necessário explorar as duas vertentes: os admiradores do esporte e os de belos corpos, nesse sentido, quanto mais diversificadas fossem as categorias melhor seria para as empresas patrocinadoras que investissem nesse setor.

As empresas de suplemento alimentar passaram a ser a maior fonte de recursos e patrocínios da modalidade após a revolução *fitness* (Stern, 2008), vinculando-se fortemente ao meio do fisiculturismo, patrocinando competidores, feiras e eventos (ROBERT; FILHA, 2016). Entretanto, os dirigentes entrevistados defenderam que as federações de nível nacional não possuem vasto acesso aos recursos investidos por tais empresas. Paulo Veloso (2022) afirma que os campeonatos da NABBA passaram a receber apoios, porém nunca chegaram a gerar lucro e que a federação é mantida simplesmente com intuito de contribuir para o desenvolvimento da modalidade, preparando competidores para campeonatos internacionais. Em contrapartida Gustavo Costa (2022) citou que, mesmo que as federações nacionais não lucrem expressivamente, a IFBB internacional movimentou grandes quantias financeiras por meio da promoção de campeonatos.

Baseando-se nas entrevistadas, relacionando ao incentivo dos patrocinadores para com as competidoras, os resultados se não apresentaram muito satisfatórios no período estudado. Dayane Oliveira (2022), que competia na categoria *Figure*, afirmou nunca ter recebido qualquer tipo de patrocínio ou incentivo financeiro durante suas fases de competição, e relatou que tinha um gasto mensal de aproximadamente R\$ 15.000,00 com sua dieta, procedimentos estéticos, medicamentos e outros custos relacionados aos campeonatos. Pamela Propst (2022), que competia na categoria *Wellness Fitness*, relatou que durante sua carreira contou com apoio de patrocinadores do segmento de suplementos alimentares, mas que o auxílio vinha principalmente no custeio de viagens com fins competitivos, e que mesmo contando com tais auxílios ainda gastava em torno de R\$ 8.300,00 a mais por mês somente com a preparação.

A diferenciação de acesso a patrocínios entre as competidoras pode se explicar pela categoria adotada. Jaeger (2011) afirma que há tendências de facilidade de patrocínios para competidoras pertencentes a categorias consideradas *fitness* como a categoria *Bikini Fitness* e a *Wellness Fitness*, por apresentarem características mais bem aceitas socialmente e, por consequência, mais ventáveis, o que torna o investimento mais atrativo às marcas patrocinadoras. Gustavo Costa (2022) acredita que a principal diferença entre o resultado alcançado pelos competidores brasileiros quando comparado aos estrangeiros estava na oportunidade de investimento, uma vez que o fisiculturismo possui altos custos e os competidores brasileiros possuíam pouco incentivo financeiro.

Outro fator de impacto ligado à questão de patrocinadores está na manipulação de resultados em eventos. Dayane Oliveira (2022) apontou situações que presenciou, tanto com ela quanto com terceiros, em que houve manipulação de resultados em campeonatos de acordo com os interesses de empresas patrocinadoras, a fim de vincular a marca ao campeão. Segundo ela ocorrem boicotes por favoritismo, ou interesse de patrocinadores, em campeonatos diversos, muitas vezes justificados por padrões de arbitragem ou pelas vestimentas dos competidores. Pamela Propst (2022) relatou que as justificativas para resultados combinados partiam principalmente do padrão de arbitragem e, em casos de competições de mulheres, do quão virilizada as competidoras estavam, mesmo que o público do evento percebesse a manipulação.

O presidente Gustavo Costa (2022), ao tratar abertamente sobre o assunto, relatou ter recusado propostas de patrocinadores estrangeiros para aumento de cachê em troca de combinação de resultados em campeonatos. Segundo o dirigente, a manipulação era frequente e muitas vezes proposital, principalmente em campeonatos de nível mais elevado, quase sempre em decorrência dos interesses dos patrocinadores.

O gringo falou comigo: –“Você vai entrar no nosso esquema milionário e vai andar de Porsche, ou você vai continuar no seu esquema Brasil andando de Fusquinha?”. Eu falei: – “Eu vou continuar no meu esquema Brasil andando a pé, mas vou continuar dormindo e acordando tranquilo”. (Gustavo Costa, 2022).

De acordo com suas palavras, os campeonatos internacionais além de combinarem os resultados, possuíam tendência de evitar consagrar um competidor inexperiente como campeão, mesmo que sua condição física esteja favorável, pois isso instigaria a persistência do competidor em seguir sua carreira, portanto, nem sempre o primeiro lugar era dado para o melhor.

Paulo Veloso (2022), por sua vez, defendeu que a subjetividade encontrada para se definir um padrão justifica todo e qualquer resultado controverso, pois em cada competição os parâmetros poderiam ser influenciados pela condição física apresentada pelas competidoras, e que divergências costumavam ser frequentes, porém, reduzidas conforme o nível do campeonato. Paulo Veloso (2022) defendeu que quanto mais alto fosse o nível do campeonato mais experiente seriam os árbitros convocados para o julgamento, portanto menores seriam as injustiças de julgamento.

Competidoras como Pamela Propst (2022) e Dayane Oliveira (2022) relataram sentimentos de injustiça por resultados quando participavam de campeonatos de fisiculturismo no Brasil. Dayane Oliveira (2022) lembrou ter ficado em terceira colocação mesmo estando mais definida, pois as concorrentes estavam vinculadas à empresa patrocinadora do evento. Segundo ela, a federação a qual concorria justificou sua colocação argumentando que ela se apresentava em padrão superior a categoria e ao nível do campeonato. Pamela Propst (2022) relatou ter sido injustiçada após se indispor por meio de redes sociais com pessoas próximas aos organizadores do evento em questão:

Teve um campeonato que meu preparador falou: –“Ó... você só perdeu...” Ele falou assim, porque foi muito nítido, o campeonato inteiro falou que foi roubado. – “Você só perdeu porque se dispôs”. (Pamela Propst, 2022).

Em relação ao sentimento de injustiça e a manipulação de resultados expressa pelas ex-competidoras, mais uma vez se vincula a relação memória e identidade explicada por Pollok (1992), considerando que, as opiniões a cerca da injustiça no julgamento poderiam ser diferentes partindo das falas dos competidores consagrados campeões.

Apesar disso, o Brasil construiu uma identidade internacional partindo da criação da *Wellness Fitness*. Paulo Veloso (2022) acredita que a categoria foi reconhecida como a categoria da mulher brasileira e fez com que o fisiculturismo de mulheres do Brasil fosse visto de forma positiva internacionalmente. Pamela Propst (2022) acredita que o Brasil é visto como um país promissor para o fisiculturismo de mulheres, principalmente relacionando-se a categoria *Wellness Fitness*. O criador da categoria, Gustavo Costa (2022) ao ser questionado sobre o Brasil ter conseguido criar uma identidade perante sua categoria, afirmou:

Conseguiu. Conseguiu. Eu vou te falar. Porque olha, o que eu recebo pelo Instagram não é brincadeira não, mensagem e mensagem de dirigente do mundo inteiro. Presidente de federações internacionais, promotor de evento da Europa. É Portugal, Espanha, Estados Unidos, Miami, Flórida, que eu conheço mais. Mas os caras mandam assim, orgulhosos: “Gustavo, botei uma bandeirinha do Brasil aqui, não sei que lá, no *Wellness Fitness*.” Botam a bandeirinha do Brasil. Então assim, no mundo inteiro. E pra mim é muito... é muito... porque é... é lugar que eu nem sonhava. (Gustavo Costa, 2022).

## CONCLUSÃO

O fisiculturismo de mulheres sofreu modificações na virada do milênio, principalmente ligadas à diversificação de padrões, expresso pelas novas categorias. A diversificação de categorias não era um fenômeno imprevisível, uma vez que os padrões estéticos tendem a se modificar no decorrer do tempo nos mais diversos aspectos. No caso do fisiculturismo, a diversificação de padrões fez com que o número de adeptos da modalidade aumentasse e as novas categorias femininas reduzissem as características virilizantes apresentadas pelas competidoras. A redução da virilização fez com que a modalidade se tornasse socialmente mais agradável e conseqüentemente mais vendável, passando a revolução do *fitness*, permitindo tornar a modalidade mais atrativa para as empresas patrocinadoras.

As empresas patrocinadoras passaram a movimentar grandes quantias financeiras por meio do fisiculturismo, porém os investimentos pareceram não atingir de forma satisfatória grande parcela dos competidores e das organizações regionais, considerando que o interesse das marcas surge baseado principalmente na divulgação por mídias sociais, podendo também ser influenciado pela categoria a qual a competidora participa, optando por categorias menos virilizadas. Fazendo jus a tal questão, considerou-se também a tentativa de dissociação das empresas de suplemento com competidores que deixam claro a utilização de anabolizantes, como os que falam abertamente sobre o assunto ou aquelas que deixam transparecer pela virilização.

O maior achado foi que, na percepção dos entrevistados, o Brasil conseguiu criar uma identidade nacional para o fisiculturismo de mulheres por meio da invenção da categoria *Wellness Fitness* em 2005 no Rio de Janeiro- RJ, sendo considerada como o padrão da mulher brasileira e passando a ser aceita internacionalmente.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. Manual de História Oral. Rio de Janeiro- RJ. **Fundação Getúlio Vargas**. 234p. 2005.
- CANDAU, J. Memória e identidade. Tradução: Maria Leticia Ferreira. **Editora Contexto**. São Paulo. 219p. 2011.
- CATROGA, F. Memória, História e Historiografia. Rio de Janeiro- RJ. **FGV editora**. 100p. 2016.

- CORBIN, A; COURTINE, J. J; VIGARELLO, G. História da virilidade: 3. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Tradução de Noeli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. Petrópolis. **Vozes**. 2013.
- DELGADO, L. A. N. História oral: Memória, tempo e identidades. **Autêntica**. 136p. 2017.
- ECO, U. História da beleza. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro. **Editora Record**. 2004.
- GONÇALVES, M. C; COSTA, A. T. V. Corpo e laboratório: experimentos de mulheres fisiculturistas. **Revista Estudos Feministas**. v.29. n.2. 13p. 2021.
- GUMBRECHT, H. U. Elogio da Beleza Atlética. Tradução Fernanda Ravagnani. São Paulo. **Companhia das Letras**. 2007.
- JAEGER, A. A. O músculo estraga a mulher? A produção da feminilidade no fisiculturismo. **Estudos Feministas**. v.19. n.3. p. 955-75. 2011.
- JESUS, D. S. V. “Vem monstro!”: suplementação alimentar e masculinidade hegemônica em perfis de homens fitness no Instagram”. **Record**. v.10, n.2, p. 1-14. 2017.
- LEÃO, C. V. **A exclusão da categoria Bodybuilding feminina nos campeonatos de Fisiculturismo: uma análise inicial**. Porto Alegre- RS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 48p. 2015 b.
- LEÃO, C. V. **Pioneiras do fisiculturismo no Rio Grande do Sul: fatores motivacionais para a adesão ao treino e as competições**. Porto Alegre- RS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 56p. 2015 a.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. v.5. n.10. p. 200-21. 1992.
- ROBERT, A. P; FILHA, E. A. O. **Ativação de patrocínio: uma análise do evento Arnold Classic Brasil 2016**. Curitiba- PR. XVII Congresso de Ciência da Comunicação na Região Sul. 15p. 2016.
- SHILLIG, C; BUNSELL, T. The female bodybuilder as a gender outlaw. **Qualitative Research in Sport and Exercise**. v.1. n.2. p.141-159. 2009.
- STERN, M. The Fitness Movement and the Fitness Center Industry, 1960-2000. **Business and Economic History**. v.6. p.1-26. 2008.
- VIGARELLO, G. A História e os modelos do corpo. **Pro-Posições**. v.14. n.2. 29p. 2003.
- VIGARELLO, G. História da Beleza: O corpo e a arte de embelezar, do renascimento aos dias de hoje. Tradução Leo Schlafman. Rio de Janeiro. **Ediouro**. 2006.

## 7- ARTIGO 4

### “CADA UM RESPONDE POR SI”: AS CONSEQUÊNCIAS DA PRÁTICA DO FISCULTURISMO.

#### RESUMO

O objetivo do presente artigo foi analisar as consequências da prática do fisiculturismo. Para investigação foram entrevistados agentes relacionados à modalidade, sendo eles dois dirigentes de federações, duas ex-competidoras e um ex-competidor de fisiculturismo. Os achados demonstram que a modalidade causa consequências sociais e de saúde aos praticantes. As consequências são acometidas por interferência de dietas restritivas, treinamentos muito intensivos, comportamentos radicais e uso de fármacos que visam melhora da estética. No caso das praticantes mulheres as consequências tendem a se agravar, devido à virilização acometida pelo uso da testosterona, um dos fármacos mais utilizados na modalidade. O estudo concluiu também que o uso dos intensificadores de estética é normalizados na modalidade de forma geral, não sendo repreendidos pelas federações e não havendo nenhum tipo de punição ao competidor que utilizar de tais recursos.

Palavras-chave: Fisiculturismo; Esteróides Anabolizantes; Fontes Orais.

#### INTRODUÇÃO

É uma luta impossível de vencer, você briga com a natureza humana indo contra a fisiologia do corpo. **No fisiculturismo tudo o que você faz é atentar contra a própria vida!** A desidratação é muito perigosa, assim como zerar sódio e potássio. A automedicação em exagero pode sobrecarregar o fígado, elevar a pressão arterial, picos de pressão muito elevados pode sobrecarregar os rins, hipertensos correm um risco maior de parar em hemodiálise, eu já estive em hemodiálise e afirmo que não é bom! Mesmo assim eu era cego pelo esporte e voltei a me entupir de hormônios (Tiago Celli, 2022).

O fisiculturismo é uma modalidade competitiva na qual o objetivo é enquadrar os músculos em um determinado padrão estético que, muitas vezes, extrapola os limites saudáveis por interferências de dietas restritivas, treinamentos intensivos e uso de fármacos intensificadores de estética (MONAGHAN; *et al.*, 2000). O estudo de Giacomitti Cardoso e Osiecki (2022) apontou que a prática da modalidade não acometeu a qualidade de vida dos praticantes de forma geral, mas causou prejuízos relacionados à dor, dependência de medicamentos e sentimentos negativos. As autoras relacionaram o resultado com a alta intensidade dos treinamentos (que podem gerar lesões), o uso de fármacos intensificadores de estética e os efeitos que o uso dos mesmos causa como fator agravante nos prejuízos encontrados.

A crescente do uso de fármacos evidencia as consequências geradas (ANDREASSON; JOHANSSON, 2019; NOGUEIRA; *et al*, 2014), que podem variar entre os indivíduos e causar consequências físicas e sociais. Como boa parte dos fármacos utilizados deriva da testosterona as pessoas do sexo feminino se diferenciam do masculino quando o assunto é a exposição ao uso de tais recursos, pois acabam gerando características de virilização (SHILLING; BUNSELL, 2014), que muitas vezes não são percebidas pelos inseridos no meio. Assim como a impercepção da virilização, outros comportamentos podem ser normalizados pela convivência social dos praticantes, como os exageros cometidos nos treinamentos, dietas e uso de fármacos. Isso acontece devido à normalidade dada a tais hábitos pelos praticantes, considerando assim o fisiculturismo como uma bolha:

Quando se trata de uma sociedade em que o sujeito se vê em uma bolha ilusória em que todos concordam entre si e com ele mesmo, não há motivo para que haja uma postura ativa para modificações no viver social, o que é uma ampla adversidade para que o movimento em questão alcance e possa modificar o pensamento ou, minimamente, abrir o olhar para a política a que se pretende (OGASSAVARA, p.69. 2022).

No contexto da citação, a autora relaciona os envolvidos com *fitness* a uma bolha social, assimilando-se ao fisiculturismo. A bolha do fisiculturismo normaliza o uso de fármacos com fins competitivos e a adoção de estratégias de treinamento e alimentares radicais. A autora do presente artigo, ex-praticante da modalidade, afirma pela vivência que a normalização não só ocorre como muitas vezes é adotada de forma inconseqüente, por exemplo, sem auxílio de profissionais capacitados e com ciência dos malefícios. Entendendo a problemática, considera-se analisar as consequências da prática do fisiculturismo, sendo esse o objetivo do estudo.

## **METODOLOGIA**

O presente artigo utilizou de entrevistas semi-estruturadas de análise de conteúdo para obter informações que possibilitassem atingir o objetivo desejado. Para garantir a qualidade das entrevistas foram utilizados os métodos de coleta de presentes no Manual de História Oral (ALBERTI, 2005). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília- CEP/CHS 2020, mediante ao parecer de número 6.028.755. Ao início de cada entrevista os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aceitando participar da pesquisa e a utilização das informações declaradas. Todos os participantes exigiram seus os nomes expostos nos próprios depoimentos.

O estudo contou com a participação de duas mulheres (Dayane Oliveira e Pamela Propst) e um homem (Tiago Celli) que foram competidores de fisiculturismo. Além dos competidores, dois representantes de federações da modalidade foram entrevistados, são eles os senhores Paulo Veloso (presidente da *World Fitness Federation* (WFF) Brasil) e Gustavo Costa (presidente da federação carioca de fisiculturismo (IFBB Rio)). A primeira entrevista aconteceu em Goiânia- GO (21/04/2022), a segunda em Uberlândia-MG (22/04/2022), a terceira no Rio de Janeiro- RJ (24/04/2022), a quarta em Curitiba-PR (03/05/2022) e a quinta também em Curitiba-PR (30/05/2022).

Para garantir a segurança das fontes orais todas as entrevistas foram duplicadas e posteriormente documentadas por meio da transcrição de áudio, sendo que todos os entrevistados tiveram acesso ao documento, que foram analisados e conjugados para que juntos formassem o presente artigo (ALBERTI, 2005).

Os entrevistados foram escolhidos devido à proximidade com o tema e o potencial de contribuição. Para a seleção dos competidores usou-se como critério de inclusão aqueles que: 1- tiveram resultados expressivos e vasta experiência com a modalidade, 2- aceitassem falar abertamente sobre temas polêmicos e 3- tivessem encerrado suas carreiras competitivas (garantindo que não houvesse proximidades ou interesses que pudessem distorcer os depoimentos). Quanto à escolha dos dirigentes considerou-se entrevistar presidentes de federações distintas para melhor aprofundamento, sendo que os dois entrevistados encontravam-se vinculados as federações na ocasião da entrevista.

## AS CONSEQUÊNCIAS DA PRÁTICA DA MODALIDADE: DIETAS E TREINAMENTOS

A característica a qual o fisiculturismo se baseia é a disciplina, os competidores precisam ser disciplinados com os treinamentos e com as dietas para atingir os objetivos musculares. O estudo de Alves *et al* (2020) afirma que os treinamentos dos fisiculturistas de divide me quatro fases, uma dedicada ao ganho de massa muscular, uma na perda máxima de gordura, uma pré-competição focada na finalização e por fim o período pós-competitivo. As ex-competidoras entrevistadas ressaltaram em suas falas a dedicação por trás da prática. Pamela Prost (2022) relatou que treinava musculação por seis dias da semana, além de fazer outros 14 treinos aeróbicos semanalmente; A ex-competidora também reportou sobre as práticas alimentares as quais seguia: “A alimentação era extremamente restritiva, baseada em ovo, batata-doce, frango, carne moída de patinho, aveia, banana e Whey”, mais do que isso,

Pamela Propst (2022) acentuou as falas de um de seus preparadores referente à dedicação exclusiva com a modalidade: “Atleta faz o que, Pamela? Come, caga, descansa e treina”.

Na mesma linha, Dayane Oliveira (2022) contou que em suas preparações realizava o treinamento de musculação acrescentada de três horas de exercícios aeróbicos diariamente. Segundo ela os competidores de fisiculturismo estavam cientes da disciplina que precisavam ter com a restrição alimentar, a sobrecarga dos treinos e até mesmo os gastos financeiros.

O fisiculturismo é uma escolha. Se você está vivendo aquilo é porque você quer, ninguém te obrigou a ir lá, ninguém está fazendo chantagem para você viver aquilo. Você vai porque quer. Então a partir do momento que você escolheu aquilo, você tem que estar ciente dos prós e dos contras de tudo que você vai viver (Dayane Oliveira, 2022).

Tiago Celli (2022) afirmou que era tão obcecado pelo fisiculturismo que aceitaria fazer qualquer coisa pela modalidade. O ex-competidor citou ter se exposto a dietas mirabolantes, treinamentos com cargas altíssimas e até uso de estratégias que comprometessem sua saúde, sendo que, ele afirmou ter conhecimento dos malefícios que a prática poderia acarretar, porém gostava de viver de tal forma.

O esforço exigido pela modalidade, e o risco, parece fascinar os competidores, o estudo de Smith e Stewart (2012) afirmou que suportar o desconforto físico, conviver com privações e enfrentar sofrimento psicológico são características valorizadas na bolha da modalidade, uma vez que se encontram diretamente ligadas à disciplina dos praticantes. A dedicação necessária para se tornar um fisiculturista transpareceu inclusive na frase do dirigente Paulo Veloso (2022):

[...] requer muita disciplina, então assim, se a pessoas está se tornando um atleta do fisiculturismo, a disciplina que ele tem, a regularidade que tem que ter com horários, para comer, para tudo, ele acaba levando isso pra vida e usando até profissionalmente (Paulo Veloso, 2022).

O envolvimento do competidor com a busca pelo padrão exigido chega a ser tão grande que alguns competidores chegam a desenvolver transtornos alimentares e de imagem. A Vigorexia é um transtorno de desordem dismórfica corporal a qual o afetado não se sente satisfeito com a forma física conquistada, almejando sempre estar mais forte e definido, não conseguindo assimilar sua própria imagem:

Os indivíduos acometidos pela Vigorexia freqüentemente se descrevem como “fracos e pequenos”, quando na verdade apresentam musculatura desenvolvida em níveis acima da média da população masculina, caracterizando uma distorção da imagem corporal. Estes se preocupam de maneira anormal com sua massa muscular, o que pode levar ao excesso de levantamentos de peso, prática de dietas hiperprotéicas, hiperglicídicas e hipolipídicas, e uso indiscriminado de suplementos protéicos, além do consumo de esteróides anabolizantes (CAMARGO, *et al.* p.4. 2008).

Desta forma o fascínio dos praticantes pela modalidade pode ser um fator agravante para o desenvolvimento da Vigorexia, sendo que, pelos estudos de Nascimento, *et al.* (2021), Soler, *et al.* (2012) e Camargo, *et al.* (2008) frequentemente fisiculturistas se encontram acometidos pelo transtorno, podendo a determinação exigida levar ao exagero da prática.

## AS CONSEQUÊNCIAS DO USO DE FÁRMACOS E A POSTURA DAS FEDERAÇÕES

Além da determinação e da disciplina, o fisiculturismo se baseia em fármacos intensificadores de estética, como os hormônios anabolizantes, os estimulantes, diuréticos e as substâncias emagrecedoras. Entre as drogas mais utilizadas pode-se citar: esteróides anabolizantes como a Trembolona, Boldenona, Estanozolol (ROSSI; RICARDI, 2021), hormônios como o GH, Insulina e tireoidianos, além de outros fármacos, como anfetaminas e diuréticos (GRECCO; MORGAN, 2008).

O organizador de eventos Gustavo Costa (2022) acredita que a ligação da modalidade com tais recursos é tão forte que não é possível desvincular, nem promover a modalidade livre de drogas: “Em um evento, se tivesse antidoping quebraria o evento” (Gustavo Costa, 2022), segundo o orador não existe fisiculturismo livre de drogas e como organizador defendeu que as federações não possuem o dever de controlar o uso, sendo que em alguns casos a federação chega até a fechar parcerias de patrocínio com laboratórios clandestinos. Paulo Veloso (2022), também organizador, por sua vez preferiu não comentar sobre o uso de intensificadores de estética por parte dos atletas:

Esse assunto, nós organizadores não entramos nesse mérito de quem usa mais ou menos. Pois nós não incentivamos o uso de substâncias irregulares e **também não ficamos contra, porque cada um responde por si**. Então assim, nós tentamos muitas vezes em palestras e cursos para atleta incentivar que eles procurem um médico e façam uso mais coerente das substâncias (Paulo Veloso, 2022).

Apesar de evitar o assunto, em concordância com o colega, Paulo Veloso (2022) reforçou que o papel da federação baseia-se exclusivamente em promover a modalidade, não sendo de responsabilidade fiscalizar os competidores, apesar disso, declarou que as federações acabam sendo comunicadas quando o uso acomete alguma complicação ou é motivo da causa de falecimento:

Não porque o nosso lado não é pra fiscalizar ou pra descobrir quem está passando mal ou quem não está. Como eu falei nos organizamos eventos para promover o esporte e promover o atleta, a gente não tem essa pesquisa... Ficamos sabendo pelas redes sociais, quando um ou outro não passou bem e faleceu (Paulo Veloso, 2022).

As informações claras do conhecimento dos dirigentes sobre casos de doping no fisiculturismo não causam espanto, uma vez que como apontado por Habeeb *et al.* (2012) a

comissão técnica das competições costuma estar ciente do uso de drogas. Segundo Andreasson e Henning (2019) diferente do contexto esportivo global, o doping no fisiculturismo não é só tolerado como é totalmente aceito e promovido pelos envolvidos na modalidade. Desta forma o uso de fármacos, principalmente de esteróides anabolizantes é tido como uma prática normalizada na bolha do fisiculturismo (MONAGHAN; *et al.*, 2000).

Embora ambos os dirigentes entrevistados acreditem que não cabe a federação controlar o uso de fármacos, estudos anteriores apontam que o posicionamento contrário das federações poderia ser uma política de prevenção eficaz na correção do problema (NOGUEIRA; *et al.*, 2014; HEBBEB; *et al.*, 2012). Ou seja, a posição neutra das federações quanto ao assunto incentiva a exposição dos competidores a tais drogas de forma indiscriminada e sem o devido acompanhamento, fazendo com que o fisiculturismo se torne ainda mais prejudicial à saúde do praticante.

Entre os efeitos nocivos da exposição a fármacos intensificadores de estética pode-se citar: impotência, infertilidade, atrofia testicular, irregularidade menstrual, hipertrofia de clitóris, virilização, mudança do perfil lipídico, aumento da pressão arterial, diminuição da função cardíaca, risco aumentado de tumores, danos no fígado, alteração de humor, depressão, agressividade, entre outros (ABRAHIN; SOUSA, 2013).

Os ex-competidores entrevistados (Tiago Celli, Pamela Propst e Dayane Oliveira) admitiram o uso de drogas intensificadoras de estética e disseram acreditar que não seria possível a prática da modalidade se não houvesse. Para Tricker, O'Neill e Cook (1989) e Habeeb *et al.* (2012) os fisiculturistas consideravam o uso de drogas como um fator importante para a definição de um vencedor nas competições, portanto não sendo possível consagrar-se ou manter-se um campeão sem se expor a tais fármacos, sendo esta a principal razão para o uso por parte dos competidores, o que vai de encontro com a fala das entrevistadas. Por outro lado, preocupações estéticas também aparecem na literatura como uma das causas da exposição a fármacos (NOGUEIRA; *et al.*, 2014), justificativa essa expressa pelo ex-competidor Tiago Celli (2022) em entrevista, quando afirmou ter utilizado de tais recursos para se sentir mais atraente.

Estudos anteriores indicam que o uso de drogas intensificadoras de estética por parte dos competidores passou a gerar impactos negativos em relação à saúde e o convívio social (SHILLING; BUNSELL, 2014; ANDREASSON; JOHANSSON, 2019), entretanto, as evidências não parecem assustar os usuários (HABEEB; *et al.*, 2012). Assim como previsto por Nogueira *et al.* (2014) os entrevistados afirmaram que estavam cientes dos riscos que

corriam durante o uso. Tanto Dayane Oliveira (2022) como Pamela Propst (2022) afirmaram que consumiam os fármacos sem prescrição médica, porém possuíam o hábito de realizar a verificação da saúde por meio de exames periodicamente. Tiago Celli (2022), por sua vez, também afirmou o consumo sem prescrição médica, porém não relatou acompanhar seus marcadores de saúde. Dayane Oliveira (2022) considerou-se conversadora quanto ao uso e disse que não sentiu regresso a sua saúde, mesmo assim afirmou que o uso causa sentir efeitos físicos e sociais.

Por outro lado Pamela Prost (2022) alegou ter explorado uma grande variedade de substâncias que causaram a ela graves problemas renais. Não exclusivamente, Tiago Celii (2022) também relatou problemas renais como um dos efeitos colaterais do uso de esteróides anabolizantes, dizendo inclusive passar por diversas sessões de hemodiálise, para muito, o ex-competidor relatou ainda ter sofrido com problemas no fígado, depressão, atrofia testicular, um caso grave de dependência química que causou impactos diretos em suas relações familiares, inflamações por aplicações locais que poderiam ter causado o amputação de uma de suas coxas, além de casos de agressividade em decorrência do uso de fármacos intensificadores de estética.

Pesquisas científicas confirmar a ligação da modalidade com os relatos encontrados, como por exemplo, o trabalho de Shilling e Bunsell (2014) que explora o estudo de caso de uma fisiculturista que além dos problemas renais também passou pela quase amputação de um de seus membros superiores. O estudo de caso se correlaciona as evidências encontradas abrindo a reflexão de que mesmo que o depoimento dado por Tiago Celli (2022) pertença a um homem, os problemas citados quanto ao exagero de fármacos também estão presentes no fisiculturismo de mulheres.

## A VIRILIZAÇÃO NO FISCULTURISMO DE MULHERES

Gustavo Costa (2022) considera que o uso de medicamentos por parte dos fisiculturistas extrapola dos limites causando prejuízos a saúde e no caso das mulheres prejudicando as características femininas, gerando virilizações, que muitas vezes não são percebidas pelas competidoras. Ambas as entrevistadas Pamela Propst (2022) e Dayane Oliveira (2022) afirmaram não ter sentido efeitos virilizantes em decorrência do uso de esteróides anabolizantes, porém, isso não significa que de fato não houve efeitos virilizantes e sim que eles podem não ter sido percebidos pelas usuárias.

Dentre as características mais expressivas de virilização em mulheres fisiculturistas pode-se citar: engrossamento de voz, aumento de clitóris, crescimento de pelos, mudanças nas características faciais, etc (NAVES, 2013). A presença de características virilizadas em mulheres, segundo Corbin, Courtine e Vigarello (2013) causa medo, desencadeia julgamentos morais e estéticos negativos, questões muito bem exploradas por Shilling e Bunsell (2014).

As entrevistadas relataram ser comparadas ou confundidas com homens, isso se deu tanto pela evidência muscular em que elas se encontravam quanto pelos efeitos colaterais adquiridos durante o uso de anabolizantes, mesmo eles não sendo percebidos pelas próprias. Dayane Oliveira (2022) relatou que conforme foi ficando mais musculosa, mudando e categoria, mais comentários referentes à virilização recebia:

Quando eu estava mais “fitness” assim, menos masculinizada, não tinha tanto... tanta crítica e tanto preconceito sabe? Depois que eu fiquei mais masculinizada aí não. Aí as coisas mudaram. É... qualquer coisinha era assim, se eu desse alguma opinião ou falasse alguma coisa em rede social, por exemplo, eu já escutava assim: “essa aqui está querendo ser homem?” Até isso aí eu já escutei: “eu vou te ensinar como é que é ser homem”, “vem aqui para você brigar, vem brigar comigo aqui no pau a pau, vamos ver quem que é mais homem” os homens me falavam isso (Dayane Oliveira, 2022).

A ex-competidora Dayane Oliveira (2022) durante a entrevista se recordou de situações parecidas até mesmo dentro de seu contexto familiar, relato que também foi presente nas falas de Pamela Propst (2022):

Outro caso que aconteceu, eu acho que eu nem lembrava disso, só por causa da sua pergunta que eu lembrei. Um... é... ex-marido da minha tia. Tipo como se fosse meu tio. Na mesa, lá na minha avó, ele conversando e tal, de queda de braço. Ele entrou nesse ponto, de queda de braço. Eu falei: “não tio.” Né? “Não. Senta aqui. Eu quero ver se você ganha de mim em queda de braço. Você está achando que você é homem?” Olha para você ver. Eu falei: “não. Quem está falando que eu estou achando que eu sou homem?” Então assim, até dentro da própria família eu escutei esse tipo de coisa. E eu... eu lembro de ouvir assim, um comentário, a pessoa falando assim: “nossa... está querendo brigar? Quero ver você aparecer aqui. Vamos ver no pau a pau. Você está querendo ser homem?” Então só porque você tem músculos, só porque você é masculinizada, você quer ser homem? (Dayane Oliveira, 2022).

A minha mãe, a minha mãe já falou uma vez: “Filha você está parecendo um homem.” Eu falava: “Mãe, mas entenda...” Tipo, é que eu tinha muito bem resolvido isso comigo. “Mãe, entenda, não é, essa questão...” Eu falei: “Quando a gente fica mais seca também, o rosto fica mais quadrado, não é, porque é osso, osso tem aresta, fica mais proeminente e tal.” Não... Não me afeta assim (Pamela Propst, 2022).

Enquanto Pamela Propst (2022) afirmava não se sentir afetada com os comentários, Dayane Oliveira (2022) relatou que sentia incômodos ao escutar tais críticas:

Eu vou te falar: eu ficava mal. Porque mesmo a mulher sabendo que ela tem aquele estereótipo que é diferente do estereótipo feminino é... você se sente baqueada. Porque você não está daquele jeito porque você quer ser homem. Você está daquele jeito porque você quer ser uma atleta. Então quando falavam assim: “não. Você quer ser homem.” Tinha assim, aquele desejo de provar que você não quer ser homem. Que simplesmente você é uma atleta, né? “Você quer ser homem?” Eu disse: “eu tenho

namorado.” Eu tinha namorado. Eu tinha uma vida. Não é porque eu era forte. Porque você é forte. Cresceu. Então assim, dá raiva mesmo. Ódio. Orador A: Sentia ódio (Dayane Oliveira, 2022).

Apesar disso, as entrevistadas explicaram que as críticas surgiam das pessoas que não tinham envolvimento com a modalidade. Dentro do contexto competitivo os relatos apontam que elas não eram consideradas virilizadas, desse modo pode-se afirmar que os padrões de beleza da modalidade são diferentes dos padrões de beleza sociais.

Eu acho que eu era vista como uma atleta muito boa. Tanto é que até hoje, depois de mais de 10 anos que eu parei, até hoje tem gente que se lembra de mim. Então... Então assim, de alguma forma eu marquei né? Porque eu não era masculina... Masculinizada, parecendo homem de verdade, porque eu sempre tive assim, cabelo bonito, rosto bonito. É... então mesmo se você olhasse o corpo de músculos, não via. Iguais muitas atletas, que ficam realmente com o rosto de homem, com o cabelo ruim... Eu não ficava assim, com esse estereótipo, então eu acho que por isso que meio que marcou (Dayane Oliveira, 2022).

Dentro do meio, eu era considerada muito feminina. Era unânime assim. Mas fora, sim. "Ah, você parece um travesti. Nossa, parece homem, nossa, não quero ficar assim." De alunas virem falar: "Não, eu quero, mas não quero ficar assim que nem você." Esse tipo de coisa (Pamela Propst, 2022).

Sendo assim, mesmo que a sociedade de forma geral não compreenda o padrão estético do fisiculturismo, dentro do meio as características femininas são compreendidas de outra forma, a ponto que uma competidora considerada masculinizada socialmente pode ser compreendida como muito feminina pelas pessoas envolvidas na modalidade, incluindo a compreensão de si mesmas.

## A PRESCRIÇÃO INDEVIDA E AS CONSEQUÊNCIAS DAS FINALIZAÇÕES

Conforme Probert e Leberman (2009) mesmo que a prática possa ser gratificante para seus praticantes eles também estão cientes de que ela pode comprometer a saúde. Andreasson e Johansson (2019) acreditam que as práticas comprometedoras adotadas servem como atalhos para obtenção de resultados e que os competidores sentem dificuldade para abandonar tais hábitos. Para Monaghan *et al.* (2000) e Smith e Stewart (2012) os fisiculturistas se fascinam pelo risco causado pelos medicamentos. Segundo Macho, Mudrak e Slepicka (2021) alguns fisiculturistas acreditam que a prática pode lhes trazer maiores níveis de conhecimento, autocontrole, bem-estar e qualidade de vida, porém impedem de ter vidas normais equilibradas fora do contexto da academia. Giacomitti Cardoso e Osieck (2022) ao analisarem a percepção de qualidade de vida concluíram que os competidores de fisiculturismo consideram possuir níveis satisfatórios de qualidade de vida e se sentem satisfeitos em linhas gerais, porém, apresentam alta prevalência de dependência a medicamentos, dores e sentimentos negativos.

As evidências encontradas apontaram que a figura dos preparadores predominava quanto a prescrição indevida de drogas intensificadoras de estética (HABBEB, *et al*, 2012). Segundo Gustavo Costa (2022) isso acontece, pois os competidores não possuem o hábito de procurar auxílio médico, ao ver dele os preparadores acabam exagerando nas doses para entregar maiores resultados aos competidores e dessa forma valorizar seus trabalhos. Dayane Olivera (2022) admitiu que seguia as prescrições de seus preparadores, porém acreditava seguir doses conservadoras, entretanto citou o caso do falecimento de uma competidora brasileira nas vésperas da competição pela prescrição exacerbada de um preparador também brasileiro (pelo pedido da entrevistada as identidades não serão reveladas). Giacomitti Cardoso e Santos (2023) acreditam que a prescrição indiscriminada de fármacos por parte dos preparadores está ligada diretamente aos casos de falecimento na modalidade.

Pamela Prospt (2022) considerou em entrevista que os exageros eram cometidos por praticamente todos os preparadores muitas vezes de forma desnecessárias e que era comum ver competidores passando muito mal antes das competições: “Ai, muitos, muitos, muitos, muitos, muitos. Casos de atletas desmaiando, é... com dor, com câimbra, câimbra era titular assim”. Por sua vez, Paulo Veloso (2022) defendeu que o problema já estava superado e que o uso de fármacos sofreu diminuição: “Não tem mais problemas de passar mal, de desmaiar no palco, coisa que acontecia muito lá atrás, da pessoa ficar sem tomar água, ‘zera isso, era aquilo’... hoje poucos fazem isso”.

Em contrapartida, o trabalho de Giacomitti Cardoso e Santos (2023) citou 16 casos de mortes recentes na modalidade, sendo que, das que o estudo se concentrou em analisar, há prevalência de mortes causadas pela prescrição indevida de fármacos por parte do preparador. Os falecimentos se deram principalmente em período de finalização antes dos campeonatos, o qual o competidor se expõe a diuréticos para gerar desidratação, fazendo com que a musculatura fique mais evidenciada. O excesso da droga utilizada pode gerar conseqüências cardíacas e levar ao mal súbito, infelizmente a causa mais comum de morte precoce na modalidade (GIACOMITTI CARDOSO; SANTOS; 2023). Como exemplo do que costuma acontecer, o vídeo<sup>82</sup> mostra casos de fisiculturistas passando mal durante a apresentação em decorrência de desidratações.

A afirmação dada por Paulo Veloso (2022), de que o problema não acontece na atualidade, vai contra os achados acadêmicos. Estudos encontrados acreditam na crescente do uso de fármacos na modalidade (ANDREASSON; JOHANSSON, 2019; NOGUEIRA; *et al*,

---

<sup>82</sup> <https://youtu.be/nCwInytnLh4?si=ZZraRnAkXq3EN3Bn>

2014). Gustavo Costa (2022) acredita que o aumento, que para ele foi mais expressivo a partir do ano de 2015, possui relação com a internet. A associação feita por Gustavo Costa (2022) já havia sido observada por Smith e Stewart (2012) no ano de 2012, correlacionando às mídias sociais com a crescente no uso de fármacos na modalidade. Entretanto vale ressaltar que as experiências com a modalidade, em relação à saúde e os riscos podem variar de acordo com as experiências, as motivações, identidades e a fase do ciclo competitivo a qual o indivíduo presenciou (PROBERT; LEBERMAN, 2009).

Dessa forma, ressalta-se que o devido à falta de acompanhamento especializado, negligências quanto ao uso de drogas por parte dos preparadores e dos competidores, estratégias radicais de desidratação, a não oposição das federações e a facilidade de acesso a informações errôneas via redes sociais, contribuem para o aumento dos casos de óbito na modalidade.

## AS CONSEQUENCIAS SOCIAIS E FAMILIARES

Santos, Rocha e Silva (2011) acreditam que socialmente o uso de fármacos por parte dos fisiculturistas causa, além de problemas de saúde, impactos negativos sobre o indivíduo e a comunidade, uma vez que os usuários podem não ser bem vistos socialmente. Andreasson e Johansson (2019) defendem que os fisiculturistas constantemente são considerados como criminosos e desviantes devido à tênue ligação da modalidade com o uso de drogas, sendo que os competidores, ao passarem por situações as quais o enquadramento negativo social vem à tona, podem vir a sentir vontade de parar de praticar a modalidade. Smith e Stewart (2012) acreditam que há variações na percepção social em relações aos fisiculturistas, que oras são tidos como seres admiráveis pela tamanha dedicação e pelo corpo e oras são menosprezados pela ligação com o uso de drogas; Os autores também acreditam que as práticas adotadas pelos fisiculturistas podem torná-los anti-sociais e viciados no estilo de vida adotado, informações que mais uma vez vão de encontro aos achados de Andreasson e Johansson (2019).

Nas entrevistas, a questão do vício também foi evidenciada pelas competidoras. Pamela Propst (2022) disse: “Sabe? Eu comecei a ficar viciada em competição”, enquanto Dayane Oliveira (2022) “A pessoa fica obcecada, porque quer usar uma droga melhor, porque quer ficar com o *‘shape’*”. A obsessão pela modalidade logo é percebida pelas pessoas próximas e os familiares, que notam que as escolhas pessoais do praticante de fisiculturismo

começam a rodar entorno da modalidade. Dessa forma, em grande parte dos casos há oposição daqueles que se preocupam com o fisiculturista.

Na visão das entrevistadas a modalidade fazia com que elas sentissem prejuízos em suas relações familiares. Pamela Propst (2022) afirmou que sua família não apoiava suas escolhas e que sua mãe não havia prestigiado nenhuma de suas competições, pois achava que a modalidade era um “absurdo”. Em relação a sua vida social durante a prática. A entrevistada declarou: “Não tinha, não tinha vida social. Eu não saia, minha vida era fazer exercícios físicos, comer direito e descansar, não é? Então não tinha vida social”, a ex-competidora admitiu ainda que seus familiares sentiram-se felizes quando ela tomou a decisão de parar.

Dayane Oliveira (2022) acredita que os fisiculturistas viviam isolados, pois, em muitos casos, não recebiam apoio familiar e acabavam por ser excluídos socialmente, principalmente pela questão da alimentação restritiva, que vinha por influenciar a participação do competidor nas confraternizações sociais. Ela afirmou que preferia evitar participar das confraternizações as quais era convidada do que ter que ficar justificando os motivos pelo qual não se alimentava como os demais.

O posicionamento da família em relação às escolhas dos praticantes pode se justificar pela preocupação gerada pelo amor que o familiar sente. Sendo o amor um sentimento complexo, de difícil definição e percebido de forma diferente por cada indivíduo (ALMEIDA, 2017). Ao se tratar do amor familiar, quando um membro da família se expõe a uma situação de risco, há tendência de que os familiares se oponham para proteger o amado da ameaça. No caso do fisiculturismo, que pode representar uma ameaça a vida, é comum a família se opor as decisões do praticante quando percebe os comportamentos de risco. Juntamente a negação familiar o praticante começa a se isolar do ciclo social que não se liga ao fisiculturismo, para evitar hábitos que o prejudiquem na modalidade, como por exemplo, comer por confraternização, dessa forma, se isolando socialmente.

Por outro lado, o fisiculturismo pode representar ao praticante satisfação e orgulho (SHILLING; BUNSELL, 2014). Em conformidade com Smith e Stewaet (2012) mesmo o fisiculturismo sendo visto socialmente como doentio e desordenado, para os praticantes ele é considerado como uma prática valiosa. Pamela Propst (2022) explicou pelo período que foi fisiculturista ela estava satisfeita com a modalidade e se sentia como uma super heroína, porém também se sentiu aliviada ao se distanciar da prática quando percebeu que aquilo não estava mais lhe trazendo resultados positivos. Tiago Celli (2022) acredita que a prática o fazia

sentir-se bem consigo mesmo, estimulando seu ego, mas reconheceu também que ela lhe trouxe mais malefícios do que benefícios, principalmente ligados a saúde.

## CONCLUSÕES

O estudo conclui que o fisiculturismo pode gerar conseqüências negativas na vida dos praticantes. A modalidade requer muita disciplina, o que faz com que os envolvidos fiquem muito entretidos na bolha da modalidade, passando a viver para a prática. Dessa forma, com a restrição alimentar e a alta intensidade dos treinamentos podem ser desenvolvidos quadros de distúrbios morfológicos, como a Vigorexia.

Por acreditarem que não conseguiriam evoluir apenas com os treinamentos e os cuidados alimentares, os praticantes acabam fazendo o uso de fármacos para melhorar a estética. O uso de fármacos intensificadores de estética é normalizado no fisiculturismo de forma geral, a prática não é repreendida pelas federações da modalidade e não há nenhum tipo de punição ao competidor que utilizar de tais recursos, o que motiva ainda mais o uso, servindo como uma “carta branca” para o consumo. A normalização do uso de tais drogas na bolha do fisiculturismo e a não oposição das federações faz com que os competidores acreditem que exporem-se aos fármacos é um fator determinante e fundamental para obtenção de sucesso.

Além do uso, os achados apontam que a prescrição costuma partir do preparador físico, não sendo esse o profissional qualificado para tal. Vale ressaltar que a prescrição por parte dos treinadores é considerada ilegal. A falta de qualificação e os exageros cometidos geram sérios prejuízos, como problemas de saúde, discriminações sociais, problemas familiares e, no caso das mulheres, a virilização. Os efeitos virilizantes se apresentam como um fator determinante da diferença dos abusos cometidos por homens e mulheres, pois as mulheres uma vez que virilizadas chegam a passar por situações constrangedoras, sendo comparadas e confundidas a indivíduos do sexo masculino.

Os julgamentos sociais extrapolam os aspectos virilizantes quando englobado o uso de drogas, que faz com que os competidores de fisiculturismo sejam vistos como desviantes do comportamento socialmente aceitável. Os pré-conceitos somados ao estilo de vida adotado, principalmente a relação com a comida, faz com que os competidores passem a se isolar, vivendo exclusivamente para a modalidade, tornando-se viciados em fisiculturismo.

O uso de fármacos vem crescendo, principalmente por interferência dos competidores que usam das mídias sociais e acabam estimulando o uso. Os achados apontam que a maioria

dos competidores está ciente dos riscos que correm ao se expor aos fármacos, porém esse não é apontado como um fator de impacto que leve o indivíduo a cessar o uso. Apesar dos riscos, os competidores parecem sentir-se satisfeitos com a modalidade, pelo menos enquanto participam dela. Vale ressaltar que a percepção do indivíduo sobre a prática pode variar com fatores externos e com as experiências vividas, o que gera subjetividade na investigação dos impactos negativos. De qualquer forma o uso de drogas é presente na modalidade e causa prejuízos, que podem partir tanto dos efeitos negativos estéticos (virilização) no caso das mulheres, como prejuízos no convívio social até problemas de saúde, podendo inclusive levar a morte.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHIN, O. S. C; SOUSA, E. C. Esteróides anabolizantes androgênicos e seus efeitos colaterais: uma revisão crítico-científica. **Revista de Educação Física UEM**. v.24. n.4. p.669-79. 2013.
- ALBERTI, V. Manual de História Oral. Rio de Janeiro- RJ. **Fundação Getúlio Vargas**. 234p. 2005.
- ALMEIDA, T. **O conceito de amor: um estudo exploratório com uma amostra brasileira**. Universidade de São Paulo. 261p. 2017.
- ALVES, R. C; *et al.* Training programs designed for muscle hypertrophy in bodybuilders: A narrative review. **Sports**. v.8. n.149. 15.p 2020.
- ANDREASSON, J; HENNING, A. Glocal fitness doping: Policy, practice and prevention in the United States and Sweden. **Performance Enhancement and Health**. v.6. n.3. p.103-10. 2019.
- ANDREASSON, J; JOHANSSON, T. Negotiating female fitness doping: gender, identity and transgressions. **Sport in Society**. v.24. n.3. p. 323-39. 2021.
- CAMARGO, T. P. P; *et al.* Vigorexia: revisão dos aspectos atuais deste distúrbio de imagem corporal. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**. v.1. n.15. 14p. 2008.
- CORBIN, A; COURTINE, J. J; VIGARELLO, G. História da virilidade: 3. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Tradução de Noeli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. Petrópolis. **Vozes**. 2013.
- GIACOMITTI CARDOSO, A. C; OSIECKI, A.C.V. Verificação da qualidade de vida em atletas de fisiculturismo de alto rendimento. **Revista Inspirar**. v.22. n.1. 17p. 2022.

GIACOMITTI CARDOSO, A.C; SANTOS, L.C.A. “Coach da Morte” Um estudo de caso no fisiculturismo feminino a partir da proposta dos 5’Es. **Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales Del Deporte**. v.15. n.1. p. 121-39. 2023.

GRECCO, M. V; MORGAN, C. R. Esteróides anabólicos no fisiculturismo. **Revista Brasileira de Fisiologia do Exercício**. v.7. n.1. p. 21-8. 2008.

HABEEB, M.B; *et al.* Athletes’ Perceptions Toward Substance Use in Baghdad City. **American Journal of Men’s Health**. v.6. n.6. p. 462-71. 2012.

MACHO, J; MUDRAK, J.M; SLEPICKA, P. Enhancing the Self: Amateur Bodybuilders Making Sense of Experiences With Appearance and Performance-Enhancing Drugs. **Sec. Moviment Science and Sport Psychology**. v.12. n.1. 14p. 2021.

MONAGHAN, L; *et al.* ‘Drug-Taking, ‘Risk Boundaries’ and Social Identity: Bodybuilders’ Talk about Ephedrine and Nubain’. **Sociological Research Online**. v.5. n.2. 12p. 2000.

NASCIMENTO, M. V. R; *et al.* Vigorexia, um mal que aflige os fisiculturistas portugueses: facto ou mito? **Revista Sociedade Científica**. v.4. n.1. p. 22-50. 2021.

NAVES, B. S. **Mulheres ampolas e músculos: o uso de esteróides anabolizantes em academias de ginástica**. Universidade de Brasília. 100p. 2013.

NOGUEIRA, F.R.S; *et al.* Anabolic-androgenic steroid use among brazilian bodybuilders. **Substance Use and Misuse**. v.49. n.9. 2014.

PROBERT, A; LEBERMAN, S. The Value of The Dark Side: An Insight Into The Risks And Benefits Of Engaging In Health-Compromising Practices From The Perspective Of Competitive Bodybuilders. **European Sport Management Quarterly**. v.9. n.4. p.353-73. 2009.

SANTOS, A.M; ROCHA, M.S.P; SILVA, M.F. Illicit use and abuse of anabolic-androgenic steroids among Brazilian bodybuilders. **Substance Use and Misuse**. v.47. n.6. p.742-8. 2011.

SHILLIG, C; BUNSELL, T. The female bodybuilder as a gender outlaw. **Qualitative Research in Sport and Exercise**. v.1. n.2. p.141-159. 2009.

SMITH, A.C.T; STEWART, B. Body conceptions and virtual ethnopharmacology in an online bodybuilding community. **Performance Enhancement and Health**. v.1. n.1. p. 35-38. 2012.

SOLER, P. T; *et al.* Vigorexia e níveis de dependência de exercícios em frequentadores de academias e fisiculturistas. **Rev Bras Med Esporte**. v.19. n.5. p. 342-48. 2013.

TRICKER, R; O’ NIELL, M.R; COOK; D. The incidence of anabolic steroid use among competitive bodybuilders. **Journal of Drug Education**. v.19. n.4. p.313-325. 1989.

## 8- ARTIGO 5

### **CORPOS EXPOSTOS: A HIPERSEXUALIZAÇÃO E A PROSTITUIÇÃO NA ESFERA DO FISCULTURISMO BRASILEIRO DE MULHERES**

#### **RESUMO**

O fisiculturismo é uma modalidade que se liga diretamente a estética do corpo e pode ser compreendido de varias formas, entre elas a atlética e a sexual. A exposição e a necessidade de forte aporte financeiro para manutenção da modalidade facilitam o assédio e a chegada de propostas de exploração sexual, levando à prostituição. O objetivo da presente pesquisa foi investigar a ligação do fisiculturismo de mulheres com a prostituição presente na modalidade, para tal se utilizou dos preceitos da História Oral para obtenção de relatos de pessoas ligadas à prática. Foram entrevistados dois dirigentes de federações distintas, duas mulheres e um homem que haviam competido no fisiculturismo. O estudo concluiu que casos de prostituição são comumente encontrados na bolha do fisiculturismo brasileiro de mulheres e que as competidoras brasileiras são mal vistas no exterior devido ao estereótipo sexualizado. O estudo apontou que há dois perfis de competidoras que acabam explorando o corpo para ganhar dinheiro, aquelas que precisam para manter os altos custos da modalidade e aquelas que já entram nas competições com o intuito de expor seus corpos, serem vistas e procuradas para a realização de programas sexuais.

Palavras- chave: Fisiculturismo, Mulheres no Esporte, Prostituição.

#### **INTRODUÇÃO**

O fisiculturismo é uma modalidade marcada pela avaliação da estética muscular, na qual os competidores se apresentam em palcos, fazendo poses e mostrando seus músculos banhados a óleo corporal (GUMBRECHT, 2007). A exibição do físico apresentada por fisiculturistas pode ser interpretada de maneiras distintas. Dentre as diversas formas de se interpretar o fisiculturismo de mulheres, segundo Richardson (2008) os admiradores da modalidade se atraem predominantemente por dois tipos de admiração, a beleza atlética e a atração sexual, gerada por fetiches, dessa forma boa parte dos espectadores de encanta pela modalidade interpretando dessas maneiras.

O fisiculturismo de mulheres se divide em categorias, que passam de físicos esteticamente magros e pequenos, para carnosos e robustos, até chegar aos muscularmente desenvolvidos ao extremo (GONÇALVES; COSTA, 2021). Há categorias valorizando mais a estética de força e outras a delicadeza da musculatura feminina, sendo que cada categoria é capaz de agradar públicos diferentes. As principais categorias do fisiculturismo de mulheres

são: *Bikini Fitness*<sup>83</sup>, *Wellness Fitness*<sup>84</sup>, *Bodyfitness*<sup>85</sup>, *Women's Physique*<sup>86</sup> e *Bodybuilding feminino*<sup>87</sup>.

A forte ligação ao corpo, e o alto custo da modalidade (ANDREASSON; JOHANSSON, 2021), faz com que alguns praticantes associem a prática física à prostituição. Nesse sentido esse artigo tem por objetivo investigar a ligação do fisiculturismo de mulheres com a prostituição presente na modalidade. Para tanto, a seguinte questão foi elaborada: O que faz com que as competidoras de fisiculturismo se prostituam e como isso se dá? Para responder a questão se utilizou dos preceitos da História Oral por meio de entrevistas com ex-competidores e dirigentes de federações da modalidade.

Vale ressaltar que o tema foi levantado, pois surgiu a partir da dissertação de mestrado da autora, que ao investigar a História do fisiculturismo brasileiro de mulheres se deparou com diversos relatos ligados ao assunto, surgindo então à necessidade de aprofundar-se na temática, que inicialmente não era um dos temas da pesquisa. Confirmando assim as afirmações de Alberti (2005) de que ao se aplicar as técnicas de História Oral os achados podem ser surpreendentes, saindo do esperado pelo pesquisador. Para muito, estudos relacionados à temática no cenário brasileiro são relevantes, pois culturalmente o Brasil é julgado por estereótipos ligados a sexualização, relacionando-se principalmente ao carnaval e a exposição do corpo, fazendo com que a imagem das brasileiras seja afetada perante os estrangeiros (FRAGA, GALLON, VAZ; 2021).

## **METODOLOGIA**

Como previamente explicado, estudo usufruiu dos preceitos da História Oral, pois foram feitas entrevistas com agentes envolvidos com a temática ampla previamente definida (ALBERTI, 2005), no caso a memória do fisiculturismo brasileiro de mulheres. Foram, então, coletadas presencialmente entrevistas temáticas qualitativas (ALBERTI, 2005) com duas mulheres e um homem que foram competidores de fisiculturismo e dois representantes de federações distintas. Como norte foi formulado um roteiro de perguntas, mas este foi

---

<sup>83</sup> A competidora se apresenta magra e com poucas marcações musculares, é a menor categoria do fisiculturismo de mulheres.

<sup>84</sup> Essa categoria representa o perfil da mulher brasileira, as competidoras se apresentam com predominância muscular nas coxas e glúteos, com músculos levemente marcados.

<sup>85</sup> Na categoria *Bodyfitness* as competidoras buscam desenhar o físico em “Y”, apresentando membros superiores mais destacados e interiores mais estreitos, o volume muscular e a definição são evidentes.

<sup>86</sup> A competidora busca enquadrar o físico em “X” apresentando equilíbrio entre o volume dos membros superiores e interiores, além disso, elas se apresentam bastante volumosas e definidas.

<sup>87</sup> É a categoria mais musculosa e definida do fisiculturismo de mulheres, nela quanto mais evidência muscular melhor, a categoria foi excluída em 2015 e retornou em 2020.

flexibilizado bastante durante a dinâmica, já que os entrevistados foram direcionando os seus respectivos relatos a outros tópicos, como este relativo à hipersexualização.

Todas as entrevistas foram integralmente gravadas e documentadas por transcrição literal de áudio. Os entrevistados concordaram com o termo de consentimento e livre esclarecimento, permitindo o uso das informações e a utilização e divulgação de seus nomes. A presente pesquisa teve aprovação pelo comitê de ética da Universidade de Brasília pelo número 3.896.312. Ao final do procedimento os documentos foram analisados e juntos formaram o presente artigo (ALBERTI, 2005). Desta forma segue as informações no quadro a baixo:

NOME DO ENTREVISTADO	DATA DE ENTREVISTA	LOCAL DE ENTREVISTA	ENVOLVIMENTO COM A MODALIDADE	DURAÇÃO DA ENTREVISTA
Tiago Celli	21/04/2022	Goiás-BR	Ex-competidor que ficou conhecido por falar abertamente sobre o uso de drogas na modalidade. Atualmente continua fazendo uso de intensificadores de estética de forma recreativa	08h44min
Dayane Oliveira	22/04/2022	Minas Gerais-BR	Ex-competidora que passou por diversas categorias competindo em nível nacional e recebendo destaque. Atualmente trabalha confeccionando biquínis de competição.	01h40min
Gustavo Costa	24/04/2022	Rio de Janeiro-BR	Presidente da federação do estado do Rio de Janeiro desde 2005 e criador da categoria <i>Wellness Fitness</i> , reconhecida internacionalmente como o padrão brasileiro	01h58min
Paulo Veloso	03/05/2022	Paraná-BR	Dirigente de federação da modalidade sendo um dos precursores em organização de eventos de fisiculturismo no Brasil	49min
Pamela Propst	30/05/2022	Paraná-BR	Ex competidora da categoria <i>Wellness</i>	55min

			<i>Fitness</i> que recebeu destaque em nível nacional desde os primórdios da categoria. Atualmente atua na área como treinadora física e é empresária no ramo da moda e beleza.	
--	--	--	---	--

A variação de tempo das entrevistas se deu pela adoção das recomendações dadas pelo manual de História Oral (ALBERTI, 2005), deixando os entrevistados livres para darem seus relatos. A escolha dos entrevistados se deu pelo envolvimento e potencial de contribuição. Em relação aos competidores consideraram-se aqueles que haviam tido carreiras expressivas na modalidade, porém já tivessem a encerrado, dessa forma garantindo que não haveriam distorções dos relatos devido a interesses ligados a competições futuras. Enquanto os dirigentes de federações foram selecionados pela expressividade de seus feitos com a modalidade. A análise foi feita por meio do cruzamento das informações adquiridas pelas entrevistas com a literatura encontrada referente ao tema.

## O FISCULTURISMO E A PROSTITUIÇÃO

A prostituição, segundo Caccarelli (2008), na maioria dos casos se caracteriza pela troca sexo por dinheiro, mas as relações combinadas em troca de favores, informação, bens materiais, entre outras vantagens, também podem ser consideradas como tal. Perante a legislação brasileira a prostituição não é um problema penal, e sim social, dessa forma não existem punições ou restrições tanto para o lado dos que consomem quanto daqueles que a praticam (CACCARELLI, 2008).

O fisiculturismo por si só é uma modalidade hipersexualizada pela forte ligação com a exposição do corpo. O Conceito se define na atribuição de um comportamento ao sexo, sem que necessariamente este seja o objetivo central (BOUCHARD; BOUCHARD; BOILY, 2005). Estudos anteriores relacionam o fisiculturismo masculino com a prostituição.

Ao estudar um clube de prostituição masculina, Arent (2007) se deparou com a tendência de que os garotos apresentam grandes preocupações com a forma física, seguindo dietas restritivas, treinamentos de musculação e utilizando de esteróides anabolizantes, sendo que alguns aproveitam para competir no fisiculturismo, em um dos relatos o entrevistado chega a comparar o exibicionismo dos palcos da casa noturna com os da modalidade. Os

estudos de Denham (2008) e Klein (2007) relacionam o fisiculturismo de homens com a prostituição, exposição de revistas de nudismo e a homossexualidade.

Dessa forma, torna-se relevante estudar a ligação da prostituição com o fisiculturismo de mulheres, uma vez que existem lacunas literárias da correlação dos temas. Para tal iniciaremos compreendendo as especificidades da modalidade.

## AS CARACTERÍSTICAS DO FISCULTURISMO DE MULHERES

Alguns consideram o fisiculturismo como uma modalidade hiper masculinizada e amplamente percebido como impróprio para mulheres (RAHBARI, 2019). As competidoras de fisiculturismo, na busca por aumentar o volume dos músculos, expõem-se a hormônios masculinos (testosterona) como estratégia para atingir seus objetivos (ANDREASSON; JOHANSSON, 2021). O uso dos hormônios faz com que as mulheres, além de conseguirem possuir músculos maiores e mais definidos, também adquiriam características masculinizadas, ou seja, virilizantes (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2013). Como os efeitos virilizantes mais comuns, podem ser citados: queda de cabelo, engrossamento de voz, aumento do clitóris, amenorréia, alteração de estrutura facial, acne, entre outros (GONÇALVEZ; COSTA, 2021). Além disso, o uso indiscriminado causa problemas graves de saúde, podendo levar ao óbito.

Ambas as ex-competidoras entrevistadas admitiram o uso de tais fármacos e relataram ser criticadas pela virilização. Pamela Propst (2022) afirmou que era comum escutar que ela estava “parecendo um homem”, inclusive pelas palavras de pessoas próximas, como sua mãe. Segundo ela, frases como “Ah, você parece um travesti”, “Nossa, parece homem”, “Nossa, não quero nunca ficar assim” eram comumente ouvidas. Porém, dentro do meio das competições e por admiradores, Pamela Propst (2022) declarou ser considerada super feminina e receber diversos elogios, por isso costumava ignorar as críticas e disse que se sentia feliz quando elas vinham de uma pessoa que não fosse relacionada ao meio, pois isso significaria que seu desenvolvimento muscular estava marcante e ela estaria “no caminho certo”.

Por outro lado, Dayane Oliveira (2022) informou se sentir realmente ofendida com as críticas: “Olha, eu vou te falar, eu ficava mal!”. Segundo ela, comumente ouvia (inclusive na sua família) comentários intimidadores e questionamentos em relação a ela estar musculosa. Dentre as críticas que sofreu, aparecem as seguintes frases: “Vem aqui pra você brigar, vem aqui brigar comigo no pau a pau, vamos ver quem é mais homem”, “Você está achando que

você é homem?”, “Essa aí está querendo ser um homem!” (Dayane Oliveira, 2022). O relato vai de encontro à afirmativa de Campbell, Haverda e Bartkowski (2021) que garantem que os questionamentos sobre adquirir um corpo masculinizado e competir em uma modalidade predominantemente masculina são corriqueiramente direcionados às competidoras de fisiculturismo. Segundo Dayane Oliveira (2022), a situação provocava em si ódio e vontade de provar aos demais que ela não queria se parecer com um homem, e sim apenas ser uma competidora de fisiculturismo: “Então, só porque você tem músculos, só porque você é masculinizada, você quer ser homem?”. Ainda refletindo sobre a questão, prossegue:

Porque mesmo a mulher sabendo que ela tem aquele estereótipo diferente do feminino, você se sente baqueada, porque você não está daquele jeito porque você quer ser um homem, você está daquele jeito porque quer ser uma atleta. (Dayane Oliveira, 2022).

O posicionamento da Dayane Oliveira (2022) pode ser estendido à maioria das competidoras da modalidade, por isso as elas geralmente buscam demonstrar feminilidade por meio de unhas, maquiagens implantes mamários e realizando poses com gestos delicados (CAMPBELL; HAVERDA; BARTKOWSKI, 2021), sendo que tais características são observadas e julgadas pela arbitragem, interferindo positivamente na pontuação das competidoras das categorias nomeadas como “*fitness*”. Além do corpo, são avaliadas pela beleza facial, elegância, delicadeza de gestos, desfile, e pela ausência de características virilizantes em excesso, o que faz com que as competidoras estejam sempre em busca de procedimentos estéticos para elevarem as chances de vitória. Ressalta-se que o manual de regras<sup>88</sup> de julgamento, assim como a nomenclatura das categorias, pode variar de evento para evento.

A diferença entre os sentimentos das entrevistadas pode ser explicada pela predominância de críticas recebidas de acordo com suas categorias competitivas. Enquanto Pamela Prost (2022) pertencia à categoria *Wellness Fitness*<sup>89</sup>, Dayane Oliveira (2022) participou desde a categoria *Bikini Fitness*<sup>90</sup>, *Figure*<sup>91</sup>, *Women’s Physique*<sup>92</sup> e *Bodybuilder*<sup>93</sup>.

---

<sup>88</sup> <https://ifbb.com.br/categorias/>

<sup>89</sup> Na categoria *Wellness Fitness* a competidora deve possuir coxas e glúteos volumosos, braços pouco desenvolvidos e musculatura arredondada. A categoria foi à única criada fora dos Estados Unidos da América e é conhecida como a categoria de mulher brasileira.

<sup>90</sup> A categoria *Bikini Fitness* é marcada pela magreza da competidora com marcações musculares leves, sendo a menor categoria da modalidade.

<sup>91</sup> A categoria *Figure*, também conhecida como *Bodyfitness*, busca uma silhueta em “Y” com membros inferiores estreitos e superiores bem desenvolvidos.

<sup>92</sup> Na *Women’s Physique* as competidoras devem se apresentar com volume muscular e definições marcantes, porém ainda arredondadas, a silhueta deve formar um “X” tendo proporção entre membros inferiores e superiores.

Dayane Oliveira (2022) afirmou em seu depoimento que os juízos aumentaram conforme ela foi subindo de categorias, ficando cada vez mais ofensivos.

Desta forma, em concordância com o relato de Dayane Oliveira (2022), acredita-se que os julgamentos em relação à feminilidade variam de acordo com a categoria que a mulher compete (CAMPBELL; HAVERDA; BARTKOWSKI, 2021). No estudo referido Campbell, Haverda e Bartkowski (2021) destacam que as competidoras de categorias de menor volume muscular (*fitness*) consideravam as competidoras de categorias de maior volume muscular masculinizadas, enquanto essas consideravam as competidoras de categorias *fitness* sexualmente apelativas. Apesar disso, o estudo de Guthrie e Castelnuovo (1992) afirmou que as competidoras que adotam a modalidade, independentemente da categoria, costumam se orgulhar das mudanças que fazem no corpo e se sentem mais atraentes com elas, considerando-se fisicamente desejáveis.

Para Gumbrecht (2007) o fascínio por corpos esculpidos está enraizado no fisiculturismo devido à forte ligação com o corpo, o que leva a modalidade para o erotismo desde seus primórdios. Segundo Campbell, Haverda e Bartkowski (2021, p.7) é importante notar que “[...] um único corpo pode ser atlético e erótico, ou seja, altamente funcional na academia e no quarto”. As reflexões e alguns efeitos colaterais (como o aumento do clitóris e da força) abrem espaço na imaginação dos admiradores, levando-os a desenvolverem fetiches de cunho sexual. O erotismo do corpo de mulheres musculosas, entre eles o sadomasoquismo<sup>94</sup>, segundo Richardson (2008) denominado de “adoração muscular” extrapola o espaço esportivo da prática do fisiculturismo para a internet e a indústria pornográfica. Além disso, nas entrevistas coletadas, foi surpreendente a quantidade de relatos ligados a casos de prostituição.

## A PROSTITUIÇÃO NO FISCULTURISMO DE MULHERES

Aranha (2018) aponta rituais de cunho estético semelhantes aos retratados no fisiculturismo de mulheres presentes no cotidiano de prostitutas. A analogia demonstra que há similaridades entre as preocupações estéticas das competidoras da modalidade e das moças que vivem da comercialização sexual, sendo esse um facilitador entre a união das duas atividades.

---

<sup>93</sup> A categoria *Bodybuilder* feminino é a maior categoria do fisiculturismo de mulheres, nela quanto maior e mais definida a competidora for mais vantagem ela terá. Diferente das demais categorias essa não leva em consideração a beleza facial ou gestos de feminilidade.

<sup>94</sup> O sadomasoquismo, quando a pessoa gosta de apanhar e sentir dor, se liga a figura das fisiculturistas pela força muscular que elas possuem. Por essa razão o autor reforça a ligação do fetiche com a modalidade.

Verificam-se alguns dos rituais e métodos a que recorrem às profissionais do sexo com o propósito de alcançarem um corpo belo. São vários os argumentos dos quais se apropriam as profissionais do sexo na busca do corpo atrativo, tais como: uso de anabolizantes, intervenções cirúrgicas e prática de dietas muitas vezes fora do comum para atingirem o emagrecimento ou o ganho de massa muscular, além de cuidados de higienização e preservação (ARANHA, p. 08. 2018).

A primeira movimentação rumo à prostituição é o assédio que, portanto, no caso do fisiculturismo é o caracterizado como de cunho sexual. O assédio sexual, segundo Freitas (2001), se caracteriza pela situação de chantagem envolvendo propostas relacionadas ao sexo em relações de hierarquia, que quando não são aceitas podem ou não gerar consequências a quem está recusando. Paulo Veloso (2022) afirma que corriqueiramente os competidores são assediados pela exposição que fazem do próprio corpo, sendo que a prática é naturalizada no meio, porém negou ter conhecimento sobre propostas de prostituição. Gustavo Costa (2022) extrapola falando que o assédio acontece por diversos agentes envolvidos com o esporte direta ou indiretamente, isto inclui patrocinadores, empresários, árbitros, técnicos, entre outros, levando frequentemente à proposta de prostituição, entretanto o entrevistado afirmou que, como dirigente de federação, prefere não se envolver com o caso.

As informações fornecidas pelos dirigentes de federações levam a crer que por mais que o problema exista de fato ele costuma ser ignorado pelos organizadores de eventos, o que pode facilitar os episódios de assédio e corromper a modalidade. Pamela Propst (2022) acredita que a situação começa nas próprias organizações e que pode inclusive afetar os resultados dos torneios: “[...] tiveram casos também, por exemplo, da amante do presidente ganhar” (Pamela, 2022). A ex-competidora afirmou ter sofrido assédio por parte de organizadores da federação a qual competia (vale ressaltar que a denúncia não diz respeito aos dirigentes entrevistados).

Dayane Oliveira (2022), após ser questionada sobre ter recebido propostas indelicadas exclamou: “umas mil!”. A ex-competidora justificou com a seguinte argumentação:

Todo dia, uma. Porque eu acredito que quando você está nesse “shape”, nessa imagem, existe um... um preconceito e até uma visão errada da parte masculina, machista mesmo, de que a mulher, quando ela fica daquele jeito, quando ela está daquele jeito, ela está apta a poder ter relações sexuais. Ou que uma mulher – isso eu até ouvi de um homem – que uma mulher que está no fisiculturismo, que ela é fisiculturista e sobe em cima de um palco de biquíni e vira a bunda para todo mundo ver. É porque ela está interessada em?... Sexo! (Dayane Oliveira, 2022).

Gustavo Costa (2022) rememorou que no início da inserção se novas categorias, em especial da categoria *Wellness Fitness*, era comum que homens espectadores gritassem durante a apresentação que pagariam por um “programa”, acreditando que elas fossem prostitutas. Segundo o organizador a situação foi amenizada com o tempo, não havendo mais comentários explícitos assim durante os eventos.

Explícito ou não, segundo os ex-competidores entrevistados, a prostituição continua acontecendo no meio. Para Pamela Propst (2022) o fisiculturismo se vincula a tal situação devido à grande exposição corporal e a necessidade das competidoras de sempre estarem com o “corpo em dia”:

[...] tem muita prostituta, garota de programa, enfim, né... nesse esporte, por quê? Porque são coisas que unem o útil ao agradável. São mulheres que têm que trabalhar com o corpo e têm que estar com o corpo sempre em dia, não é? Que tem que ter essa exposição, porque quando você compete sempre tem que estar meio disposta, ou fazendo ensaio fotográfico ou mostrando o teu corpo e tal. (Pamela Propst, 2022).

Os estereótipos formados somados a aparência muscular das competidoras acaba atraindo pessoas que possuem fetiches<sup>95</sup> (KAMPF, 2008) relacionados às mulheres fortes. De acordo com a entrevistada, como as competidoras precisam estar com o físico atlético para as competições acabam atraindo admiradores que buscam por sexo, e dessa forma acabam recebendo propostas:

Muita. Ah, isso sim! Muita proposta, muita proposta. Porque também tem muita menina nesse meio que faz esse tipo de coisa, que faz programa, então eles... acabava que eles confundiam, não é? Mas todos, todos, é..., eu, ou eu expunha ou eu respondia super mal. Mas, sim, acontece. (Pamela Propst, 2022).

Dayane Oliveira (2022) acredita que o alto custo financeiro necessário para manter o físico competitivo facilita a aceitação de tais propostas, corrompendo o meio. A ex-competidora relatou que recebia diariamente mensagens perguntando quanto ela cobraria por programa sexual, entretanto afirmou não dar continuidade na conversa, por essa razão não soube responder quais seriam exatamente as propostas:

Olha... assim, eu... eu nunca cheguei a atentar o que realmente a pessoa queria, para ficar perguntando: “mas espera aí, o quê que é que você quer? Me fala aí.” Não. Na hora que vinha, eu já cortava de uma vez. Mas assim, já chegaram a falar: “Quanto?” Tipo assim, essa palavra: “Quanto? É só você me falar quanto.” Entendeu? (Dayane Oliveira, 2022).

Dayane Oliveira (2022) acredita que a prostituição na modalidade pode acontecer em dois perfis de personalidade diferentes, o primeiro as competidoras que são “viciadas” em competição e acabam se prostituindo para manter os custos da prática em alto rendimento, e outras que fazem o caminho reverso, competem para ficar expostas a receber propostas e dessa forma conseguir determinados luxos. A entrevistada citou um exemplo para contextualizar:

A pessoa está no Rio, aí gente... vem um gringo assistir. Aí fez a proposta para ela, que ela podia ficar na casa dele nos Estados Unidos, para competir lá, que ela não ia ter custo nenhum com nada. Assim... e foi, a pessoa foi. Aí ficou lá uns seis meses competindo, vivendo, morando na casa do cidadão, e assim: a troco de que isso? Você acha que o cara a levou a troco de nada? Assim... tem um motivo, tem uma troca! Que troca que é essa? Você entende? Então, assim, não fala escrachado: “ah, eu fui porque eu estava tendo relações com ele e ele estava pagando tudo.” A pessoa não fala. Mas é

---

<sup>95</sup> O fetichismo sexual se define como uma construção subjetiva que escapa da realidade na hora do sexo (fantasia).

o que é, né? Ela não vai falar escrachado, mas é o que é. Então, assim, isso eu vejo – não é só uma vez – porque eu tenho relação com elas, né? Porque elas me chamam, compram os biquínis e tudo<sup>96</sup>. Então elas me contam: “ah, aconteceu isso. Ah, aconteceu aquilo.” Ah, está morando lá em Brasília. Aí teve uma oportunidade – ainda usa essa palavra – “eu tive uma oportunidade. Estou indo para São Paulo. Eu vou ficar lá um tempo treinando lá e competindo lá.” E como que a pessoa vai fazer isso? Entendeu? Tem que sair de algum lugar. Então não fica às claras, a pessoa não fala, ela não expõe isso, mas para mim isso é uma forma de prostituição. Na minha convicção como criação, como pessoa, isso é uma forma de prostituição. (Dayane Oliveira, 2022).

Tiago Celli (2022) também citou uma situação que presenciou ligada ao tema. Segundo ele uma competidora incentivou a outra a aceitar se prostituir e utilizar o dinheiro para melhorar ainda mais seu corpo:

Eu estava num evento e tinham duas mulheres no evento (de fisiculturismo), tipo assim, eu ouvia a conversa. Aí tinha um cara que se aproximou de uma menina, uma morena, e deu um cartão para ela. Ela não quis ser deselegante, virou as costas e saiu andando e voltou gesticulando para a outra: “Poh! O cara me ofereceu R\$5.000,00 para eu sair com ele”. Aí a outra perguntou: “Por que você não vai?” e ela disse que não iria porque era casada. A outra perguntou onde o marido morava, e era em outro estado, então ela respondeu: “Então boba, aqui ninguém vai ficar sabendo, pega esse dinheiro e investe em você, besta! Compra um GH<sup>97</sup> e investe no seu corpo, fica dando essa merda de graça (sexo), seu marido não vai nem ficar sabendo”. (Tiago Celli, 2022).

De acordo com Tiago Celli (2022) a moça aceitou a proposta do homem na seqüência. O entrevistado afirmou que presenciou muitas situações como essa e que os competidores aceitavam tais situações para poder arcar com os custos elevados das preparações. “Esse é o meio mais promiscuo que têm, pois envolve o corpo, o ego, vaidade, luxúria e atração, é muito voltado ao lado sexual!” (Tiago Celli, 2022). Segundo ele, a prostituição pode acontecer tanto de forma presencial como por meio da internet.

A crescente da internet possibilitou a prostituição virtual, por meio de vídeos pornográficos, sites que comercializam fotografias de nudez e as próprias redes sociais, que facilitam a comunicação entre as partes interessadas em praticar a prostituição, (SILVA; CAPPELLE, 2017). A indústria pornográfica utiliza de fisiculturistas para atingir a parcela de pessoas que possuem o fetichismo sexual denominado de “adoração muscular” que, segundo Richardson (2008), é a criação de um contexto erótico do corpo de maneira muito diferente, fazendo com que o adorador enxergue o corpo como uma escultura viva e passa a sentir desejo sexual por ele. A prática muitas vezes se reforça por fetiches relacionados à força e ao sadomasoquismo, quando o adepto busca por parceiros que tenham potencial de machucá-lo, associando o volume muscular e capacidade de treinamento como um ponto positivo neste

---

<sup>96</sup> A entrevistada trabalha com venda de biquínis específicos para competições de fisiculturismo, por isso mantém contato com diversas competidoras.

<sup>97</sup> Hormônio do crescimento, utilizado no fisiculturismo para gerar hipertrofia muscular, conhecido por ser uma das medicações mais caras utilizadas no meio.

sentido. Para Campbell, Haverda, Bartkowski (2021) é importante considerar que as expressões corporais não são exclusivas, o corpo pode ser ao mesmo tempo atlético e erótico, sendo a junção muito utilizada pela indústria pornográfica.

Em uma busca rápida em sites de vídeos pornográficos, utilizando descritores como: “mulher musculosa” e “mulher fisiculturista”, facilmente se acessam conteúdos que vão de cenas de sexo explícito a mulheres musculosas se exibindo nuas, vídeos esses que são vendidos para as plataformas. Pamela Propst (2022) afirmou em sua entrevista que dentro do meio das competições havia fofocas sobre as competidoras que usavam seus corpos para ganhar dinheiro se exibindo na internet. Segundo ela, a incidência ficava maior conforme o nível do campeonato aumentava e, conseqüentemente, tornava-se mais caro, o que reforça as idéias apresentadas acima de que os altos custos da modalidade seriam um incentivo à prostituição.

Segundo Paulo Veloso (2022) e Tiago Celli (2022), a vulgaridade começa pelas redes sociais das competidoras brasileiras, expondo os corpos de maneira sensual e não atlética, no intuito principal de atrair os interessados. A postura das competidoras brasileiras parece impactar na visão internacional em relação à modalidade. Apesar de Gustavo Costa (2022) falar o oposto, de acordo com Dayane Oliveira (2022) a percepção de estrangeiros sobre o fisiculturismo brasileiro de mulheres não é das melhores, segundo a entrevistada, a modalidade é vista como prostituída e as competidoras brasileiras não são respeitadas:

Prostituído. Eu vejo que lá fora eles veem as meninas do fisiculturismo brasileiro como garotas de programa. Eu estou te falando isso, porque eu morei nos Estados Unidos. E o... o que se comentava lá era isso. Que as meninas ficavam assim para viver do próprio corpo. Porque é um fetiche dos homens ter uma mulher dessa natureza. É impactante, é duro, é forte, mas é verdade! E aonde... nos meios que eu fui, eu só escutei isso! (Dayane Oliveira, 2022)

Dayane Oliveira (2022) associou a percepção estrangeira também ao comportamento das brasileiras ao se portarem (sensualmente) e a cultura carioca que, segundo ela, é conhecida internacionalmente como libertinosa, devido o carnaval. Para ela, os estrangeiros tendem a ser mais diretos no assédio do que comparado aos brasileiros, sendo que automaticamente consideram as competidoras brasileiras como garotas de programa e logo perguntam sobre valores.

O estereótipo parece criar desconforto sobre as demais competidoras, devido ao medo de serem consideradas como tais, mesmo não se corrompendo. Ambas as entrevistadas afirmaram que um dos motivos da interrupção de suas carreiras foi por não querer ser associada à prostituição e não querer ter o corpo exposto na internet. Vale ressaltar que, de acordo com Tiago Celli (2022), o pré-conceito geralmente parte por pessoas de fora do meio,

sendo que entre os competidores há respeito e o corpo não é sexualizado nos campeonatos, ou seja, dentro da bolha do fisiculturismo os praticantes não costumam desrespeitar-se entre si.

O estereótipo se reforça ainda mais quando associado ao uso de esteróides anabolizantes, causando impacto na libido das competidoras. Ambas as entrevistadas afirmaram que sentiram aumento da libido durante o uso de esteróides anabolizantes. Pamela Propst (2022) relatou sentir-se incomodada com a situação, pois, segundo a entrevistada, fugia do “saudável”. Os autores Forbs, *et al.* (2010) ao investigarem as relações amorosas entre fisiculturistas e seus parceiros concluíram existir a tendência de manipulação por parte das mulheres relacionadas ao sexo, aproveitando o aumento da libido para conseguirem o que desejam, pois se sentem mais dispostas a aceitar trocas de favores sexuais.

Por outro lado, Campbell, Haverda e Bartkowski (2021), apresentaram relatos marcados pelo agravante da competidora cuidar tanto do corpo a ponto de faltar energia para o sexo, distanciando-se do parceiro conjugal, sendo que nesse contexto as relações sexuais acabavam por ser deixadas em segundo plano, não sendo tratadas como viciosas e nem como maneiras de conseguir benefícios. Um dos homens entrevistados pelo estudo de Arent (2007) afirmou que, mesmo ganhando dinheiro por meio da prostituição, quando as competições de fisiculturismo se aproximavam ele interrompia as atividades sexuais, devido ao cansaço físico que sentia pela sobrecarga da preparação. Dessa forma compreende-se que a libido fica aumentada pelas altas cargas hormonais administradas pelos competidores, facilitando a aceitação para o sexo, até o momento em que a preparação fica exaustiva, havendo então indisposição para tal.

## CONCLUSÃO

Com o objetivo de investigar a ligação do fisiculturismo de mulheres com a prostituição presente na modalidade, perante as informações apresentadas, concluiu-se que o fisiculturismo é uma modalidade que devido à exposição corporal, entre outras características próprias, acabou se vinculando a prostituição, que muitas vezes é motivada por dificuldades financeiras relacionadas à própria modalidade. O fisiculturismo necessita de altos investimentos financeiros, como por exemplo, viagens com fins competitivos, o acesso a profissionais que possam auxiliar nas preparações, o valor elevado dos intensificadores de estética, vestimentas específicas para as apresentações, entre outros custos que muitas vezes não estão ao alcance dos competidores que não possuem incentivos de patrocinadores.

Dessa forma, o aceite a prostituição facilita o custeio das competições, assim como a exposição corporal durante as competições funciona como forma de “propaganda” do corpo, que pode gerar gatilhos ligados a comercialização do sexo, sendo essa uma informação relevante encontrada no estudo, concluindo-se que há dois perfis de fisiculturistas que se prostituem: aquelas que precisam de dinheiro e se prostituem para manter a modalidade e aquelas que se inserem no fisiculturismo para promover a prostituição que já era existente. Ressalta-se que casos de prostituição por parte de competidoras de fisiculturismo não pode ser generalizado, ou seja, nem todas as competidoras se comportam de tal maneira.

As informações concedidas pelos entrevistados apontaram que inicialmente acontece o assédio, que em geral se dá por meio de propostas indelicadas que aparentemente são mais freqüentes conforme o nível de dificuldade dos campeonatos aumenta. Tal fator pode estar relacionado ao custo mais elevado de participação e preparação em tais eventos, fazendo com que as competidoras fiquem mais dispostas a aceitar determinadas situações em troca de dinheiro. Ao aceite, a prostituição geralmente acontece de duas formas, por meio de encontros presenciais ou via internet, quando a competidora troca vídeos ou fotografias por recompensas financeiras.

Segundo os relatos a crescente da internet aumentou os casos de prostituição no fisiculturismo, pois facilitou a exposição de fotos sensuais de competidoras e o acesso à pornografia. Acredita-se que, em grande parte dos casos, os consumidores de tais conteúdos são pessoas que possuem fetiche relacionados à força ou aos músculos torneados, considerando o perfil de tais mulheres como extremamente atraente.

O corpo das fisiculturistas geralmente, mas não exclusivamente, é interpretado ou de forma atlética ou sexual. Mesmo sendo o uso de fármacos comuns ao fisiculturismo um agravante para o aumento da libido, a exploração aponta que entre os competidores em ocasiões de campeonatos o assédio não costuma acontecer devido ao desgaste gerado pela preparação. Estudos anteriores também apontaram que o desgaste pode vir a afetar também o relacionamento conjugal de praticantes da modalidade quando relacionados às questões sexuais. Desta forma, uma dualidade pode ser contestada. Ao mesmo tempo em que o erotismo está no fisiculturismo e no imaginário de admiradores, na prática nem sempre as competidoras estão dispostas a manter relações, pois possuem grande sobrecarga durante a preparação. Assim sendo, é possível afirmar que, independente de como, a prostituição é um problema recorrente no fisiculturismo que aparentemente é evitado pelos organizadores de

eventos e pouco explorado pela literatura, porém amplamente reconhecido pelos competidores, principalmente os que competem em campeonatos de maior dificuldade.

Ao que foi percebido pelas entrevistas os envolvidos no fisiculturismo evitam vincular-se ao assunto, citando comentários que os distancie dos casos. Critica-se a postura federativa que buscou demonstrar conhecimento, mas evitar o assunto, não tomando nenhuma providência ou demonstrando preocupação com o problema. Acredita-se que o posicionamento federativo aberto sobre os casos de prostituição no fisiculturismo causariam redução dos casos, assim como o aumento de incentivos financeiros por parte de patrocinadores causaria o mesmo efeito, uma vez que a prostituição aparece como um meio para bancar os custos da modalidade.

De qualquer forma, vale salientar mais uma vez que apesar de presente na modalidade a prostituição não é generalizada, mas é suficiente para criar uma imagem desagradável às competidoras. Casos de assédio foram citados nas entrevistas envolvendo homens, dessa forma sugere-se que estudos futuros investiguem a relação do assédio e da prostituição presentes no fisiculturismo masculino. Estudos que se relacionassem ao perfil de prostituição das competidoras, ao fetichismo ligado a modalidade e investigações aprofundadas na exposição do corpo e do uso da internet por parte de fisiculturistas, também podem contribuir positivamente para o desenvolvimento da temática levantada, ficando aqui como sugestão para pesquisas futuras.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. Manual de História Oral. Rio de Janeiro- RJ. **Fundação Getúlio Vargas**. 234p. 2005.

ANDREASSON, J; JOHANSSON, T. Negotiating female fitness doping: gender, identity and transgressions. **Sport in Society**. v.24. n.3. p. 323-39. 2021.

ARANHA, F. K. B. **Cultura da beleza: Prostituição, corpo e práticas educativas**. Universidade Federal do Ceará. 118p. 2018.

ARENT, M. **Gênero e erotismo: etnografia de um clube de mulheres no Rio de Janeiro**. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. 261p. 2007.

BOUCHARD, P; BOUCHARD, N; BOILY, I. **La sexualisation précoce des filles**. Montréal, Sisyphe. 2005.

CAMPBELL, F; HAVERDA, M. B; BARTKOWSKI, J. P. Rival Bodies: Negotiating Gender and Embodiment in Women's Bikini and Figure Competitions. **Soc. Sci.** v.10. n.2. 36p. 2021.

CECCARELLI, P. R. Prostituição: **Corpo como mercadoria**. *Mente & cérebro–sexo*. v. 4. n.1. p. 1-14. 2008.

CORBIN, A; COURTINE, J. J; VIGARELLO, G. História da virilidade: 3. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Tradução de Noeli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. Petrópolis- RJ. **Vozes**. 2013.

FORBS, G. B; *et al.* Perceptions of the social and personal characteristics of hypermuscular women and of the men who love them. **The Journal of Social Psychology**. v.14. n.5. p. 487-506. 2010.

FRAGA, A. M; GALLON, S; VAZ, E. R. D. Estereótipos, preconceitos e assédio nas trajetórias de expatriadas brasileiras. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**. v.15. n.1. p. 165-79. 2021.

FREITAS, M. E; Assédio moral e assédio sexual: faces de poder perverso nas organizações. **Revista de Administração de Empresas**. v.41. n.2. p. 08-19. 2001.

GONÇALVES, M. C; COSTA, A. T. V. Corpo e laboratório: experimentos de mulheres fisiculturistas. **Revista Estudos Feministas**. v.29. n.2. 13p. 2021.

GUMBRECHT, H. U. Elogio da Beleza Atlética. Tradução Fernanda Ravagnani. São Paulo. **Companhia das Letras**. 2007.

GUTHRIE, S. R; CASTELNUOVO, S. Elite women bodybuilders: Models of resistance or compliance? *Play & Culture*. v.5. n.4. p. 401-8. 1992.

KAMPF, R. *Para uma estética na pornografia*. Universidade do Sul de Santa Catarina. 79p. 2008.

RAHBARI, L. Pushing gender to its limits: Iranian women bodybuilders on instagram. **Journal of Gender Studies**. v. 28. n.5. p. 591-602 . 2019.

RICHARDSON, N. Flex-rated! Female bodybuilding: feminist resistance or erotic spectacle? **Journal of Gender Studies**. v.17. n.4. p. 289-301.2008.

SILVA, K. A; CAPPELLE, M. C. A. O trabalho na prostituição de luxo: Análise dos sentidos produzidos por prostitutas em Belo horizonte- MG. **Revista de Gestão Social e Ambiental**. p. 23-39. 2017.

## 9- CONCLUSÕES

O fisiculturismo possui particularidades ao que diz respeito ao seu desenvolvimento, suas características e seus estereótipos. O fisiculturismo de mulheres especialmente, pois a prática pode apresentar estranhamento, saindo do esperado “feminino”, o que faz com que a modalidade busque por diversificar padrões, sofrendo modificações com o passar do tempo.

Dessa forma o objetivo da presente dissertação foi contextualizar histórica e socialmente o fisiculturismo de mulheres no Brasil entre os anos de 1978 e 2015, sendo o fisiculturismo de mulheres o fio condutor que deu norte a pesquisa. Escrita em formato *multipaper* (BADLEY, 2009), a dissertação se definiu em cinco artigos, cada um correspondendo a um objetivo específico do estudo. Ressalta-se a variação metodológica necessária para elaboração de cada artigo, utilizando-se da bibliometria para o levantamento acadêmico e duas tipologias de fontes, as jornalísticas e as orais.

Inicialmente, facilitando o acesso a estudos que contribuíssem com os objetivos traçados, elaborou-se um panorama referente de artigos ligados à modalidade nas Ciências Humanas. Sendo esse o primeiro artigo da dissertação, que atendeu a normativa 01/2011 do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná. As buscas foram realizadas em duas bases de dados internacionais, a *Web of Science e a Scopus*, dessa forma, os resultados da busca apontaram o perfil da produção científica mundial. Ao tratar da investigação acadêmica quanto à modalidade, há predominância de estudos sociológicos, sendo que relacionado à prática de mulheres a maioria possui ligação com estudos de gênero. Poucos são os estudos que apresentam relação entre as questões sociais e o uso de fármacos intensificadores de estética (comuns no meio) sendo essa uma das lacunas encontradas, assim como o contexto histórico da modalidade de mulheres, tema até então carente no Brasil.

Em busca do primórdio da participação de mulheres nos campeonatos do Brasil, recorreu-se ao acervo da Hemeroteca Digital Nacional, encontrando uma possível versão no ano de 1978 (sendo adotado como o ano inicial do recorte temporal da pesquisa), dois anos antes do que o apresentado pela literatura levantada no artigo anterior. O estudo debruçou-se até o ano de 1999, pois, a partir de então, novas dinâmicas surgiriam na modalidade de mulheres, sendo que até o momento não havia diversificação de categorias para as competidoras. As décadas estudadas foram marcadas pela iniciação de mulheres nos palcos de fisiculturismo, o que por se tratar de uma novidade era considerado chamariz na promoção de eventos. Um achado importante na busca para a interpretação do desenvolvimento do fisiculturismo foi o ocorrido nos Jogos Olímpicos de 1988, especificamente a cerca do uso de fármacos intensificadores de estética utilizados pelo velocista canadense Ben Johnson, que entrou em evidência e fez com que as buscas por tais fármacos aumentassem. A utilização dos

recursos não demorou a gerar conseqüências: foram encontradas ocorrências ligando o uso a óbitos e efeitos virilizantes nas mulheres.

Ainda na década de 1990, iniciaram-se as preocupações em frear o uso de drogas na modalidade como um todo e preservar as características femininas das competidoras. Registros de tentativas de criação de novas categorias que avaliassem a estética facial e não somente corporal foram encontradas, porém não obtiveram sucesso, extinguindo-se na seqüência. Com a chegada dos anos 2000, novas tentativas, dessas vezes bem sucedidas, foram adotadas. Sendo esse o marco inicial do terceiro artigo da dissertação, que foi elaborado pelo método da História Oral, a partir da fala de envolvidos com a modalidade. A metodologia busca, por meio da oralidade, gerar fontes históricas sobre um determinado assunto, e pode muitas vezes, surpreender, extrapolando os assuntos esperados previamente pelos pesquisadores. Foram entrevistados cinco agentes envolvidos com o fisiculturismo, de forma presencial e em quatro estados brasileiros, sendo que as viagens foram integralmente arcadas pela pesquisadora. Os entrevistados foram escolhidos devido o envolvimento com a prática durante o período estudado, sendo que todos concordaram com o termo de consentimento livre e esclarecido e com a utilização de seus nomes.

O terceiro artigo foi o primeiro a utilizar as fontes orais, debruçando-se entre os anos de 2000 e 2015, quando passou a ser incorporada a ideia de diversificar internacionalmente as categorias do fisiculturismo de mulheres aos campeonatos. Sendo que em 2002, por exemplo, a categoria *Bodyfitness* foi incorporada, e apesar de ser um sucesso no exterior, não foi compatível ao biótipo das mulheres brasileiras devido aos diâmetros de quadris. Com o objetivo de popularizar a modalidade de mulheres no Brasil e a dificuldade das competidoras de se enquadrarem no novo padrão, surgiu em 2005, no Rio de Janeiro- RJ, a categoria *Wellness Fitness*, criada pelo brasileiro Gustavo Costa, um dos entrevistados nesta dissertação.

A categoria valorizava as curvas das mulheres brasileiras, especialmente as do quadril, chamando atenção pela exibição de glúteos avantajados, característica essa que fez surgir os primeiros relatos de assédio encontrados no estudo. Após o surgimento da *Wellness Fitness* (única categoria atualmente aceita em campeonatos internacionais que foi criada fora dos Estados Unidos da América), outras duas categorias para mulheres foram criadas, a *Bikini Fitness* (2010) e a *Women's Physique* (2012). O terceiro artigo se concentrou até o ano de 2015, quando a categoria que deu origem ao fisiculturismo de mulheres, *Bodybuilder*

feminino, foi excluída dos principais campeonatos da modalidade pelo excesso do uso de drogas por parte das competidoras. Encerrando assim o período histórico ao qual a dissertação se propôs a investigar.

Os discursos a cerca da criação de categorias sugerem que elas ocorreram como uma tentativa de amenizar os efeitos virilizantes nas mulheres e dessa forma reduzir o uso de fármacos. Apesar disso, questiona-se se o principal motivador da diversificação liga-se ao envolvimento de empresas de suplemento alimentar patrocinadoras da modalidade, uma vez que padrões estéticos popularmente aceitos funcionariam como um facilitador de vendas e divulgação. A ideia se reforça ao perceber que as competidoras que participam de categorias mais viris possuem menos oportunidades de receber patrocínios. Outra questão importante a ser levantada é que nenhuma evidência ou relato oral estudado apontou o envolvimento de mulheres na organização dos eventos da modalidade, levando a crer que a modalidade é predominantemente conduzida por homens.

Outros dois artigos foram acoplados ao estudo por serem referentes a temáticas que ganharam evidência nas entrevistas coletadas e corresponderem aos aspectos sociais da modalidade. Ao utilizar a metodologia o pesquisador precisa estar ciente de que comumente aparecerão temáticas que extrapolam assuntos históricos, podendo inclusive surpreender o entrevistador. O artigo de número quatro se concentrou em analisar as conseqüências da prática do fisiculturismo e o artigo de número cinco teve como objetivo evidenciar a hipersexualização envolvendo o fisiculturismo de mulheres.

O quarto artigo não se restringiu exclusivamente as mulheres, pois se entende que há conseqüências que atingem competidores de ambos os sexos. A vigorexia se trata de uma delas. Patologia desenvolvida pelo envolvimento do praticante com a modalidade, a restrição alimentar severa e a alta intensidade dos treinamentos, fazendo com que o competidor não se sinta satisfeito a com sua forma física independentemente de sua evolução, cria vícios diversos. Conseqüências quanto ao convívio social foram encontradas, muitas vezes relacionadas à falta de apoio de pessoas próximas com os objetivos do praticante, justificando-se pela preocupação destes com os riscos que os hábitos adotados podem causar. Casos de agressividade por parte dos praticantes em decorrência do estresse gerado e do uso de fármacos também foram citados e relacionados com os impactos sociais. Todas as demais conseqüências encontradas fazem relação com o uso de tais drogas. Os efeitos nocivos à saúde do usuário, casos de mortes, negligências de prescrição (ilegalmente feita por

preparadores) e a falta de providências pelas instituições organizadoras que colaboram para a normalização do uso.

Particularmente em relação ao fisiculturismo de mulheres (que é o fio condutor da presente dissertação), há uma consequência marcante, a virilização (presença de características consideradas masculinas em mulheres, tal qual aumento de pelos, engrossamento de voz, queda de cabelo, entre outras). Esta é caracterizada por aspectos adquiridos em decorrência do uso de esteróides anabolizantes, masculinizando a figura da mulher, gerando situações constrangedoras quando as usuárias são comparadas ou confundidas com homens. O problema não é recente, sendo que já foram tomadas diversas medidas para contê-lo, como a diversificação de categorias e mudanças nos critérios de julgamento, citados nos artigos anteriores.

Por último, o artigo cinco detalhou a hipersexualização das mulheres no fisiculturismo brasileiro. O tema foi abordado pela dissertação, pois a quantidade e a intensidade dos relatos relacionados ao assunto nas entrevistas chegaram a ser surpreendentes. Os achados apontaram que casos de assédio são comuns na modalidade devido à exposição corporal. As competidoras brasileiras enfrentam estereótipos ligados à prática sexual, que se relacionam a cultura brasileira e os pré-conceitos dos estrangeiros para com o Brasil. A prostituição também se apresentou como uma questão frequente em duas situações. A primeira delas por competidoras que, pela alta quantidade de recursos financeiros para arcar a modalidade, acabam aceitando propostas sexuais; e a segunda por prostitutas que buscam participar de competições de fisiculturismo para exporem os corpos e, assim, ficarem sujeitas a novos clientes.

As fontes apontaram a crescente das redes sociais como um agravante na prostituição presente no meio, uma vez que funciona como um facilitador na comunicação dos interessados e na divulgação das competidoras que pretendem se prostituir, além de promover a comercialização online de fotos e vídeos pornográficos. O artigo se mostra como um avanço dos estudos da área, contribuindo com um tema até o momento não explorado no fisiculturismo de mulheres.

Dessa forma a presente dissertação atingiu seu objetivo e ainda levantou duas novas questões importantes, as consequências negativas da prática e a hipersexualização, preenchendo lacunas existentes ligadas aos aspectos históricos e sociais do fisiculturismo de

mulheres, contribuindo para o avanço das pesquisas da área. Conclui-se, portanto que o fisiculturismo de mulheres passou por alterações desde seu surgimento no Brasil (1978) até a exclusão da categoria inicial (2015), sendo que nesse período passou a se vincular com polêmicas ligadas aos problemas de saúde e a sexualização.

Sendo assim, no fisiculturismo há uma busca extenuante sobre a estética corporal, o que faz com que os competidores ultrapassem os limites saudáveis para atingir seus objetivos mesmo sabendo o mal que estão gerando a si próprios. Juntamente a negligência apresentada pelos organizadores referentes aos problemas, não tomando nenhuma atitude para frear tais situações devido à falta de interesse, pois, de certa forma as federações se beneficiam, por exemplo, recebendo incentivos financeiros de empresas clandestinas fabricantes de fármacos utilizados na modalidade.

O fato de não haver preocupação em definir o fisiculturismo como um esporte faz com que tanto os competidores como os organizadores mantenham os hábitos negativos, assim como os preparadores, que mesmo não sendo autorizados para tal, fornecem dietas e protocolos de fármacos aos competidores.

Para os interessados na evolução da modalidade de mulheres e a correção dos problemas, sugere-se que medidas passem a ser adotadas exclusivamente para frear o uso de fármacos intensificadores de estética e, conseqüentemente, da virilização. Que as federações tomem providências, reforçando a conscientização, recusando patrocinadores ilegais, condenando o assédio e iniciando campanhas de conscientização da importância da busca por profissionais devidamente qualificados para ajudar os competidores. Dentre esses, podem-se citar os profissionais de Educação Física, nutricionistas, médicos e psicólogos, pois, dessa forma, podem ser evitadas as conseqüências aqui levantadas.

Referente às questões envolvendo a prostituição na modalidade sugere-se que sejam tratadas abertamente pelos organizadores e sejam criadas políticas de conscientização, dessa forma diminuindo a vinculação do fisiculturismo com esses casos. Sugere-se também que estudos futuros explorem a evolução dos corpos no fisiculturismo perante a História do Corpo e as diferenças entre os padrões estéticos da modalidade e os socialmente aceitos.

Novos estudos podem ser elaborados para que outras contribuições aconteçam e promovam a evolução do fisiculturismo, não só de mulheres como o de homens, como por exemplo, os ocorridos na modalidade nos anos seguintes aos aqui apresentados, bem como

estudos que se aprofundem ainda mais nos treinamentos, na alimentação e na saúde dos competidores de forma específica. Por tratar-se o fisiculturismo de uma modalidade que executa práticas nocivas aos praticantes quanto mais profundas forem as investigações a cerca do assunto maiores serão as contribuições, não apenas acadêmicas mas também para a compreensão, conscientização e proteção dos competidores. Pois, “No fisiculturismo tudo o que você faz é atentar contra a própria vida” (Tiago Celli, 2022).

## **10- EPÍLOGO**

Durante o período que me dediquei ao fisiculturismo vivi para o meu corpo, e não em meu corpo. Meus olhos e minha mente não conseguiam assimilar algo além da fixação que eu possuía pelo fisiculturismo, todas as minhas escolhas convergiam pela estética física imposta pela modalidade. Qualquer atitude que eu considerasse que poderia “estragar” meu corpo era abominável para mim. Mal sabia eu, ou talvez não quisesse admitir, que eu estava de fato estragando meu corpo! O deixando debilitado, doente e alterado. Chegar a essa conclusão, admitir e me colocar frente a frente com as conseqüências da modalidade não foi algo simples, custou tempo, crises de identidade e muita reflexão.

A construção da dissertação, para mim, foi uma missão bastante desafiadora. Principalmente no que diz respeito às entrevistas. Digo isso, pois, logo na primeira entrevista, que seria também meu primeiro contato prático com a História Oral, me deparei com um orador disposto a revelar tudo sobre a modalidade. A questão é que esse “tudo” foi muito maior do que eu estava esperando ouvir, e me geraram grandes surpresas que foram se confirmando nas entrevistas seguintes e recebendo ainda mais profundidade. Creio que o mais impactante foi saber sobre temas polêmicos que até então eu não tinha conhecimento, o exagero em drogas e a prostituição principalmente. Voltei da viagem bastante confusa e demorei mais de 15 dias para ter coragem de escutar novamente aos relatos, pois de certa forma, eles me geravam sentimentos negativos, visto que frente a eles eu não poderia mais negar o fato de que o fisiculturismo não era o que eu acreditava ser quando competia.

Confesso que me senti bem em dúvida sobre expor ou não os temas, mas crendo não ser justo esconder, resolvi cumprir com meu papel de pesquisadora e explorar os assuntos. Apaixonei-me também pela História Oral, reconhecendo a importância dela na preservação dos relatos, ultrapassando os limites do ciclo da vida dos envolvidos, permitindo que memórias até então recentes possam ser acessadas futuramente. Além disso, nesse período de mestrado tive a oportunidade de evoluir como pessoa e aceitar as mudanças.

Ingressei como uma ex-competidora que recentemente havia se afastado da modalidade e que ainda tinha inseguranças as mudanças que estavam acontecendo em um físico que até então era bastante atlético, mas que também estava se recuperando das cargas hormonais e dos protocolos exagerados. Tive que passar por um longo processo de aceitação e adaptação ao novo estilo de vida (mais equilibrado e saudável). Hoje lido com outro físico, que também está passando por mudanças, dessa vez não por performance ou por estética, mas por estar gerando o milagre da vida. Espero hoje, com muita alegria, a chegada de meu filho, Charles Caetano Miola.

Figura 5



Angela Giacomitti. Acervo pessoal.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHIN, O. S. C; SOUSA, E. C. Esteróides anabolizantes androgênicos e seus efeitos colaterais: uma revisão crítico-científica. **Revista de Educação Física UEM**. v.24. n.4. p.669-79. 2013.
- ALBERTI, V. Manual de História Oral. Rio de Janeiro- RJ. **Fundação Getúlio Vargas**. 234p. 2005.
- ALMEIDA, T. **O conceito de amor: um estudo exploratório com uma amostra brasileira**. Universidade de São Paulo. 261p. 2017.
- ALMENIDA, M. B; GUTIERREZ, D. M; GUTIERREZ, G. L. O doping e os Jogos Olímpicos: Diferentes dimensões do fenômeno. **Revista USP**. n.108, p.77-86. 2016.

- ALVES, R. C; *et al.* Training programs designed for muscle hypertrophy in bodybuilders: A narrative review. **Sports**. v.8. n.149. 15.p 2020.
- ANDREASSON, J; HENNING, A. Glocal fitness doping: Policy, practice and prevention in the United States and Sweden. **Performance Enhancement and Health**. v.6. n.3. p.103-10. 2019.
- ANDREASSON, J; JOHANSSON, T. Negotiating female fitness doping: gender, identity and transgressions. **Sport in Society**. v.24. n.3. p. 323-39. 2021.
- ARANHA, F. K. B. **Cultura da beleza: Prostituição, corpo e práticas educativas**. Universidade Federal do Ceará. 118p. 2018.
- ARAÚJO, A. M. A; VAZ, Alexandre Fernandez; BASSANI, Jaison José. Corpo e identidade: Um olhar sobre mulheres praticantes de bodybuilding. Porto Alegre-RS. **Movimento**. v.24. n.3. p.961-972. 2018.
- ARENT, M. **Gênero e erotismo: etnografia de um clube de mulheres no Rio de Janeiro**. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. 261p. 2007.
- ARRAES, C. T; MÉLO, R. S. Negociando limites, manejando excessos: vivências cotidianas e um grupo de fisiculturistas. Petrolina-PE. **Movimento**. v.26. 18p. 2020.
- ASCHIDAMINI, I. M; SAUPE, R. Grupo focal estratégia metodológica qualitativa: um ensaio teórico. **Cogitare Enfermagem**. v.9. n.1. p. 09-14. 2004.
- BADLEY, G. Publish and be doctor-rated: the PhD by published work. **Quality Assurance in Education**, v. 17. n.4. p. 331-42. 2009.
- BARBOSA, O. J. P. **Efeitos prejudiciais provocados pela utilização de anabolizantes esteróides androgênicos (EAAs) em mulheres de fisiculturismo**. São Luiz- MA. Centro Universitário UNDB. 45p. 2021.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: **Ed. Revista Ampliada**. 229p. 2011.
- BARROS, J. D'A. Sobre o uso de jornais como fontes históricas- uma síntese metodológica. **Revista Portuguesa de História**. v. 52. p. 397-419. 2021.
- BARROSO, P. **Arte e sociedade: comunicação com processo**. Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia. 8p. 2004.
- BETTENCOURT, A. M. M; PINTO, M. Z.R. A hemeroteca digital brasileira. **XXV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, documentação e ciência da Informação**. Florianópolis- SC. 07-10/jul. 2013.
- BOARDLEY, I; GRIX, J. Doping in bodybuilders: A qualitative investigation offacilitative psychosocial processes. **Qualitative Researching Sport, Exerciseand Health**. v.6. n.3. p.422-39. 2014.
- BOUCHARD, P; BOUCHARD, N; BOILY, I. **La sexualisation précoce des filles**. Montréal, Sisyphé. 2005.

BRASIL, E; NASCIMENTO, L. F. História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. **Estudos Históricos**. v.33. n.69. p.196-219. 2020.

BRAUDEL, F. História e Sociologia. França. **Revista de História**. v.3. n.61. 21p. 1965.

BUTTI, M. **Esporte espetáculo e mídia: implicações para a qualidade de vida**. In: MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R. (orgs). **Esporte como um fator para a qualidade de vida**. Piracicaba: Unimep. 2002.

CAMARGO, T. P. P; *et al.* Vigorexia: revisão dos aspectos atuais deste distúrbio de imagem corporal. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**. v.1. n.15. 14p. 2008.

CAMPBELL, F; HAVERDA, M. B; BARTKOWSKI, J. P. Rival Bodies: Negotiating Gender and Embodiment in Women's Bikini and Figure Competitions. **Soc. Sci.** v.10. n.2. 36p. 2021.

CANDAU, J. Memória e identidade. Tradução: Maria Leticia Ferreira. **Editora Contexto**. São Paulo. 219p. 2011.

CATROGA, F. Memória, História e Historiografia. Rio de Janeiro- RJ. **FGV editora**. 100p. 2016.

CECCARELLI, P. R. Prostituição: **Corpo como mercadoria**. *Mente & cérebro–sexo*. v. 4. n.1. p. 1-14. 2008.

CERRI, L. F. Os conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da História. **Revista de História Regional**. v.6, n.2, p. 93-112. 2001.

CHOW, B. Sculpting Masculinities in 19th-and 20th-Century Physical Culture: The Practiced Life of Stanley Rothwell. **TDR - The Drama Review - A Journal of Performance Studies**.v.6. n.2. p. 34-56. 2019.

CLEVELAND, K. Eugene Sandow's "Grecian Ideal" and the Birth of Modern Body-Building. **Philomathes**. 13p. 2017.

CONRAD, S. Globalizing the Beautiful Body: Eugen Sandow, Bodybuilding, and the Ideal of Muscular Manliness at the Turn of the Twentieth Century. Alemanha. **Journal of World History**. v.32. n.1. 2021.

CORBIN, A; COURTINE, J. J; VIGARELLO, G. História da virilidade: 3. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Tradução de Noeli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. Petrópolis- RJ. **Vozes**. 2013.

COSTA, W. N. G. **Dissertações e teses multipaper: uma breve revisão bibliográfica**. Anais do Seminário Sul-Mato-Grossense de Pesquisa em Educação Matemática, v.8. n.1. 2014.

DALEY, C. The strongman of eugenics, Eugen Sandow (Australia, bodybuilding, health). **Australian Historical Studies**.v.33. n.120. p. 233-48. 2002.

- DELGADO, L. A. N. História oral: Memória, tempo e identidades. **Autêntica**. 136p. 2017.
- DEVIENNE, E. Bathingbeauties, bodybuilders et surfeurs: L'émergence de cultures corporel lesoriginal essur lesplages de Los Angeles (années 1920-1930). **Revue Francaise d'Études Americaines**.v.142. n.1. p.24-39. 2015.
- DEVIRIM, A; BILGIC, P; HONGU, N. Is There Any Relationship Between Body Image Perception, Eating Disorders, and Muscle Dysmorphic Disorders in Male Bodybuilders? **American Journal of Men's Health**.v.12. n.5. p.1746-58. 2018.
- ECO, U. História da beleza. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro. **Editora Record**. 2004.
- ESTEVÃO, A. Prática do fisiculturismo: significados. Florianópolis- SC. **Motrivivência**. n.24. p.41-57. 2005.
- FABRIS, M. A; *et al.* Attachment style and risk of muscle dysmorphia in a sample of male bodybuilders. **Psychology of Men and Masculinity**.v.19. n.2.2018.
- FERREIRA, A. G. C. Bibliometria na avaliação de periódicos científicos. **Revista da Ciência da Informação**. v.2. n.3. 2010.
- FORBS, G. B; *et al.* Perceptions of the social and personal characteristics of hypermuscular women and of the men who love them. **The Journalof Social Psychology**. v.14. n.5. p. 487-506. 2010.
- FRAGA, A. M; GALLON, S; VAZ, E. R. D. Estereótipos, preconceitos e assédio nas trajetórias de expatriadas brasileiras. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**. v.15. n.1. p. 165-79. 2021.
- FREITAS, M. E; Assédio moral e assédio sexual: faces de poder perverso nas organizações. **Revista de Administração de Empresas**. v.41. n.2. p. 08-19. 2001.
- FUCHS, P. M. Diagnosis in track and field performances past the 1988 Bem Johnon doping scandal. **Mathematical methods in the Applied sciences**. v.22, n.15, p. 1351-73. 1999.
- GERMANO, I. So Cute, So Creepy: Children undoing the human in Het Hamilton complex. **Performance Research**.v.23. n.1. p.44-51. 2018.
- GIACOMITTI CARDOSO, A. C; OSIECKI, A. C.V. Verificação da qualidade de vida em atletas de fisiculturismo de alto rendimento. **Revista Inspirar**. v.22. n.1. 2022.
- GIACOMITTI CARDOSO, A.C; SANTOS, L.C.A. “Coach da Morte” Um estudo de caso no fisiculturismo feminino a partir da proposta dos 5’Es. **Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales Del Deporte**. v.15. n.1. p. 121-39. 2023.
- GIORDANO, R. B. Hemeroteca Digital Brasileira como fonte de informação para pesquisa científica. **Jornal da Ciência**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2016.

- GOELLNER, S. V. Pesquisas qualitativas na Educação Física brasileira: marco teórico e modos de usar. **Revista da Educação Física/ UEM**. v.2. n.3. p.381-410. 2010.
- GOLDIM, J. R; PITHAN, C. F; OLIVEIRA, J. G; RAYMUNDO, M. M. O processo de consentimento livre e esclarecido em pesquisa: Uma nova abordagem. **Rev Assoc Med Bras**. Porto Alegre- RS. v.49. n.4. p.372-374. 2003.
- GONÇALVES, M. C; COSTA, A. T. V. Corpo e laboratório: experimentos de mulheres fisiculturistas. **Revista Estudos Feministas**. v.29. n.2. 13p. 2021.
- GONZÁLEZ-MARTÍ, B; *et al.* Physical perceptions and self-concept in athletes with muscle dysmorphia symptoms. **Spanish Journal of Psychology**. v.17. n.43. 2014.
- GRECCO, M. V; MORGAN, C. R. Esteróides anabólicos no fisiculturismo. **Revista Brasileira de Fisiologia do Exercício**. v.7. n.1. p. 21-8. 2008.
- GUMBRECHT, H. U. Elogio da Beleza Atlética. Tradução Fernanda Ravagnani. São Paulo. **Companhia das Letras**. 2007.
- GUTHRIE, S. R; CASTELNUOVO, S. Elite women bodybuilders: Models of resistance or compliance? *Play & Culture*. .v.5. n.4. p. 401-8. 1992.
- HABEEB, M.B; *et al.* Athletes' Perceptions Toward Substance Use in Baghdad City. **American Journal of Men's Health**. v.6. n.6. p. 462-71. 2012.
- HALUCH, D. HORMONIOS NO FISICULTURISMO. Florianópolis: **Editora Letras Contemporâneas**, 264p. 2017.
- HALUCH, D. NUTRIÇÃO NO FISICULTURISMO. Florianópolis: **Editora Letras Contemporâneas**, 312p. 2018.
- HARTGENS, F; KUIPERS, H. Effects of androgenic- anabolic steroids in athletes. **Sport Med**. v. 34. n. 8. p. 513-554. 2004.
- HOCKIN-BOYERS, H; JAMIE, K; POPE, S. Moving beyond the image: Theoring "extreme" female bodies. **Women's Studies International Forum**. v.83. 2020.
- IBARZABAL, F. A. Bodybuilders Who Consume Anabolic Steroids and its Relationship with Their Physical Self Description and Rtheir Physical Social Anxiety. **Universitas Psychologica**.v.10. n.1. p.137-47. 2011.
- JAEGER, A. A. O músculo estraga a mulher? A produção da feminilidade no fisiculturismo. **Estudos Feministas**. v.19. n.3. p. 955-75. 2011.
- JESUS, D. S. V. "Vem monstro!": Suplementação alimentar e masculinidade hegemônica em perfis de homens fitness no Instagram. **Record**. v.10, n.2, p. 1-14. 2017.
- KAMPF, R. *Para uma estética na pornografia*. Universidade do Sul de Santa Catarina. 79p. 2008.
- KAROJLIJA, A. L; *et al.* Social physique anxiety among bodybuilders. **Collegium Antropologicum**.v.41. n.3. p. 247-254. 2017.

- KOTZÉ, J; RICHARDSON, A; ANTONOPOULOS, G. Looking ‘acceptably’ feminine: A single case study of a female bodybuilder's use of Performance Enhancement and Health. **Performance Enhancemen & Health**. v.8. n.2. 2020.
- LANE, S. T. M. O que é psicologia social. Brasil. **Editora Brasiliense**. 87p. 2017.
- LEÃO, C. V. **A exclusão da categoria Bodybuilding feminina nos campeonatos de Fisiculturismo: uma análise inicial**. Porto Alegre- RS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 48p. 2015 b.
- LEÃO, C. V. **Pioneiras do fisiculturismo no Rio Grande do Sul: fatores motivacionais para a adesão ao treino e as competições**. Porto Alegre- RS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 56p. 2015 a.
- LINDER, F. Life as art, and seeing the promise of big bodies. **American Ethnologist**. v.34. n.3. p.451-72 2007.
- MACHADO JUNIOR, C; *et al.* As leis da bibliometria em diferentes bases de dados científicos. **Revista de Ciências da Administração**. v.18. n.44. p. 111-123. 2016.
- MACHADO, E. P; FRAGA, A. B. Anabolics steroids in a physical education under graduate program: Anethical-sanitary dilemma among bodybuilder students. **Journal of Physical Education**. v.31. n.1. 2021.
- MACHO, J; MUDRAK, J.M; SLEPICKA, P. Enhancing the Self: Amateur Bodybuilders Making Sense of Experiences With Appearance and Performance-Enhancing Drugs. **Sec. Moviment Science and Sport Psychology**. v.12. n.1. 14p. 2021.
- MARQUES, F. Uma Prova de Qualidade: Estudo inclui o Brasil no Ranking dos países que mais fazem pesquisas relevantes. **Pesquisa FAPESP**.v.102. n.1. p.24-27. 2004.
- MARSHALL, K; CHAMBERLAIN, K; HODGETTS, D. Male bodybuilders on Instagram: negotiating inclusive masculinities through hegemonic masculine bodies. **Feminism & Psychology**. v.29. n.1. p. 96-119. 2019.
- MCBURNEY, M. K; NOVAK, P. L. **What Is Bibliometrics and Why Should You Care?** Conference: Professional Communication Conference. p.108-114. 2002.
- MEIHY, J. C. B. Manual de História Oral. **Edições Loyola**.Ed 2. 87p. 1996.
- MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza; FRANCO, Marcel Alves; OHL, Fabian. The constructionofthe body bybodybuilding in Brazil. **Movimento**.v.25. n.1. 16p. 2019.
- MICHELS, L; *et al.* Steroid Use in Free Time Bodybuilders. **Psychotherapie Psychosomatik Medizinische Psychologie**. v.61. n.12. p. 512-7. 2011.
- MICHELS-LUCHT, F; *et al.* Steroid Use in Free Time Bodybuilders. **Psychotherapie Psychosomatik Medizinische Psychologie**.v.61. n.12. p.512-17. 2011.
- MILLINGTON, B. Fit for presumption: interactivily and the second fitness boom. **Media, Culture & Society**. v. 38. n. 8. p. 1184-200. 2016.

MINUZZI, L. G. Recursos ergogênicos no esporte. **Editora Senac**. São Paulo. 126p. 2021.

MONACO, H. M. **Toda desenhada à mão: Etnografia do fisiculturismo feminino em Santa Catarina**. Florianópolis- SC. Universidade Federal de Santa Catarina. 119p. 2016.

MONAGHAN, L; Bloor, M; Dobash, R P; Dobash, R E, 'Drug-taking, 'risk boundaries' and social identity: Bodybuilders' talk about ephedrine and nubain'. **Sociological Research Online**. v.5. n.2. 2000.

MUTTI, G. S. L; KLUBER, T. E. **Formato multipaper nos programas de pós-graduação stricto sensu brasileiros das áreas de Educação e Ensino: um panorama**. In: Seminários internacional de pesquisa e Estudos Qualitativos Anais. 2018.

NASCIMENTO, M. V. R; *et al.* Vigorexia, um mal que aflige os fisiculturistas portugueses: facto ou mito? **Revista Sociedade Científica**. v.4. n.1. p. 22-50. 2021.

NAVES, B. S. **Mulheres ampolas e músculos: o uso de esteróides anabolizantes em academias de ginástica**. Universidade de Brasília. 100p. 2013.

NEVES, T. G. **Os primórdios do halterofilismo e do fisiculturismo no Brasil**. Porto Alegre- RS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 63p. 2012.

NOGUEIRA, F.R.S; *et al.* Anabolic-androgenic steroid use among brazilian bodybuilders. **Substance Use and Misuse**. v.49. n.9. 2014.

OLIVEIRA, J. E. C. O esporte e a arte na sociedade. **EF Desporte.com, Revista Digital**. Buenos Aires. v.16. n.162. 2011.

OLIVEIRA, L. L; CAVALCANTE NETO; J. L. Fatores sociodemográficos, perfil dos usuários e motivação para o uso de esteróides anabolizantes entre jovens adultos. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**. v.40. n.3. 2018.

OLIVEIRA, V. A; SILVA, A. M; ALMEIDA, D. F. Entre um ideal ético e estético: As atletas em campeonatos de musculação Fitness e fisiculturismo. Goiânia- GO. **Pensar a Prática**. v.22. 11p. 2019

PINHO, M. V. B. Origem e desenvolvimento do fisiculturismo: uma análise fílmica. Brasília-DF. **UNICEPLAC**. 26p. 2020.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. v.5. n.10. p. 200-21. 1992.

PORTELLI, A. TENTANDO APRENDER UM POUQUINHO: Algumas reflexões sobre ética na História Oral. **Proj. História**. São Paulo-SP. v.15. p.13-49. abr.1997b.

POTELLI, A. O que faz a história oral diferente? **Proj. História**. São Paulo-SP.n.14. p.25-39. fev.1997a.

PROBERT, A; LEBERMAN, S. The Value of The Dark Side: An Insight Into The Risks And Benefits Of Engaging In Health-Compromising Practices From The Perspective Of

- Competitive Bodybuilders. **European Sport Management Quarterly**. v.9. n.4. p.353-73. 2009.
- RAHBARI, L. Pushing gender to its limits: Iranian women bodybuilders on instagram. **Journal of Gender Studies**. v.28. n.5. p. 591-602. 2019.
- REICH, J. "The world's most perfectly developedman": Charles Atlas, physical culture, and the inscription of american masculinity. Estados Unidos. **Men and Masculinities**. v.12. n.4. 2010.
- RICHARDSON, N. Flex-rated! Female bodybuilding: feminist resistance or erotic spectacle? **Journal of Gender Studies**. v.17. n.4. p. 289-301.2008.
- ROBERT, A. P; FILHA, E. A. O. Ativação de patrocínio: uma análise do evento Arnold Classic Brasil 2016. Curitiba- PR. **XVII Congresso de Ciência da Comunicação na Região Sul**. 15p. 2016.
- ROCHA, A. L. C. Etnografia: Saberes e práticas. Porto Alegre-RS. **Editor da Universidade**. 23p. 2008.
- ROUSSEL, P; GRIFFET, J; DURET, P. The decline of female bodybuilding in France. **Sociology of Sport Journal**.v.20. n.1. 2003.
- SAATI, M. H; *et al.* Personal and psycho social factors associated with anabolic-androgenic steroid use among Iranian male bodybuilders. **Journal of Substance Use**.v.3. n.4. p.390-95. 2018.
- SABINO, C; LUZ, M. Forma da dor e dor da forma: Significado e função da dor física entre praticantes de bodybuilding em academias de musculação do Rio de Janeiro. **Physis: Revista Da Saúde Coletiva**. v.24. n.2. p.467-90. 2014.
- SANTOS, A. M; ROCHA, M. S. P; SILVA, M. F. Illicit use and abuse of anabolic-androgenic steroids among Brazilian bodybuilders. **Substance Use and Misuse**.v.47. n.6. p.742-8. 2011.
- SANTOS, S. J. F; MACIEL, S. F. H; MENEGETTI, D. Consumption of protein supplements and anger expression in bodybuilders. **Revista da Educação Física/ UEM**. v.22. n.4. p. 623-35. 2011.
- SCHWARZENEGGER, A. **Enciclopédia de fisiculturismo e musculação**. Ed.1. 834p. 2001.
- SEVERO SANTOS, J. F; SANTANA MACIEL, F. H, MENEGETTI, D. Consumo de suplementos protéicos e Expressão da raiva em praticantes de Musculação. **Revista da Educação Física**.v.22. n.4. p. 623-35. 2012.
- SHILLIG, C; BUNSELL, T. The female bodybuilder as a gender outlaw. **Qualitative Research in Sport and Exercise**. v.1. n.2. p.141-159. 2009.
- SHILLING, C; BUNSELL, T. The female bodybuilding as a gender outlaw. Reino Unido. **Qualitative Research in Sport and Exercise**. v.1 n.1. p. 141-159. 2009.

- SILVA, G; MAIA, F. D. Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico. **Rumores**. v.5. n. 10. 19p. 2011.
- SILVA, K. A; CAPPELLE, M. C. A. O trabalho na prostituição de luxo: Análise dos sentidos produzidos por prostitutas em Belo horizonte- MG. **Revista de Gestão Social e Ambiental**. p. 23-39. 2017.
- SMITH, A. C. T; STEWART, B. Body conceptions and virtual ethnopharmacology in an online bodybuilding Community. **Performance Enhancement and Health**. v.1. n.1. p. 35-38. 2012.
- SOLER, P. T; *et al.* Vigorexia e níveis de dependência de exercícios em frequentadores de academias e fisiculturistas. **Rev Bras Med Esporte**. v.19. n.5. p. 342-48. 2013.
- SOUZA, J; MARCHI JÚNIOR, W. Bourdieu e a sociologia do esporte. **Tempo Social**. v.29. n.2. p.243-286. 2017.
- STERN, M. The Fitness Movement and the Fitness Center Industry, 1960-2000. **Business and Economic History**. v.6. p.1-26. 2008.
- TAZEGÜL,U. Comparison of the narcissism level of the bodybuilders before and after the application of anabolic steroid cure. **Universal Journal of Educational Research**.v.6. n.6. p.149-52. 2018.
- TOON, E; GOLDEN, J. Rethin king Charles Atlas. **Rethin king History**.v.4. n.1. p.80-84.2000.
- TRICKER, R; O' NIELL, M. R; COOK, D. The incidence of anabolic steroid use among competitive bodybuilders. Estados Unidos. **Journal of Drug Education**. v.19. n.4. p.313-325. 1989.
- VALDEZ. The brawn of a new era: "Picturing the Modern Amazon", the New Museum's recent show devoted to female bodybuilding. **Art In America**. 2000.
- VIGARELLO, G. A História e os modelos do corpo. **Pro-Posições**. v.14. n.2. 29p. 2003.
- VIGARELLO, G. História da Beleza: O corpo e a arte de embelezar, do renascimento aos dias de hoje. Tradução Leo Schlafman. Rio de Janeiro. **Ediouro**. 2006.
- WELLMAN, M. What it means to be a bodybuilder: social media influencer labor and the construction of identity in the bodybuilding subculture. **The Communication Review**. v.23. n.4. p. 273-289. 2020.
- WIEGERS, Y. Male bodybuilding: The social construction of a masculine identity. Canadá. **Journalo f popular culture**. v. 32. n.4. p.147-161. 1998.